RB182, 567

Presented to the

LIBRARY *of the*

UNIVERSITY OF TORONTO

by

Professor

Ralph G. Stanton

JULIO DANTAS

A Castro

PORTUGAL-BRASIL L.DA
SOCIEDADE EDITORA
LISBOA

Digitized by the Internet Archive
in 2009 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/castroda00dant

A CASTRO

OBRAS DE JÚLIO DANTAS

POESIA

Nada (1896) — 2.ª edição.
Sonetos (1916) — 3.ª edição.

PROSA

Outros tempos, inquéritos médicos às genealogias reais portuguesas, etc. (1909) — 2.ª edição augmentada.
Figuras de ontem e de hoje (1914) — 2.ª edição.
Pátria Portuguesa (1914) — 4.ª edição, no prelo.
Ao ouvido de M.me X (1915) — 4.ª edição, no prelo.
O amor em Portugal no século XVIII (1915) — 2.ª edição.
Mulheres (1916) — 4.ª edição.
Eles e Elas (1918) — 2.ª edição.
Espadas e Rosas (1919) — 3.ª edição.
Como elas amam (1920) — 2.ª edição.
Abelhas doiradas (1920).
As Grandes Batalhas — no prelo.

TEATRO

O que morreu de amor (1899) — 4.ª edição.
Viriato Trágico (1900) — 2.ª edição.
A Severa (1901) — 4.ª edição, no prelo.
Crucificados (1902) — 3.ª edição, no prelo.
A Ceia dos Cardeais (1902) — 23.ª edição.
D. Beltrão de Figueiróa (1902) — 4.ª edição.
Paço de Veiros (1903) — 3.ª edição.
Um serão nas Laranjeiras (1904) — 3.ª edição.
Rei Lear (1906).
Rosas de todo o ano (1907) — 7.ª edição.
Mater Dolorosa (1908) — 4.ª edição.
Santa Inquisição (1910) — 2.ª edição.
O Primeiro Beijo (1911) — 3.ª edição.
D. Ramon de Capichuela (1912) — 2.ª edição.
O Reposteiro Verde (1912) — 2.ª edição.
1023 (1914) — 2.ª edição.
Sóror Mariana (1915) — 2.ª edição.
Carlota Joaquina (1919) — 2.ª edição.
D. João Tenório (1920).
A Castro (1920).

A data indicada para cada obra é a da sua primeira edição

JÚLIO DANTAS
Sócio efectivo da Academia das Sciências de Lisboa
Da Academia Brasileira de Letras

A CASTRO

Adaptação, em 4 actos, da CASTRO, de António Ferreira

LISBOA
PORTUGAL-BRASIL LIMITADA
SOCIEDADE EDITORA
58 — RUA GARRETT — 60

RIO DE JANEIRO
COMPANHIA EDITORA AMERICANA
LIVRARIA FRANCISCO ALVES

Reservados todos os direitos de reprodução em Portugal, conforme preceituam as disposições do *Código Civil Português;* no Brasil, nos termos do convénio de 9 de Setembro de 1889 e lei n.º 2.577, de 17 de Janeiro de 1912 ; nos países convencionados, em harmonia com a convenção de Berne, a que Portugal aderiu por decreto de 18 de Março de 1911.

Imprensa PORTUGAL-BRASIL, Rua da Alegria, 100 – Lisboa

A Castro, *primeira tragédia regular da literatura portuguesa, escrita em 1557 pelo doutor António Ferreira, impressa em 1587, e representada antes desta data em Coimbra, é a dramatização de um assunto medieval — os amores de D. Pedro e Dona Inês — feita segundo o* cânon *da tragédia grega, em cinco curtos episódios separados por* stásima *corais, e adoptando, pela primeira vez em Portugal, o dècasilabo branco italiano usado por Giangiorgio Trissino na* Sophonisba. *Durante mais de três séculos, êste monumento do nosso teatro arcáico não se representou, servindo apenas, como* «tous ces longs cadavres vénérables qui encombrent les litteratures» — *na frase de Romain Rolland — para o estudo paciente dos filólogos. Coube-me agora a honra de reani-*

mar a obra-prima de António Ferreira, restituìndo-a, palpitante de vida, ao teatro português, e fazendo-a aplaudir, ao fim de trezentos e trinta e três anos de esquecimento, não apenas com o frio respeito protocolar com que é de uso acolher estas gloriosas múmias clássicas, mas com aquela comoção profunda e aquele entusiasmo vibrante que na alma das multidões só despertam as grandes obras de teatro, dominadoras e eternas. Com efeito, a Castro *subiu à scena na noite de 5 de agosto de 1920, no Teatro Nacional Almeida Garrett, constituìndo, na interpretação admirável de Amélia Rey Colaço, um verdadeiro acontecimento. Tratava-se duma obra reconhecidamente insusceptível de se representar no texto integral, a não ser a título de diver-*

timento erudito, como se usa nas universidades inglesas: foi necessário, portanto, afim de tornar possível a sua realização scénica e de assegurar a sua viabilidade perante as exigências do público moderno, introduzir modificações profundas quer na sua estrutura, quer na sua dinâmica, quer na sua expressão, à semelhança do que Echegaray, Benavente e outros praticaram na vizinha Espanha, em recentes tentativas de rejuvenescimento do teatro de Lope de Vega, de Calderon de la Barca, de Tirso de Molina, de Guevara, e de Moreto. Esta adaptação da Castro, *que agora se dá à estampa depois de aceita, sancionada e legitimada pelo aplauso público, difere, pois, sensivelmente, do texto original de António Ferreira: criaram-se nela personagens no-*

vas; reùniram-se, num acto único, o 3.º e 4.º episódios; atenuou-se a parte do côro, fazendo-se cantar apenas a paródos, *e distribùindo-se os* stásima *por corifêus integrados na acção; procurou-se obter o máximo de movimento compatível com a dignidade hierática da tragédia, e o máximo de lógica e de clareza na dedução dos seus elementos dramáticos; modificaram-se, eliminaram-se, substitùiram-se e acrescentaram-se versos, sempre que isso foi conveniente para maior limpidez da expressão e melhor compreensão das situações; retocou-se, emfim, a tragédia, como se fôsse a velha pintura em tábua dum primitivo do século* XVI, *de fórma a fazê-la sentir e admirar pela multidão; numa palavra, — duma tragédia morta fez-se uma tragédia viva. Que a*

sombra patriarcal do Mestre me perdôe, se puz na sua obra mãos irreverentes. Mas eu entendo, em minha consciência, que prestei à memória de António Ferreira a maior homenagem que podia prestar-lhe, arrancando a Castro *à poeira das bibliotecas, onde só a conheciam os ratos e os filólogos, para, ao fim de três longos séculos, a atirar, em pleno esplendor e em plena glória, para a luz ofuscante do teatro.*

JÚLIO DANTAS.

FIGURAS

Inês de Castro	AMÉLIA REY COLAÇO
A Ama	LUCINDA DO CARMO
Uma donzela de Inês	OFÉLIA BROCHADO
Uma mulher	ADELAIDE SOARES
Afonso IV	ROBLES MONTEIRO
Infante D. Pedro	CLEMENTE PINTO
O aio	AUGUSTO DE MELO
Um velho	EDUARDO RAPOSO
O mensageiro	EDUARDO FREITAS
Diogo Lopes Pacheco	SEIXAS PEREIRA
Pero Coelho	JOSÉ CARDOSO
Alvaro Gonçalves	BOTELHO DO AMARAL

Côro de donzelas de Inês. Bispos, ricos-homens, abades-bentos, monteiros, falcoeiros, homens de armas, escudeiros, trombeteiros, carrascos, povo, os três filhos de Inês (Infantes D. Beatrís, D. João e D. Dinís).

Primeiro acto: em Coimbra, na quinta das Lágrimas. *Segundo acto:* no paço real de Montemór. *Terceiro acto:* no paço de Santa-Clara, em Coimbra. *Quarto acto:* numa estalagem da Beira.

SÉCULO XIV

PRIMEIRO ACTO

ACTO I

A scena passa-se na Quinta-do-Pombal, perto dos paços de Santa-Clara, em Coimbra. Na névoa doirada da manhã adivinham-se os gigantes do convento de claristas que Santa Isabel fundou. Junto da fonte-dos-Amores, que sussurra no silêncio e na sombra, uma grande cadeira gótica repousa sôbre um tapete mourisco. E' nessa cadeira que está INÊS, *ao levantar do pano, tendo, assentado aos pés numa almofada de brocado, um escudeiro moço, quási uma criança, que toca alaúde. As donzelas e cuvilheiras da «Colo de Garça» colhem flôres e riem, ao F., entre o arvoredo. São elas que constitúem o côro da tragédia. — Música de scena. — Manhã.*

SCENA I

INÊS, A AMA, DONZELAS DO CÔRO

INÊS

Colhei, colhei alegres,
Donzelas minhas, mil cheirosas flôres!
Tecei frescas capelas
De lírios e de rosas. Coroai tôdas
As doiradas cabeças!

Respirem suaves cheiros
De que se encha o ar todo.
Sôem doces tangeres, doces cantos.
Honrai o claro dia,
Meu dia tão ditoso!

AMA, *aproximando-se de* INÊS, *com ternura*

Que novas festas, novos cantos pedes?

INÊS, *com as lágrimas nos olhos*

Ama! Na criação, ama; no amor, mãi!
Como eu me sinto alegre!

AMA

Novos extremos vejo:
Nas palavras, prazer; água nos olhos!
Quem te fez, a um tempo, leda e triste?

INÊS

Triste não pode estar quem vês contente.

AMA

Mistura às vezes a fortuna, tudo.

INÊS

Riso, prazer, brandura na alma tenho!

AMA, *enxugando-lhe os olhos*

Lágrimas são sinais de má fortuna.

INÊS

São da boa fortuna companheiras.

AMA

Que fôrça de prazer tas traz aos olhos?

INÊS

Vejo o meu bem seguro, que receava.

AMA

Porque me tens suspensa?
Abre-me já, senhora, essa alma tua.
O mal, abranda; o bem, contando-o, cresce.

INÊS, *erguendo-se*

O' ama! Amanheceu-me um claro dia!

Emquanto INÊS *desce, com a* AMA, *o escudeiro do alaúde, que lhe tem beijado a mão, sobe para junto das donzelas, assenta-se ao F., num banco de pedra, e continúa tocando. A música acompanha a fala de* INÊS:

Falei ao meu senhor. Infante Pedro!
Meu doce amor, minha esperança e honra!
Sabes como em saíndo dos teus braços,
Ama, na viva flôr da minha idade,
(Ou fôsse fado meu, ou estrela minha!)
Com os olhos lhe acendí no peito o fogo,
Fogo que sempre ardeu, e inda arde agora
Na primeira viveza, inteiro e puro.

Mas o espírito inquieto com os clamores
Do povo, e os rogos graves, que trabalham
Apartar êste amor, quebrar-lhe a fôrça,
Me traziam mudada, receando
A volta da fortuna, porque sempre
Um grande bem, um maior mal promete.
Lograva como a mêdo os meus amores;
Criava o grande amor, desconfiança;
E agora, já confío, nada temo.
Falei a meu senhor.

AMA

Que lhe disseste?
E êle, que te falou?

INÊS

Tomei os filhos
Com lágrimas nos olhos, rosto branco,
E em chôro solto, comecei: «Senhor!
Soam-me as cruéis vozes dêste povo,
Vejo d'el-Rei a fôrça e império grave
Armados contra mim, contra a constância
Que em meu amor, té agora, tens mostrado!

Não receio, senhor, que a fé tão firme
Queiras quebrar a quem tua alma déste;
Mas receio a fortuna, que mais possa
Com seu furor, que tu com teu carinho!
Por estas minhas lágrimas; por esta
Tua mão que em sinal de fé me déste;
Pelos doces amores, doce fruito
Que dêle tens diante, te suplico
Me segures, me guardes, me conserves
Contra os duros mandados de teu pai,
Contra importunas vozes dos que podem
Mudar acaso o teu constante peito!
Ou quando a minha estrela e cruel génio
Te puder arrancar desta alma minha,
Com teu amado braço envolto em sangue
Ma arranques dêste corpo, ó meu Infante,
E eu tomarei por doce a minha morte!»

AMA, *chorando*

Moveste-me a alma e os olhos...

INÊS

Assim disse,
Ama.

AMA

E êle?

INÊS

E êle, então, lançando os braços
Estreitamente em mim, em vão trabalha,
Mudado todo, de encobrir a mágua
De meu temor e lágrimas: «E pode,
O' Dona Inês — me diz — pode teu peito
Conceber tal receio? Aquele dia
Primeiro que te vi, não mostrou logo
Que esta minha alma é tua até à morte?
Por ti me é doce a vida; por ti espero
Acrescentar impérios; sem ti, o mundo
Era um duro deserto para mim!
Na tua mão te ponho, firme e fixa,
Minha alma. Por Infanta te nomeio,
Do meu amor senhora. E no alto estado
Que me espera, só tu serás raínha!»
— Assim falou o meu senhor.

AMA, *com júbilo*

Raínha!

INÊS, *em êxtase*

Raínha!

AMA

Entendo agora as tuas lágrimas,
Filha. Também eu choro. Tão contrária
Nos é sempre a alegria, que inda toma
Lágrimas emprestadas à tristeza!

INÊS

Rege tu, ó minha ama, êste meu peito.
O súbito prazer engana e erra!
Que farei eu?

AMA

Encobre o teu segrêdo.

INÊS

Guardo-o em minha alma...

SCENA II

OS MESMOS, INFANTE, AIO

INFANTE, *aparecendo ao F., com o* AIO

Inês!

INÊS, *apaixonadamente, indo caír-lhe nos braços*

Ó meu Infante!

CÔRO, *cantando, ao F., quási num murmúrio, emquanto* D. PEDRO *aperta* INÊS *de encontro ao peito*

Já quando Amor nasceu,
Nasceu ao mundo vida,
Claros raios ao sol, luz às estrelas.
O ceu resplandeceu,
E, de sua luz vencida,
A escuridão mostrou as coisas belas.

Por amor se orna a terra
D'águas e de verdura!

Às árvores dá folhas; côr às flôres.
Em doce paz a guerra,
A dureza em brandura
E mil ódios converte em mil amores.

Amor em doces cantos,
Em doces liras sôe,
Torne seu brando nome mais sereno:
Fujam máguas e prantos,
O ledo prazer vôe,
E claro o rio faça e o vale ameno!

INFANTE, *desprendendo-a dos braços*

Vai, Inês!

INÊS, *olhando-o, encantada*

Meu Infante!

INFANTE

Vive leda!
Vive segura! Que me importa a morte?
Antes morrer do que viver sem ti!

INÊS, *subindo, e atirando-lhe beijos, num enlêvo*

Meu senhor, meu Infante, minha vida!

Sái pelo F., com as donzelas, que repetem o côro e desaparecem nas sombras do arvoredo.

SCENA III

O INFANTE, o AIO

INFANTE

Deus, Senhor poderoso, pai do mundo,
A cujo acêno treme a redondeza,
A cujo querer, nada é impossível!
Fortalece o meu peito; arma-me todo
De paciência igual à dura afronta!
Socega os alvoroços dêste povo,
A fúria de meu pai, que em vão trabalha
Arrancar-me minha alma donde vive!
Sou humano, Senhor. Tentações grandes
Vencem ânimos fortes. Minha Inês!

Ferve o sangue, arde o peito, cresce-me a ira
Contra quem me perségue. Tu me amansa!
Tu me aclara e me guia!

Ao velho AIO, *que o escuta:*

Dize, amigo.
Arrancam-me as entranhas. Que me querem?
Essa gente que quer, que assim me mata?

AIO

Querem-te só. Procuram tua honra.

INFANTE

Procuram apartar-me donde vivo!

AIO

Se te visses, senhor, vêr-te-ías morto,
Vêr-te-ías cego.

INFANTE

Porque assim me falas,
Tu?

AIO

Meu senhor, porque vos amo e sirvo.

INFANTE

Também tu me perségues?

AIO, *com doçura*

Aconselho-te;
Guio a tua alma, meu senhor Infante.
Que coisa mais destroi o rei e o reino?
Que coisa cria mór desprêzo e ódio
Que vê-lo sujeitar-se a coisas baixas?
Que vê-lo ser mandado de seus vícios?
Com que rosto, senhor, darás castigo
Aos que cometam o que tu cometes?
Como conservarás a obediência
Santa devida aos pais, pois tu a negas
Aos teus, no que te pedem justamente?
Memória deixarás de mau exemplo
A teus filhos; darás licença larga
A reis que isto souberem,—e ao mundo, causa
De escurecer teu nome para sempre.

Todos sôbre ti cáem. Senhor, vê-te!
Conhece-te melhor. Entra em ti mesmo.
Verás então porque é que te importunam,
O que o teu rei te pede, e o teu povo!

INFANTE

Não. Eu não sou o que me julgam todos;
Nem é tamanho o mal, como o tu vês.
Que entendes tu dum coração de príncipe?
Julgas que amar é um crime? Tu, vós todos,
Olhai essa mulher. Vêde o que há nela!
Dum sangue nos formou a natureza:
Real é; vem de reis; de reis é digna.
Fôsse eu monarca de mil mundos, rei
Da terra inteira, iria pôr-lha aos pés.
Parece-me pequena essa corôa
Para a sua cabeça! — Não, amigo.
Deixe o rei, deixe o povo de cançar-me.
A ninguêm obedeço; a ninguêm ouço.
Arranquem-me a vontade dêste peito;
Arranquem-me do peito esta minh'alma!
Melhor o acabarão, do que apartarem-me
Donde estou, donde vivo: que primeiro
A terra subirá onde os céus andam,

O mar abrazará os céus e a terra,
O fogo será frio, o sol escuro,—
Que eu te deixe na vida, ó minha Inês!

AIO

Amor em ti só reina, amor só manda,
Peçonha doce d'alma, de honra e vida!
Mas porque não te movem tantos choros
Da Raínha, tua mãi? E tantos rogos
D'el-Rei teu pai? E os meus, que te supiico:
Aparta-te de Inês!

INFANTE, *violento*

Basta!

AIO, *numa súplica*

Deus!

INFANTE

Basta!
Não te pedi conselho! Vai!

AIO, *exortando-o*

Infante!

INFANTE, *crescendo, numa ameaça*

Vai-te diante de mim! Vai, que me cegas!

O AIO *sai, tristemente.* — *O* INFANTE, *abatido, cai sôbre a cadeira gótica, junto à fonte:*

Ó perseguição grande! Ó ódio estranho!
Homens de entranhas feras e danadas!
Que me quereis? Que sem razão vos faço
Em ter igual amor a quem mo tem?
A quem tudo merece, e inda é pequeno!
Homens, que procurais a minha morte
E o meu sangue, — ah, quanto vós daríeis
Por saberdes odiar e amar como eu!

SCENA IV

INFANTE, INÊS, côro

INÊS, *entrando pelo F., aproximando-se do* INFANTE *que medita, olhando-o num vago receio tímido, e tomando-lhe a mão*

Em que pensavas, meu senhor?

INFANTE, *mudando a sua expressão bárbara num sorriso de ternura*

Em ti.

Beijam-se. Ouvem-se os sinos do convento de Santa Clara. O sol inunda a scena. As donzelas de INÊS, *invisíveis, cantam ao longe. — O pano cài.*

SEGUNDO ACTO

ACTO II

Nos Paços de Montemór. Uma larga sala abobadada. Arcada ogival praticável, ao fundo. À direita, oratório. O REI *dá beija-mão. Passam os Bispos, os Abades-bentos, os ricos-homens, o povo. Junto de* AFONSO IV *estão os seus conselheiros privados:* DIOGO LOPES PACHECO, ALVARO GONÇALVES, PERO COELHO. *À extrema direita da scena, entre o povo, um* VELHO, *corifêu do côro trágico. As figuras vão passando, beijam a mão do rei, e sáem pela arcada do F.—Música de scena.—Dia claro.*

SCENA I

REI, PACHECO, COELHO, GONÇALVES, UM VELHO

O VELHO, *como se falasse para si próprio, olhando o* REI

Quanto mais livre, quanto mais seguro
E' aquele estado que, de si contente,
Permite que se viva numa honesta
Mediania!

Tristes pobrezas, ninguêm as deseje;
Cegas riquezas, ninguêm as procure:
Num meio honesto está a felicidade
Dos céus e terra.
Reis poderosos, príncipes, monarcas,
Sôbre nós pondes vossos pés, pisais-nos:
Mas sôbre vós está sempre a fortuna;
Nós, livres dela.
Nos altos muros sôam mais os ventos;
As mais crescidas árvores derribam;
A mais inchada vela, o mar a rompe;
As torres cáem.
Pompas e ventos, títulos famosos,
Não dão descanço nem mais doce sono;
Antes mais cançam, antes mais destróem,
Antes mais matam.
Como se volvem pelo mar as ondas,
Assim se volvem êsses peitos cheios:
E nunca fartos, nunca satisfeitos,
Nunca seguros.
Quem mais deseja, muitas vezes se acha
Triste e enganado: poucas vezes dorme,
Temendo o fogo, o vento, o ar, as sombras;
Temendo os homens.
Rei poderoso, tu porque desejas

Nunca ter reino? Porque essa corôa
Chamas pesada? Pelo pêso d'alma
Que te assoberba.
Tristes pobrezas, ninguêm as deseje;
Cegas riquezas, ninguêm as procure...

Todos passaram. O VELHO *atravessa a scena, trémulo, envolvido na sua loba negra, beija a mão ao* REI, *e sái. E' o último. A música cessa.*

SCENA II

OS MESMOS, MENOS O VELHO

REI, *erguedo-se, descendo do estrado, e pondo o sceptro de oiro sôbre uma almofada de veludo vermelho que um escudeiro moço lhe apresenta*

O' sceptro rico! A quem te não conhece,
Como és formoso e belo! E quem soubesse
Quão diferente és do que prometes,
Neste chão que te achasse, quereria
Pisar-te antes aos pés, que levantar-te.

Não louvo os que se louvam por impérios,
A ferro, a sangue, a fogo; mas aqueles
(O' grandeza espantosa e ânimo leve!)
Que, tendo-os muito grandes, os deixaram.

A DIOGO LOPES PACHECO, *emquanto tira da cabeça a corôa e a coloca sôbre a almofada:*

O resplendor dêste oiro nos engana:
E' terra só, e terra a mais pesada.

PACHECO

Trabalho, mais que estado, têm os reis,
Os bons reis, que não amam os seus vícios
Como as obrigações de se mostrarem
Contra si mais isentos e mais fortes.
Um tal rei como tu, senhor, é rei.
Não te pese de o ser, que virá tempo
Que te hajam mais inveja a êsses trabalhos
Sofridos com paciência e bem regidos,
Que a vitórias famosas com grã perda
De homens e de riquezas mal ganhadas.
Isso faz os reis grandes, dignos sempre

De memória imortal: sofrer trabalhos
Pelo bem público; quebrar a fôrça
Do sangue e o próprio amor; atalhar males,
Antes que êles se tornem sem remédio.
Ser duro, mas ser justo: isso é ser rei.

REI, *indo assentar-se num escabelo, a meio da scena*

Antes eu o não fôra! Vêr o Infante
Meu filho rebelado contra mim,
Duro a meus rogos, duro a meus mandados!
Que estrela foi aquela, tão funesta?

COELHO

Uma mulher, senhor, que tudo pode.

PACHECO

Uma mulher, que é a perdição do reino.

REI, *a* ALVARO GONÇALVES, *que fica na sombra, de braços cruzados*

Que me aconselhas tu?

GONÇALVES

Senhor, justiça!

REI

Duro remédio. Quanto melhor fôra
Amor e obediência! Meus pecados,
Quão gravemente sôbre mim caíram!

COELHO

Mandai matar Inês...

GONÇALVES, *concluíndo*

E tudo é feito.

REI

Matar Inês?

PACHECO

E' a salvação do povo.

REI

Matar quem não tem culpa?

COELHO

Pode um rei
Mandar matar sem culpa, mas com causa.

REI

Que lei há que a condene, ou que justiça?

PACHECO

O bem comum, senhor.

REI

Que crime é o dela?

PACHECO

Vive. A sua morte é a segurança e a paz.

REI, *depois dum silêncio, olhando-os*

E' o conselho que me dais?

PACHECO

A morte.

COELHO, *a quem o* REI *olha*

A morte.

REI, *a* ALVARO GONÇALVES

Tu, tambêm, amigo?

GONÇALVES

A morte.

REI

Matar uma inocente?

COELHO

Que nos perde.

REI

Não achais outro meio?

PACHECO

Não o temos.

REI

Metê-la num mosteiro!

PACHECO

Queimá-lo-hão.

REI

Lançá-la dêste reino!

COELHO

O amor vôa.

PACHECO

Êste fogo, senhor, não morre logo.

Quanto mais lhe resistes, mais se acende.
Contra amor, que logar darás seguro?

REI

Matá-la, não, que é rigoroso e iníquo.

COELHO

Não vês, não ouves, quantas vezes morrem
Muitos que o não merecem?

GONÇALVES, *sombrio*

Deus o quer!

REI, *erguendo-se*

Se Deus o quer, amigos, Deus o faça,
Cuja vontade é lei, e a minha não.

PACHECO

Os reis, senhor, são como Deus na terra.
Pois que dirás daqueles que a seus próprios
Filhos e a seu amor não perdoaram
Por exemplo comum, e bem do povo?

REI

Aos que bem o fizeram, tenho inveja;
Os outros, nem os louvo, nem os sigo.

COELHO

O bem geral, quer Deus que mais se estime
Que o bem particular.

REI

Antes Deus quer
Que se perdôe a um mau, que um bom padeça.

Terminante:

Não mato uma inocente.

PAÇHECO

Não és justo!
Vês, poderoso rei, vês com os teus olhos
A peçonha cruel, que vai lavrando
Gerada dêste amor cego; vês quanto
A soberba, o desprêzo dêstes homens
Contra ti, contra todos vai crescendo:
Se em tua vida nos tememos tanto,

Que faremos depois da tua morte?
Por dar saúde ao corpo, qualquer membro
Que apodrece se corta, e pelo são,
Porque o são não corrompa. Êste teu corpo,
De que tu és cabeça, está em perigo
Por esta mulher só: corta-lhe a vida,
Atalha esta peçonha, tê-lo-hás salvo.
És médico, senhor, desta república.
O poder que tem o médico num corpo
Tens tu sôbre nós todos: usa dêle.
Se te parece, em parte, isto crueza,
Não é crueza aquela, mas justiça,
Quando de cruel ânimo não nasce.
A clemência por certo é uma virtude
Nos grandes reis; mas a fraqueza, não.
Já mostraste que sabes ser clemente;
Mostra agora, senhor, que és justiceiro!

REI, *que o tem ouvido, reflexivo e hesitante*

A parte que me cabe neste feito
Eu a ponho em vós tôda, como aqueles
A quem cabe o dever de aconselhar-me,
Sem ódio nem temor, o que é mais justo
No serviço de Deus e bem do povo.

Vós outros sois meus olhos, que eu não vejo;
Sois vós os meus ouvidos, que eu não oiço.
Se eu me enganar, amigos, que a injustiça
Sôbre a vossa cabeça cáia inteira!

GONÇALVES

Assim seja, senhor!

REI

Pois que assim seja.

COELHO

Almas e honras temos: estas ambas,
A ti, senhor, se devem; a ti as damos.
Se é mau nosso conselho, o mal é nosso.
Aventuramos vidas e fazendas
Que ao ódio do teu filho ficam sempre;
Mas percamo-nos nós, percamos vidas,
Soframos cruéis mortes, nossos filhos
Fiquem órfãos de pai e deserdados,
A cólera do Infante nos persiga, —
Antes isto, senhor, do que faltarmos
A aconselhar-te com nobreza e honra.

REI

Ide armar-vos. Espero-vos aqui.

PACHECO, *saindo com* GONÇALVES *e* COELHO

Os juizos dos reis, Deus os inspira!

SCENA III

O REI, *só*

REI, *voltando-se para o oratório, numa atitude dolorosa de angústia e de súplica*

Senhor, que estás nos céus e vês as almas
Que cuidam, que propõem, que determinam!
Alumia minh'alma, não se cegue
No perigo e nas trevas em que está.
Entre mêdo e conselho vivo agora.
Matar injustamente é uma crueza;
Socorrer um mal público, é piedade.
Duma parte receio, doutra tremo.
Ó filho meu, que queres destruír-me!

Tem dó desta velhice tão cançada;
Muda essa pertinácia em bom conselho;
Não dês razões, filho, para que eu fique
Julgado mal na terra e condenado
Ante o grande juiz que está nos céus.
Oh! Vida felicíssima, que vive
O pobre lavrador só no seu campo,
Seguro da fortuna e descançado!
Ninguêm menos é rei, que quem tem reino!
A realeza, Senhor, é um captiveiro;
E' a servidão na púrpura; é o inferno
Na alma! — Temo o filho; temo os homens.
Dissimulo com uns; suspeito de outros;
Tremo das sombras; fujo de mim mesmo;
E entre um filho rebelde e um povo irado,
Sofro, e suspiro, e gemo, e dissimulo!

Caíndo, prostrado, sôbre o escabelo, como um grande farrapo doloroso:

Senhor, que és rei dos reis, Deus poderoso,
Tem piedade da minha realeza!
Tem piedade de mim!

SCENA IV

OS MESMOS, PACHECO, COELHO, GONÇALVES

Os três conselheiros entram pelo F., armados de cotas e loudéis, com espadas e misericórdias ao pescoço.

PACHECO

Meu Senhor!

REI, *erguendo-se, recobrando a sua majestade perdida, e atirando, num repelão, o capuz sôbre a cabeça*

Vamos!

Ouve-se, muito ao longe, o côro das môças de Coimbra à morte de INÊS. — *O pano cái.*

TERCEIRO ACTO

ACTO III

Uma câmara nos Paços de Santa-Clara. Todo o carácter dum interior solarengo do século XIV. *Ao F., janela ampla, geminada, aberta sôbre o Mondego: vê-se, na outra margem, a alcáçova de Coimbra com os seus coruchéus. À D. alta, porta. A E. da scena abre para uma alcova de segunda luz, separada do recinto onde a acção se passa por uma larga tapeçaria mudejar pendente duma viga de castanho que atravessa o tecto. Quando se levanta o pano, a tapeçaria está corrida a um dos lados, de modo a vêr-se o interior da alcova, com o leito de* INÊS, *os berços dos pequenos Infantes, uma enorme lâmpada de prata que scintila na penumbra. O mobiliário sóbrio do século: arcas; escanos pesados de castanho lavrado; velhas uchas, sôbre uma das quais se vêem as tábuas pintadas dum oratório flamengo. Tochas em argolões de ferro chumbados às paredes. — Manhã clara.*

SCENA I

INÊS E OS TRÊS FILHOS

INÊS *está junto da janela do F., olhando o rio. Muito aconchegada a ela, uma das crianças; outra, brincando na alcova; a terceira, junto duma arca. São os pequeninos Infantes D. João, D. Dinís e D. Beatrís.*

INÊS

Nunca mais tarde para mim, que agora
Amanheceu. Ó sol claro e formoso!
Como alegras os olhos que esta noite
Cuidaram não te vêr! Ó noite triste!
Ó noite escura, que comprida foste!
Como cansaste esta alma em sombras vãs!
Em mêdos me trouxeste tais, que cria
Que ali se me acabava o meu amor,
Ali a saùdade da minha alma,
Que me ficava cá...

Desce; os filhos rodeiam-na; abraça-os:

E vós, meus filhos,
Meus filhos tão formosos, em que vejo
Aquele rosto e olhos do pai vosso,
De mim ficáveis cá desamparados...
Ó sonho triste, que assim me assombraste!
Tremo inda agora. Tremo! Deus afaste
De nós tão triste agouro; Deus o mude
Em destino melhor e em melhor dia.
Crescereis vós primeiro, filhos meus,
Que chorais de me vêr estar chorando,

Meus filhos tão pequenos! Ai, meus filhos!
Quem em vida vos ama e teme tanto,
Na morte, que fará?

Enxugando as lágrimas, num sorriso de esperança:

Mas vivereis,
Crescereis vós primeiro. Que veja eu
Que pisais êste campo, em que nascestes,
Em formosos ginetes arraiados
Quais vosso pai vos guarda, com que o rio
Passeis a nado a vêr esta mãi vossa,
Com que canceis as feras, e os inimigos
Vos temam de tão longe, que não ousem
Nomear-vos sòmente...

De novo, soluçando e caíndo sôbre uma arca, abraçada às crianças:

Ai, filhos, filhos!

SCENA II

OS MESMOS, A AMA

AMA, *entrando pela D., com uma grande infuza de prata sôbre o quadril, e dirigindo-se para a alcova*

Que choros e que gritos, senhora, eram
Os que te ouvi esta noite?

Uma das crianças acompanha a AMA.

INÊS

Ó minha ama!
Vi a morte esta noite, crua e fera!

AMA, *voltando, depois de ter feito desprender a tapeçaria árabe, que cai pesadamente, velando a alcova de* INÊS

Entre sonhos te ouvi chorar tão alto
Que, de mêdo e de espanto, fiquei fria.

INÊS, *à* AMA, *que se lhe assenta aos pés, num almadraque, emquanto as crianças sobem até à janela*

Inda agora a minha alma se entristece
Assombrada dos mêdos em que estive!
Cançada de cuidar na saùdade
Que sempre leva e deixa aqui o Infante,
Adormeci tão triste, que a tristeza
Me fez tornar o sono mais pesado
Do que nunca me lembra que tivesse.
Então, sonhei que estando eu só num bosque
Escuro e triste, duma sombra negra
Coberto todo, ouvia ao longe uns brados
De feras espantosas, cujo mêdo
Me arripiava tôda, e me prendia
A língua e os pés. E eu, ama, quási morta,
Abraçava os meus filhos, a tremer...
Nisto, um leão bravo alevantou-se, irado;
Rugiu ao meu encontro; e logo, manso,
Para trás se tornou. Mas, em fugindo,
Logo vieram três lobos, não sei donde,
Remeteram a mim, com suas unhas,
E os peitos me rasgaram. Eu erguia
Vozes aos céus, chamava o meu senhor.
Êle ouvia, e tardava... E eu morria

Com tanta saùdade dos meus filhos
E dêle,—que parece que inda a sinto...

Abraça-se à AMA, *chorando.*

AMA

A Virgem mãi te guarde!—Do cuidado
Com que, senhora, andaste e adormeceste,
Se te representaram êsses mêdos.
Não chores...

INÊS

Choro a mágua, choro a dôr
Que ao Infante daria a minha morte...

AMA

Outro dia virá, que te amanheça
Mais claro e mais ditoso: em que a corôa
Que te espera terás sôbre êsses teus
Cabelos de oiro; em que serás raínha...
Deixa vãs sombras, deixa vãos receios.
Temer de longe o mal, é mal dobrado.

INÊS

Como há-de ser alegre quem tem culpas?
Julgam-me mal os homens, e a Deus temo.

AMA

Para que Deus perdôe as nossas culpas,
Basta, senhora, a consciência delas.
Se pecado houve já, já está purgado
Com êsse ânimo firme com que o amor
Uniu as vossas almas, santamente.
A quem muito ama, sempre Deus perdôa.
E nunca uma mulher foi mais amada
Na terra, do que tu.

INÊS, *ouvindo rumor e correndo à janela do F.*

É o meu Infante?

AMA

São as tuas donzelas, que aí vêm.

INÊS, *retirando-se da janela, triste*

Nunca o tanto os meus olhos desejaram!
Nunca o meu pensamento o imaginou
De mim tão esquecido. Deus o guarde!
Deus te guarde, senhor, que me parece
Que algum mal te detêm, algum mal grande!

Arranca-se a minha alma de mim mesma,
Parece que quer voar para os teus braços,
Que sente que me foges, que me deixas!
Por que me tardas tanto, vida minha?

AMA

Danas êsse teu rosto tão formoso,
Filha, com tantas lágrimas. Não chores.

Aproxima-se da janela do F., emquanto INÊS, *abraçada aos filhos, chora.*

Olha as águas do rio, como correm
Para onde está saudoso o teu Infante...
De lá te vê, senhora; elas lhe lembram
Êste aposento seu e da sua alma,
Êste campo formoso, êste ar doirado,
Êstes filhos, senhora, que são filhos
Do amor maior que a terra viu ainda...

Às crianças:

Vossa mãi chora, filhos da minha alma.
Ide enxugar-lhe os olhos, de mansinho...

SCENA III

OS MESMOS, DONZELAS DO CÔRO

1.ª DONZELA, *corifêu do côro, entrando precipitadamente com as outras, pela D.*

Ah! Senhora! Senhora! Tristes novas,
Novas cruéis te trago, Dona Inês!

INÊS, *num grito, amparando-se à* AMA

Minha ama!

AMA, *às donzelas*

Que dizeis, vós outras?

INÊS, *à* 1.ª DONZELA

Fala!

1.ª DONZELA, *chorando*

Ai, coitada de ti! Ai, triste, triste!

INÊS, *às donzelas*

Que mal tamanho é êsse que me trazes?
Amigas que chorais?

1.ª DONZELA

A tua morte.

INÊS, *num grito*

E' morto o meu senhor, o meu Infante?
Matam-me o meu amor? Porque mo matam?

1.ª DONZELA

E' a ti, que êles procuram!

AMA, *transida*

Deus do ceu!

1.ª DONZELA

Querem matar-te. Foge! Gente armada
Vem correndo, senhora, em tua busca.

E' o Rei, que quer cevar o seu furor
No sangue da inocência! Foge! Salva-te!
Salva os teus filhos, Dona Inês!

INÊS, *chorando*

Coitada!
Só, triste, perseguida! — Ah, meu senhor,
Onde estás que não vens?

Às donzelas, quando as trombetas começam a ouvir-se, fóra:

El-Rei me busca?

1.ª DONZELA

El-Rei.

INÊS

Que mal fiz eu? Porque me mata?

1.ª DONZELA

Por ti vem perguntando. Sobe aos Paços.
Busca teus peitos, p'ra com duros ferros
Te serem cruelmente traspassados!

AMA

Cumpriram-se os teus sonhos!

INÊS

Ama, foge!
Foge desta ira grande, que nos busca!
Eu fico. Fico só,—mas inocente.

As trombetas sôam, mais perto.

Rei cruel, aqui me tens!

Abraçando-se aos filhos:

Vós, meus filhinhos,
Vivereis cá por mim,—meus filhos queridos,
Pedaços da minha alma, que eu cá deixo!
Deus de piedade, salva-me, Senhor!
Môças de Coimbra, povo que chorais
Esta inocência minha, socorrei-me!
Que mal fiz eu, para morrer tão cedo?
Meus filhos, não choreis! E vós, amigas,
Cercai-me em roda tôdas, defendei-me,
Amparai-me, salvai-me desta morte!

Tôdas as donzelas rodeiam INÊS, *que estreita os filhos ao peito. A* AMA *prostra-se, de joelhos, junto do oratório de Flandres. — O sol esplende. — Música de scena.*

1.ª DONZELA

Cruel morte, que vens
Buscar esta inocente,
Há piedade e mágua
De seus formosos olhos,
De seu formoso rosto!
Não desates um laço
Tão firme, com que dois
Corações ajuntou
Amor tão estreitamente.
Aquela alva garganta
De cristal e de prata,
Que sustêm a cabeça
Tão alva e tão doirada,
Porque cortar a queres
Com golpe tão cruel?
Há piedade e mágua
De tanta formosura,
Daquele triste Infante
E dêstes filhos seus.

Detêm-te, emquanto chega!
Detêm-te, emquanto tarda!
Corre, ó Infante, corre,
Socorre o teu amor!

SCENA IV

OS MESMOS, o REI, PACHECO, GONÇALVES, COELHO, HOMENS DE ARMAS

Afonso IV, os conselheiros, os homens de armas entram de tropel na câmara de INÊS. *Vê-se, entre êles, a murça vermelha do carrasco.*

PACHECO, *baixo, ao* REI

A piedade, senhor, será crueza.
Cerra os olhos a lágrimas. Sê justo.

REI, *olhando* INÊS, *que caminha para êle*

Esta é, que a mim vem. O' rosto digno
De mais ditosa sorte!

INÊS, *conduzindo os filhos aos pés de* AFONSO IV

Filhos tristes,
Vêdes aqui o pai de vosso pai!
Eis aqui vosso avô, nosso senhor.
Beijai-lhe a mão, pedi-lhe piedade
De vossa pobre mãi!

REI, *olhando-a, comovido*

Quem pode vê-la,
Que não chore, e se abrande?

INÊS

Meu senhor!
Esta é a mãi de teus netos. Êstes são
Filhos daquele filho que tanto amas!
Esta é aquela coitada mulher fraca
Contra quem vens armado de crueza.
Quizeste-te informar de minhas culpas
Por ti mesmo, senhor. Eu to agradeço.
Aqui me tens. Bastava teu mandado,
Para eu, segura e livre, te esperar,
Em ti, em minha inocência confiada.
Escusáras, senhor, todo êste estrondo
De armas e cavaleiros; que não foge,

Nem se teme a inocência da justiça.
Que fúria, que ira esta é, com que me buscas?
Mais contra inimigos vens, que cruelmente
Andassem tuas terras destruíndo
A ferro e fogo. Eu tremo, senhor, tremo
De me achar ante ti, como me vejo.
Mulher, môça, inocente, serva tua,
Eu não tenho ninguêm que me defenda,
Senhor! Só êstes filhos da minha alma!
Que êles falem por mim, que êles supliquem
A piedade dum rei, que é seu avô!
Não com as bôcas, senhor, que ainda são
Pequenos, mas com os olhos, mas com a alma,
Com os seus corpinhos tenros, com o seu sangue,
Que é o teu sangue real,—que não os deixes
Sem mãi, que não os lances na orfandade,
Que me deixes viver, viver, viver!

REI, *a* INÊS, *que se prostra a beijar-lhe os pés, soluçando*

Tristes foram teus fados, Dona Inês;
Triste ventura a tua.—Roga a Deus
Por tua alma.

INÊS

Senhor, porque me matas?

COELHO, *baixo, ao* REI, *que vacila*

Então, senhor!

REI, *a* INÊS

Matam-te os teus pecados!

INÊS

Pecados contra Deus, não contra ti,
Meu rei e meu senhor! E Deus é justo,
Deus é benigno, Deus é bom, perdôa
A quem sofre por ter amado muito!

Vendo que o REI, *comovido, afasta os olhos dela:*

Ouve-me, meu senhor. Por que não me ouves?
Por que não me olhas tu, meu senhor rei?

PACHECO, *baixo, a* AFONSO IV

Senhor, é tempo já!

REI, *àparte, dolorosamente*

Deus poderoso,
Para que déste coração aos reis?

PACHECO, *intervindo, vibrante*

Contra ti, Dona Inês, sentença é dada.
O reino inteiro pede a tua morte!
Pouco é o tempo de vida que te resta.

Apontando-lhe o oratório:

Roga a Deus por tua alma!

INÊS, *soltando-se de* COELHO *e* GONÇALVES, *que a agarram pelas roupas, e atirando-se, de novo, aos pés do* REI

Não! Senhor!
Meu rei, meu pai, ouve-me tu primeiro!
Antes de me matares, rei, — escuta-me!
Que crime é o meu? Dize? Que culpa é a minha?
Matas-me, acaso, porque amei teu filho?
Se os olhos de teu filho se enganaram
Com o que viram em mim, que culpa tenho?
Paguei-lhe o seu amor com outro amor.
Não soube defender-me. Dei-me tôda.
Não a inimigos teus, não a traidores,
Mas a teu filho, príncipe dêste reino!
Não cuidava, senhor, que te ofendia.
Defenderas-mo tu, e obedecera,

E fugira da côrte, para sempre.
Senhor, senhor, porque me matas tu?
Se eu sou a vida do teu filho, rei,
Porque o matas a êle? — E estas crianças!
Êstes filhos, que são o teu retrato,
Senhor! Que não conhecem outros mimos,
Nem outros peitos senão êstes! — Filhos!
Chorai, pedi justiça aos altos céus,
Pedi misericórdia a vosso avô
Contra vós tão cruel, meus inocentes!
Ficareis cá sem mim, sem vosso pai,
Que não poderá vêr-vos, sem me vêr!
Abraçai-me, meus filhos, despedi-vos
Dos peitos que vos deram de mamar,
Dêstes braços de mãi, que vos enlaçam,
E que vão já deixar-vos, para sempre!
Que achará vosso pai, quando vier?
Achar-vos-há tão sós, sem vossa mãi!
Não verá quem buscava, verá cheias
As casas e as paredes do meu sangue,
Vêr-me-há morta, inteiriçada e fria...

Num grito, abraçando-se convulsivamente aos joelhos do REI:

Oh! Não, senhor! Senhor, eu tenho mêdo!

Ampara-me, socorre-me, perdoa-me,
Tem piedade de mim!

REI, *erguendo-a, num grande gesto de piedade*

Ó mulher forte!
Venceste-me. Abrandaste-me. Eu te deixo.
Vive, emquanto Deus quer!

INÊS, *beijando-lhe as mãos*

Senhor!

PACHECO, *num protesto surdo*

Senhor!

AMA, *levando as crianças, emquanto* INÊS, *a atirar beijos ao* REI, *chorando e rindo, se recolhe à alcova*

Vive tu, pois perdoas, rei piedoso!

PACHECO, *vendo o* REI *despedir num gesto o carrasco, que sai*

Oh! Senhor, que nos perdes! Tua fraqueza
E' indigna de ti, do teu real peito!

Vence-te uma mulher, — e queres ter fôrça
Para vencer teu filho!

COELHO, *ao* REI

A que vieste?
Para que nos armámos, afinal,
Senhor, se duas lágrimas te abrandam?

GONÇALVES, *sombrio, tôrvo, ao* REI

Já uma mulher pode mais do que o reino!

PACHECO, *quando se começam a ouvir os clamores do povo, fóra*

Ouve, escuta, senhor. O povo ruge!

REI

Ruja embora, — não mato uma inocente!

GONÇALVES

Tu és rei!

REI, *assentando-se num escano, abatido*

Mas sou homem Chora-me a alma!

PACHECO, *emquanto o rumor augmenta, e o* REI, *perplexo, esconde a cabeça nas mãos*

Pelo teu estado real te suplicamos!
Pelo amor do teu povo! P'lo teu reino!
Por mais vida e mais honra de teu filho,
Príncipe nosso! Por aquele seu
Fernando, único herdeiro, cuja vida
Te está pedindo justamente a morte
Desta mulher! Emfim, por honra tua,
Senhor, senhor, — consente que se cumpra
A sentença de morte que firmaste!
E' a vida do reino e de nós todos!
Se esta mulher não morre, senhor rei,
Vacila-te a corôa na cabeça!

COELHO, *apontando a janela*

Ouve o povo, senhor!

REI, *erguendo-se*

Basta! Deixai-me!
Eu não mando, nem vedo. Deus o julgue.
Vós outros o fazei, se vos parece
Justiça condenar quem não tem culpa!

PACHECO, *arrancando a espada*

Essa licença basta. — A' morte!

COELHO, *arrancando a misericórdia que tem ao pescoço, e correndo, com* PACHECO *e* GONÇALVES, *para a recâmara*

A' morte!

As donzelas querem precipitar-se para a alcova de INÊS; *os homens de armas deteem-nas. Ouvem-se gritos.*

1.ª DONZELA, *debatendo-se entre os braços de homens que a agarram, e atirando-se aos pés do* REI

Senhor, misericórdia! Ó nunca visto
Mais inocente sangue! Como sofres,
Ó rei, tal injustiça! Ouves os brados
Duma pobre mulher, e não a salvas!
Ouves o chôro dos filhinhos, rei,
E não corres...

Ensanguentada, ferida de morte, INÊS *surge à porta da alcova; crispa as mãos na tapeçaria; grita, mas a voz estrangula-se-lhe na garganta; cai morta em scena.*

Horror!

PACHECO, *para o povo, à janela do F., brandindo a espada tinta de sangue*

Justiça é feita,
Por mandado d'el-Rei nosso senhor!

REI, *emquanto o povo aclama, e os sinos dobram*

Não poder eu dar-lhe vida outra vez!

Cai o pano

QUARTO ACTO

ACTO IV

Uma estalagem beirôa onde o Infante, guloso e "viandeiro„, como diz Fernão Lopes, descança das suas montarias. Acompanham D. Pedro, abancados com êle, alguns dos seus monteiros e homens-de-armas. Servem-nos mulheres. — Dia claro.

SCENA I

INFANTE, OS MONTEIROS

INFANTE, *depois de ter esvasiado uma escudela de caldo, aos monteiros, que o cercam*

Outro céu, outro sol me parece êste
Diferente daquele que lá deixo
Donde parti, mais claro e mais formoso.
Onde não resplandecem os dois claros
Olhos da minha luz, é tudo escuro.

Comendo, sôfregamente, pão e mel:

Aquele é só meu sol, a minha estrela,
Mais clara, mais formosa, mais luzente
Que Vénus, quando mais clara se mostra.

Daqueles olhos se alumia a terra
Em que sombra não há, nem nuvem escura.
Tudo ali é tão claro, que até a noite
Me parece mais dia que êste dia.

A uma mulher, que lhe enche de vinho a copa:

Mercês.

Bebendo, aos monteiros, que bebem também:

Ali, a terra reverdece
Doutras flôres mais frescas e melhores.
O céu se ri e doira, diferente
Do que neste horizonte se me mostra.
Doutros ares respira ali a gente,
Que fazem imortais os que lá vivem.

Levantando-se, e caminhando para o F.:

Inês, Inês, ó meu amor constante!
Quem me tirar de ti, tira-me a vida.
Minh'alma, lá ma tens; eu tenho a tua.
Em morrendo um de nós, morremos ambos.

Descendo até a um banco de castanho, na E. baixa, onde tem a espada, e armando-se:

Mas quem fala em morrer, amigos? Não!
Muitos anos e muitos viveremos
Sempre os dois neste amor tão doce e puro.
Raínha te verei dêste meu reino,
Inês! Doutra corôa coroada,
Diferente de quantos diademas,
Desde que o mundo é mundo, e o dia é dia,
Brilharam numa fronte de mulher!

SCENA II

OS MESMOS, UMA MULHER, o MENSAGEIRO

UMA MULHER, *entrando, ao* INFANTE,

Senhor, um mensageiro vem da côrte,
Que vos pede audiência.

INFANTE, *assentando-se, já armado*

Pois que venha.

Aos amigos, quando a mulher sái:

Novas d'el-Rei meu pai? Escutaremos.

Vendo entrar o MENSAGEIRO, *coberto de pó, a expressão transfigurada:*

És tu? — Fala, homem.

MENSAGEIRO

Triste mensageiro
Tens ante ti, senhor.

INFANTE

Que novas trazes?

MENSAGEIRO

Novas cruéis. Cruel sou contra ti,
Pois me atrevi trazê-las. A maior
Desaventura é de tôda a terra!

INFANTE

Tens-me suspenso. Fala. Estou escutando.

Instante de hesitação do mensageiro.

Dize! Seja o que fôr!

MENSAGEIRO

Senhor Infante,
E' morta Dona Inês, que tanto amavas.

INFANTE, *erguendo-se, de repelão, como uma fera, sacudindo o mensageiro, crispando-lhe as mãos nas roupas, arrepelando-o, encarando-o, fixando-o:*

Deus! — Inferno! — Ah, Inês! Inês! Inês!
Olha bem para mim: Inês é morta?

MENSAGEIRO, *sucumbido*

De morte tão cruel, que é nova mágua
Contar-ta. Não me atrevo.

INFANTE, *sacudindo-o*

E' morta?

MENSAGEIRO

Sim.

INFANTE

Quem ma matou?

MENSAGEIRO

Teu pai, com gente armada,
Foi hoje salteá-la. A inocente,
Que tão segura estava, não fugiu.
Não lhe valeu o amor com que te amava,
Nem teus filhos, com quem se defendia,
Nem aquela inocência e piedade
Com que pediu perdão, lançada aos pés
D'el-Rei teu pai, que tanto se apiedou
Que lho deu já, chorando. Os seus ministros
Arrancando as espadas — dura afronta! —
Traspassaram-lhe os peitos cruelmente,
E abraçada com os filhos a mataram,
Que inda ficaram tintos do seu sangue.

INFANTE, *correndo pela casa, como louco*

Que direi? Que farei? Que clamarei?
Ó fortuna! Ó crueza! Ó mal tamanho!
Ó minha Dona Inês, ó alma minha,

Morta me és tu? Morte houve, tão ousada,
Que contra ti pudesse? Eu ouço-o, — e vivo!
Eu vivo, minha Inês, e tu és morta!
Coração, coração, porque não estalas?
Porque não se abre a terra, e não me sorve
Num momento? P'ra quê? P'ra que vivo eu?

Caíndo a soluçar sôbre o banco:

Ó minha Inês! Ó alma da minh'alma!
Amor meu, meu desejo, meu cuidado,
Minha esp'rança, minha única alegria!
Mataram-te! Mataram-te! Tua alma
Inocente, formosa, humilde, santa,
Deixou já seu logar p'ra todo o sempre!
Encheram-se as espadas do teu sangue!
Ó leões bravos, ó tigres, ó serpentes!
Porque não vos volvestes para mim?
Mil vidas que eu tivera, vo-las dava
Por um cabelo só da minha Inês!
E o céu não cai, e não tremeu a terra!

Chora, convulsivamente.

MENSAGEIRO

Senhor, para chorar é sempre tempo.

As lágrimas que fazem contra a morte?
Vai ver aquele corpo. Vai prestar-lhe
As honras que lhe deves.

INFANTE

Tristes honras!

Erguendo-se:

Outras honras, senhora, te guardava;
Outras se te deviam. Ó tristeza!
Como poderei vêr aqueles olhos
Cerrados para sempre? Como, aqueles
Cabelos já não de oiro, mas de sangue?
Aquelas mãos tão frias e tão negras,
Que antes via tão alvas e formosas?
Aqueles brancos peitos traspassados
De golpes tão cruéis? Aquele corpo,
Que tantas vezes tive nos meus braços,
Vivo e formoso,— como, morto agora,
E frio, o posso vêr? Ó meu amor!
Tu já não me ouves! Não te vejo mais!
Já te não posso achar em tôda a terra!
Chorem comigo as pedras duras; mudem-se
Em sangue vivo as águas do Mondego;
As árvores se sequem, e as flôres!

Eu te matei, senhora, eu te matei!
Ah! Mas será terrível a vingança!
Rei cruel, rei três vezes inimigo,
Eu te renego de meu pai! Mataste-a:
Vais pagar-me o seu sangue, gota a gota!

Arrancando a espada:

Que o fogo lavre e arraze a tua terra;
Que o sangue corra; que a vingança ruja;
Que, por onde eu passar, só haja morte
E ruínas; que o próprio Deus se espante
De mim! — Amigos, já não tenho pai!

Saíndo pelo F., com os homens-de-armas e monteiros, espada em punho:

Inês! Inês! Ó alma da minha alma!
Vou fazer-te rainha, — finalmente!

O côro, fóra, canta lamentosamente a morte de Inês. — O pano cai.

FIM

PORTUGAL-BRASIL L.DA

SOCIEDADE EDITORA

88, Rua Garrett, 60—LISBOA

ALBERTO DE OLIVEIRA
Na Outra Banda — Portugal ..... 1$50
ALBERTO TELLES
Camillo na Cadeia da Relação do Porto ..... 1$20
ANTONIO CABRAL
Eça de Queiroz ..... 2$50
ANTONIO GRANJO
A Grande Aventura ..... 1$50
AUGUSTO DE CASTRO
Conversar... (Sobre Amores, Ironias, Viagens). 1$20
CARLOS MALHEIRO DIAS
A verdade Nua, (2.ª ed.) 2$00
A Esperança e a Maria 1$00
CELSO VIEIRA
O Semeador ..... 1$00
COELHO DE CARVALHO
A Eneida de Virgilio .... 2$00
CONDE DE SABUGOSA
Gente de Algo ..... 3$00
Embrechados, cart. ..... 1$00
EDUARDO DE AGUILAR
Tragedias de Roma .... 1$50
EDUARDO SCHWALBACH
A Historia da Carochinha $60
EGAS MONIZ
A Vida Sexual ..... 5$00
Um ano ..... 2$00
EMMANUEL LASSERRE
Os Delinquentes Passionaes e o Criminalista Impallomeni ..... 1$20
H. LOPES DE MENDONÇA
Sangue Portuguez (2.ª ed.) ..... 2$00
IRACEMA
Cartas de mulher ..... 1$00
JOÃO DE CASTRO
Jornadas pelo Minho .... 1$00
A Comedia de Lisboa ... 2$00
JOÃO DO RIO
A Mulher e os Espelhos, (2.ª edição) ..... 1$50
Correspondencia de uma estação de cura (2.ª ed.) 1$50
JULIO DANTAS
Como elas amam (2.ª ed.) 2$00
Espadas e Rosas, (3.ª ed.) 2$00
Mulheres, (4.ª ed.) ..... 2$00
Sonetos (3.ª ed.) $60
JULIO DE CASTILHO
Fastos Portuguezes ..... 1$00
L. XAVIER BARBOSA
Cem Cartas de Camillo. 2$50
MANUEL DA SILVA GAIO
De Roma e suas conquistas ..... 1$00
MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO
Mulheres resolvidas ..... 1$50
MAYER GARÇÃO
Os Cem Sonetos (prefacio) 2$00
OSCAR LOPES
Sons e sombras ..... 1$50
PAULO DE GARDENIA
Lucilia ..... 1$00
SAMUEL MAIA
Sexo Forte ..... 1$50
SOUSA COSTA
Lagrimas de Sangue ..... 1$20
Livro Proibido ..... 2$00
STUART TORRIE
Secretario Comercial da Lingua Inglesa, cart... 2$00
URBANO RODRIGUES
A Duqueza da Baêta ... 1$50
Coração $70

Theatro:

H. LOPES DE MENDONÇA
O Cégo, 3 actos $80
JULIO DANTAS
D. João Tenorio, 6 actos 2$00
Rosas de todo o ano $40
1023, episodio em verso . $40
Carlota Joaquina, 1 acto. $60
Um serão nas Larangeiras 2$00
MARCELINO MESQUITA
Almas doentes, 2 actos .. $60
URBANO RODRIGUES
A Posse — Ultima Aventura—Maria da Graça $80
VASCO MENDONÇA ALVES
Promessa, 4 actos $60
VICENTE ARNOSO
O Ultimo Senhor de S. Gedo ..... 1$00

No Prélo:

ALFREDO APELL
Contos Populares Russos. — Tradições do povo portugues e brasileiro comparadas com o folclore estrangeiro.
JOÃO DO RIO
Rosario da Ilusão.

JÚLIO DANTAS

D. BELTRÃO de FIGUEIRÔA

PORTUGAL BRASIL L.DA
SOCIEDADE EDITORA
LISBOA

D. Beltrão de Figueirôa

Comédia em um acto, representada pela primeira vez no antigo teatro D. Amélia, em 31 de maio de 1902

OBRAS DE JÚLIO DANTAS

POESIA

Nada (1896) — 2.ª edição.
Sonetos (1916) — 3.ª edição.

PROSA

Outros tempos, inquéritos médicos às genealogias reais portuguesas, etc. (1909) — 2.ª edição augmentada.
Figuras de ontem e de hoje (1914) — 2.ª edição.
Pátria Portuguesa (1914) — 4.ª edição, no prelo.
Ao ouvido de M.me X (1915) — 4.ª edição.
O amor em Portugal no século XVIII (1915) — 2.ª edição.
Mulheres (1916) — 4.ª edição.
Eles e Elas (1918) — 2.ª edição.
Espadas e Rosas (1919) — 3.ª edição.
Como elas amam (1920) — 2.ª edição.
Abelhas doiradas (1920).
As Grandes Batalhas — no prelo.

TEATRO

O que morreu de amor (1899) — 4.ª edição.
Viriato Trágico (1900) — 2.ª edição.
A Severa (1901) — 4.ª edição, no prelo.
Crucificados (1902) — 3.ª edição, no prelo.
A Ceia dos Cardeais (1902) — 23.ª edição.
D. Beltrão de Figueiróa (1902) — 4.ª edição.
Paço de Veiros (1903) — 3.ª edição.
Um serão nas Laranjeiras (1904) — 3.ª edição.
Rei Lear (1906).
Rosas de todo o ano (1907) — 8.ª edição.
Mater Dolorosa (1908) — 4.ª edição.
Santa Inquisição (1910) — 2.ª edição.
O Primeiro Beijo (1911) — 3.ª edição.
D. Ramon de Capichuela (1912) — 2.ª edição.
O Reposteiro Verde (1912) — 2.ª edição.
1023 (1914) — 2.ª edição.
Sóror Mariana (1915) — 2.ª edição.
Carlota Joaquina (1919) — 2.ª edição.
D. João Tenório (1920).
A Castro (1920).

A data indicada para cada obra é a da sua primeira edição

JÚLIO DANTAS
Sócio efectivo da Academia das Sciências de Lisboa
Da Academia Brasileira de Letras

D. Beltrão de Figueirôa

COMÉDIA INGÉNUA, AO GÔSTO DO SÉCULO XVII

QUARTA EDIÇÃO

LISBOA
PORTUGAL-BRASIL LIMITADA
SOCIEDADE EDITORA
58 — RUA GARRETT — 60

RIO DE JANEIRO
COMPANHIA EDITORA AMERICANA
LIVRARIA FRANCISCO ALVES

Reservados todos os direitos de reprodução: em Portugal, conforme preceituam as disposições do *Código Civil Português;* no Brasil, nos termos do convénio de 9 de setembro de 1889 e lei n.º 2.577 de 17 de janeiro de 1912; nos países convencionados, em harmonia com a Convenção de Berne, a que Portugal aderiu por decreto de 18 de março de 1911. A propriedade desta obra pertence à Sociedade Editora Portugal-Brasil L.DA.

Imprensa PORTUGAL-BRASIL, Rua da Alegria, 100 — Lisboa

A

HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA

A comédia de Júlio Dantas, D. Beltrão de Figueirôa, *que agora se publica em 4.ª edição, foi escrita, a pedido de Lucília Simões, para uma das suas festas artísticas, e representada pela primeira vez, com grande sucesso, na noite de 31 de maio de 1902, no antigo Teatro de D. Amélia. Encarregou-se da parte de* Celimena, *Lucília; da parte de* Dorotéa, *Lucinda Simões; da parte de* D. Beltrão, *Cristiano de Sousa; a Chaby Pinheiro coube o papel de* Marquês; *a Henrique Alves, o de* Frei André. *Daí por diante, a graciosa comédia, que se diria uma tela animada de Velasquez, foi incessantemente representada em Portugal e no Brasil, por profissionais e por amadores de teatro, sendo digna de nota a interpretação que lhe foi dada pelas sr.as Condessa de Arge* (Celimena), *D. Luísa Mayer de Melo* (Dorotéa), *e pelos srs. Marquês do Lavra-*

dio (D. Beltrão), *conde de Santar* (Frei André), *e D. José Sabugosa* (Marquês), *na récita de gala que, com desusado brilho, a sociedade aristocrática de Lisboa realizou, no Teatro de D. Maria II, na noite de 1 de abril de 1905. Esta peça foi traduzida em várias línguas e representada no estrangeiro. Estão publicadas a tradução alemã de Erik Löve, com o título de* Verfehlte List, *ed. Edvard Bloch, 1905, e a tradução italiana de Giulio de Medeci, com o título de* Il Cavaliere del Fiore, *in* La Commedia della Domenica, *fascículo 3.º, de janeiro de 1920.*

Portugal-Brasil, L.da

FIGURAS

D. Beltrão de Figueirôa.....	Christiano de Souza
O Marquês, primo de *Celimena*...	Chaby Pinheiro
Frei André.....	Henrique Alves
Celimena.....	Lucília Simões
Dorotéa, dueña	Lucinda Simões

Em casa de *Celimena* — Século XVII.

D. BELTRÃO DE FIGUEIRÔA

Um interior fidalgo do século XVII. — *Tapeçarias, pinturas sacras. — Bufete, livros, tamboretes. — Velhas faianças espanholas. — Na sombra, a nota severa dum grande armário holandês. — A meio da scena, uma enorme cadeira fradesca, de alto espaldar de couro lavrado. — Sôbre um escano, nas dobras dum velho damasco amarelo, um cofrezinho de prata.— Um violoncelo, um violino.*

CELIMENA, *sentada ao bufete, a ler, entre livros.* —DOROTÉA, *ao fundo, sòzinha, ensaiando os passos duma pavana real.*

CELIMENA, *declamando, com solenidade*

Liquisse Parnassum et juga frondea
Phœbum et sorores cerno Heliconides...

DOROTÉA, *atravessando a scena em passos de dança*

Menina?

CELIMENA

Não é comtigo. *(Voltando-se, e vendo* DOROTÉA *a dançar)* Que estás tu a fazer?

DOROTÉA

São os passos da pavana, que a menina me ensinou. *(Segurando as ilhargas da saia, em pulinhos cómicos)* Primeiro êste pé... Depois êste... Muita graciosidade... A cabeça alta... *(Dançando e acompanhando-se, num velho estilo de pavana)* — *Tra-la-ra... Tra-la-ra...* — Pois não é assim, menina?

CELIMENA, *distraída, lendo*

É.

DOROTÉA

Se o primo Marquês quisesse dançar hoje comigo...

CELIMENA, *embevecida na leitura*

Phœbum et sorores cerno Heliconides... Como isto é belo, Dorotéa! Tu não percebes. Mas é do melhor poeta da Academia dos Singulares...

DOROTÉA, *desvanecida, olhando* CELIMENA

O que a menina sabe! Até sabe latim! Se fôsse minha filha, era coisa que não lhe tinha ensinado... Jesus! Lá diz o outro: «Mulher que sabe latim, e...»

CELIMENA, *gravemente*

A mulher deve saber tudo quanto os homens sabem.

DOROTÉA, *tapando a cara, num sincero pudor*

Ai, credo, menina! Não diga isso diante de gente! Tudo...? Oh! Oh! — Lá cantar... E tocar harpa... E rabeca... Dançar o minuete... E a pavana... Sôbre tudo, dançar... Dançar... *(Não podendo conter-se e atravessando de novo a scena em passos de pavana real)* — *Tra-la-ra... tra-la-ra...* — Eu então, se pudesse, estava sempre a dançar...

UM CRIADO, *numa grande mesura, assomando ao fundo*

Entrou um côche no pátio.

DOROTÉA

Um côche?

CELIMENA, *ao criado*

Veja quem é.

O CRIADO, *imperturbável*

Um fidalgo e um frade.

CELIMENA, *a* DOROTÉA, *que se encaminha para o fundo*

Vê tu, Dorotéa.

DOROTÉA, *voltando, imediatamente*

O frade é Frei André, que foi mestre da menina.

CELIMENA

Frei André...? — E o fidalgo?

O CRIADO

O fidalgo não desceu do côche.

CELIMENA, *ao criado*

Pergunte a que veem, e o que quer o frade. *(A* DOROTÉA) Traze êsse cofre para o meu toucador, Dorotéa.

DOROTÉA, *com um lindo cofre de prata na mão, saíndo com* CELIMENA *pela E. baixa*

E' capaz de ser recado do primo Marquês. Talvez não venha hoje.

FREI ANDRE, *ao criado*

Diga que é Frei André, violinista, cantor da capela real e expositor da poética de Aristóteles, que deseja falar à dueña da menina.

CELIMENA, *aparecendo à porta*

Frei André...

FREI ANDRÉ

Oh! Celimena...! Como vai a mais preciosa das preciosas? *(Escondendo a mão, que* CELIMENA *quer beijar)* Então... Então...

DOROTÉA, *numa mesura*

Reverendo...

FREI ANDRÉ

Minha dona... *(O criado oferece um tamborete ao frade, e sai)* Eu vinha em demanda do senhor Marquês, mas já soube que não tinha ainda chegado do Paço.

CELIMENA

Não. Ainda não chegou.

DOROTÉA, *num risinho*

Frei André veio hoje em côche rico... Gostei de o vêr.

FREI ANDRÉ, *com grandes ares*

E' verdade. Desmenti a humildade franciscana. Que diria frei Salizanes, Geral da Ordem! Mas, emfim... Eu sou um frade de côrte... Sou um frade artista! Deixei os alforjes de filósofo, e gosto de praticar a poética de Gôngora, de bastão de oiro e capuz de sêda. — Celimena tem lido o seu Platão?

CELIMENA, *que trouxe um espelho de mão e uma bocetazinha de ouro lavrado, e vai pondo na face pequenos sinais de tafetá*

Pouco. Muito pouco. Eu podia ler em latim, na vulgata... Mas, só pela dificuldade, estou-o lendo em grego. — Procurava então meu primo Marquês, Frei André?

FREI ANDRÉ

E' verdade. Quer dizer... Não era propriamente eu que o procurava...

CELIMENA

Talvez êsse senhor fidalgo que o acompanha?

FREI ANDRÉ

Êsse mesmo, Celimena. — Como soube?

CELIMENA

Disse-me Dorotéa.

DOROTÉA

Fui eu que lhe vi a manga do gibão na portinha doirada.

FREI ANDRÉ

E' um rico fidalgo da Província...

CELIMENA

Da Província?

FREI ANDRÉ

D. Beltrão de Figueirôa. — Soube que eu tinha sido mestre de Celimena na poética de Aristóteles, e pediu-me que o acompanhasse no côche para maior honra e recato de sua pessoa. — E' um grande fidalgo.

CELIMENA, *pondo um sinal na face*

D. Beltrão? Não conheço. *(A* DOROTÉA) Vê se êste sinal está bem pôsto, Dorotéa...

FREI ANDRÉ

Não conhece? *(A* CELIMENA, *olhando o sinal)* Talvez um bocadinho mais abaixo... Mais perto da bôca... Dá mais graça...

DOROTÉA

Frei André também entende de sinais?

FREI ANDRÉ

Oh! Eu sou um frade artista! — Pois admira que o não conheça, Celimena... — Nem de nome?

CELIMENA

Nem de nome. *(A* DOROTÉA) O diamante da testa. Vai buscar.

FREI ANDRÉ

E, entretanto, alcançou de Celimena, por intermédio de seu primo, a honra dum prometimento de apresentação...

CELIMENA

De apresentação? Não sei de nada.

FREI ANDRÉ

De nada? — Mas essa apresentação tinha ficado de realizar-se precisamente hoje...

CELIMENA

Hoje?

FREI ANDRÉ

A esta hora... Naturalmente, seu primo o senhor Marquês esqueceu-se, ou o demoram no Paço...

CELIMENA

Eu mandava subir o senhor D. Beltrão... Não é a graça dele? — Beltrão...

FREI ANDRÉ, *com grande pompa*

De Figueirôa.

CELIMENA

Mandava-o subir, com muita honra, se não fôsse a etiqueta... Vivo só, com a minha dueña... A etiqueta não consente...

FREI ANDRÉ

Eu apresentava-o tambêm... Mas a etiqueta...

DOROTÉA, *que tem voltado já, e prende uma jóia nos cabelos de* CELIMENA

A etiqueta...

CELIMENA

Diga-me, Frei André... Êle é novo ainda?

FREI ANDRÉ

Vinte e cinco anos.

CELIMENA, *em segrêdo, a* DOROTÉA

Pergunta ao frade se é bonito.

DOROTÉA, *indo até junto de* FREI ANDRÉ, *em passinhos dançados, quási em segrêdo*

E' bonito?

FREI ANDRÉ, *sorrindo, em segrêdo, a* DOROTÉA

Diga a Celimena que sim.

DOROTÉA, *nos mesmos pulinhos, ao ouvido de* CELIMENA

E'.

CELIMENA, *a* DOROTÉA, *baixo*

Loiro?

DOROTÉA, *a* FREI ANDRÉ, *em segrêdo*

Loiro?

FREI ANDRÉ, *ao ouvido de* DOROTÉA

Muito loiro...

DOROTÉA, *ao ouvido de* CELIMENA

Muito loiro.

FREI ANDRÉ, *alto, a* CELIMENA

Já esteve mesmo ao pé de si, Celimena...

CELIMENA

Ao pé de mim?

FREI ANDRÉ

Disse-me êle.

CELIMENA

Quando?

FREI ANDRÉ

Numa Igreja.

CELIMENA

Sim?

FREI ANDRÉ

Há três dias... Nas Comendadeiras de Santos... Na festa de S. Tiago.— Assistiu, não é verdade?

CELIMENA

Assisti. *(Querendo afastar* DOROTÉA, *para ela não ouvir)* Leva os polvilhos, Dorotéa. E êste lenço de rendas.

FREI ANDRÉ, *vendo desaparecer a dueña*

A Igreja tôda cheia de luzes... Celimena ajoelhou numa almofadinha de damasco vermelho... E ao pé de si... Lembra-se? Um rapaz alto, todo vestido de veludo preto, à moda espanhola, a guedelha muito loira sôbre a voltazinha gomada...

CELIMENA, *recordando-se*

Ah!

FREI ANDRÉ

Lembra-se, não é verdade?

CELIMENA

Apanhou uma flôr que eu deixei caír...

FREI ANDRÉ

Justamente. Uma flôr que Celimena deixou caír.

CELIMENA, *muito impressionada*

Ah! — Pois é êsse? *(Dando com os olhos em* DOROTÉA, *que voltou há um instante)* Mas veja... O senhor D. Beltrão de Figueirôa deve estar na sua berlinda à espera, Frei André. Não é justo que eu o demore mais. Vossa Reverência dir-lhe há da minha parte que lastimo não o poder receber nesta hora. Mas que mais logo, quando meu primo o senhor Marquês voltar do Paço... Ou àmanhã, no baile na côrte...

FREI ANDRÉ

Êle daria a vida para beijar-lhe a mão, Ce-

limena... Depois, admira o seu talento... Compreende-a... E' poeta...

CELIMENA, *encantada*

Poeta?

FREI ANDRÉ

E um helenista notável. Talvez ainda leiam juntos o divino Platão... Talvez!

CELIMENA, *correspondendo a uma mesura do frade*

Frei André...

FREI ANDRÉ, *a* DOROTÉA, *que o acompanha*

Minha dona...

DOROTÉA, *baixo, a* FREI ANDRÉ, *ao saír*

Então Frei André fez-se agora medianeiro de amores e alcofinha de leva-e-traz?

FREI ANDRÉ, *saíndo, num grande gesto*

Para os amigos! — Eu sou um frade de côrte... Sou um frade artista!

DOROTÉA, *vindo até junto de* CELIMENA, *que se olha distraidamente no seu espelhinho de mão*

Já sei.

CELIMENA

Já sabes o quê?

DOROTÉA

E' o homem da flôr.—Eu logo vi, nas Comendadeiras, que a menina tinha deitado a flôr ao chão, de propósito.

CELIMENA, *num protesto*

De propósito? Oh! Dorotéa...!

DOROTÉA

De propósito, sim. E êle, foi como se lhe tivessem tocado... Curvou o joelho, pôs-se em *Gloria Patri,* e apanhou-a logo. Depois, beijou-a, à socapa...

CELIMENA, *num sorriso alegre*

Viste?

DOROTÉA

Beijou-a!

CELIMENA

E então que tem? E' uma delicadeza.

DOROTÉA

Pobre primo Marquês! Êle, que tanto gosta da menina!

CELIMENA

Nunca mo disse.

DOROTÉA, *duvidando*

Ora! Nunca lho disse...!

CELIMENA

Nunca. Vem todos os dias vizitar-me... Traz-me músicas... Confeitos... Mas não passa daí. Depois, é tão gordo, tão grande, que não é só um primo Marquês,—são muitos primos Marqueses... Muitos! E como a gente não pode casar senão com um... Bem vês... Ao passo que D. Beltrão parece-me

tão fino, tão gentil... Muito pálido... Lembra aqueles retratos de Velasquez, que nós vimos em Madrid... Não é verdade? De mais a mais, poeta... Sabe grego...

DOROTÉA, *sentenciosa*

Sabe grego! Ora para que servirá o grego a duas alminhas que se juntam! Para dizer o quê? Sabe grego...! E o primo Marquês sabe música! E dança na perfeição! Ora aí está! A menina sempre gostou dêsses babosos que comem pão de ló e cantam glosazinhas pelos conventos. Poetas! Uns atarantados, que nem sabem pegar numa espada!

CELIMENA

E ainda bem. Ainda bem que não sabem, que é para eu gostar deles. — Detesto espadachins! Dêsses que aí andam de capa e mascarilha, em grandes passos, com uma pluma encarnada no chapéu, que até parecem galos encrespando a crista! Não falam senão em mulatos, em mestres de armas, em valentões saboianos... E matam, e ferem! Depois, os modos que êles teem... E os gestos... Um torcer de bigode, um menear de espada...

Dá-me vontade de lhes dizer, quando os vejo passar na rua: — *Donde va D. Ramon de Capichuela, que tiene espada por que lo maten com ella?*

O CRIADO, *anunciando*

O senhor Marquês.

DOROTÉA, *aos pulinhos, muito alegre, cantarolando as palavras em estilo de pavana*

Ah! E' o primo Marquês! E' o primo Marquês!

CELIMENA, *baixo, a* DOROTÉA

Não digas que Frei André veio, ouviste?

DOROTÉA, *curvando-se, numa grande reverência, à entrada do* MARQUÊS

Senhor Marquês...

MARQUÊS, *entrando, muito risonho, e pondo o bastão e o chapéu sôbre um tamborete*

Dorotéa... Vai depressa. Esqueceram-me os confeitos na cadeirinha... *(Beijando a*

mão de CELIMENA, *graciosamente)* Prima Celimena...

CELIMENA

Adeus, primo. Tardou hoje muito, sabe?

MARQUÊS

Pois chegou a sentir a minha falta? Oh! Mas nesse caso, Celimena, abençôo os minutos que tardei... *(Entregando-lhe um rôlo de papel, atado com uma fita azul)* Aqui estão as músicas. E' um tonadilho de el-rei, que se cantou hoje na capela real.

CELIMENA, *desdobrando, respeitosamente*

Música de el-rei...? Oh!

MARQUÊS

E' no que el-rei é superior. Na música sacra.

DOROTÉA, *entrando, entregando ao* MARQUÊS *um saquinho de sêda, e desaparecendo, a um gesto de* CELIMENA

Os confeitos, senhor Marquês.

MARQUÊS

De resto, excede-o qualquer tocador de espineta.

CELIMENA

Novas da côrte, primo?

MARQUÊS

O mesmo sempre. Sua Majestade teve espírito hoje pelas duas horas e quarenta e sete minutos da tarde. A Marquesa de Gouveia perdeu uma liga na capela, e a cadelinha da embaixatriz de França, muito constipada, tomou rapé graciosíssimamente. São as notícias mais interessantes. *(Entregando-lhe o saquinho de sêda)* Aqui tem os seus confeitos, Celimena. E' o pequenino feudo que eu pago à sua crueldade.—Saíu hoje?

CELIMENA, *sentando-se na grande cadeira fradesca, com o saquinho nos joelhos*

Obrigada, primo.—Não. Cheguei a mandar pôr o côche. Havia festa no Carmo. Mas afinal não fui.

MARQUÊS, *de pé, encostado ao espaldar da cadeira*

Eu acompanhei Sua Majestade. Estivemos ao cravo, tocando. E todo o dia pensei em si, prima.

CELIMENA

Todo o dia?

MARQUÊS

Tocámos um *Magnificat*... E emquanto as notas do cravo subiam no ar, como um fumo de incenso, muito leve, muito luminoso, era a sua figurinha que eu via, calçada de prata como uma Assunção... Erguer-se... Erguer-se... E perder-se no espaço...

CELIMENA, *lendo a música, distraídamente*

Parece bonito, o tonadilho. *(Estendendo-lhe o saquinho)* Confeitos, primo? *(Entoando) Sol-mi-ré... Ré-sol...*

MARQUÊS

Não é nesse andamento... *(Por detrás da cadeira de* CELIMENA, *lendo também a solfa, e regendo, com o léque fechado da prima, como se fôsse uma batuta) Sol-mi-ré... Ré-sol... So-la... (continuando a falar,*

emquanto CELIMENA *entôa, devagarinho)* Mais lento...—Porque cada minuto que se passa sem eu a vêr, Celimena, é um minuto perdido na minha vida... Bem sei que tenho sido um tímido... *(emendando) Sol-fa-mi*... —Que há confissões que devem fazer-se logo que um sentimento nasce... Que o capricho duma mulher é breve como o acordar duma estrela ou o sonho duma rosa... Dura menos do que o tempo em que se diz a palavra— amor... E' preciso que eu aproveite o seu capricho, que deixe a minha timidez, e que lhe confesse, Celimena... Que lhe confesse que a am...

CELIMENA, *metendo-lhe gentilmente um confeito na bôca*

Um confeito, primo.

MARQUÊS, *comendo o confeito*

Obrigado, prima.

CELIMENA

Pois é lindo o tonadilho de el-rei, não é? Primeiro por ser lindo, depois por ser de el-rei.—Dizem que àmanhã, no baile do Paço, se acendem duas mil velas de cêra? E' verdade, primo?

MARQUÊS

Duas mil. E para mim será um ofício de trevas se a não vir, Celimena... Porque, positivamente, eu desconheço-me... Sinto que não sou o mesmo... *(Tomando-lhe a mão, galantemente)* Quando beijo a sua mão, prima... Esta querida mãozinha, mais delicada ainda do que todos os meus pensamentos, estremeço... Não sei... E' que eu estou apaixonado, Celimena... Eu ador...

CELIMENA, *metendo-lhe na bôca outro confeito*

Outro confeito, primo...

MARQUÊS, *querendo protestar, mas resignando-se a comer o confeito*

Mas, prima...

CELIMENA

O primo decididamente é um tímido. Tem amor a alguêm, e nunca lho chega a dizer...

MARQUÊS, *olhando o saquinho de sêda, num sorriso intencional*

E já vejo que nunca lho direi, Celime-

na, emquanto nesse saquinho houver confeitos...

DOROTÉA, *entregando ao* MARQUÊS *um papel*

Uma carta para o senhor Marquês.

MARQUÊS, *abrindo-a*

Permite-me, prima...?

DOROTÉA, *baixo, a* CELIMENA

Foi Frei André que trouxe.

CELIMENA

Frei André?

MARQUÊS

Quem trouxe esta carta, Dorotéa?

DOROTÉA

Um frade.

MARQUÊS

Sabes se o frade me viu entrar?

DOROTÉA

Viu, sim, senhor Marquês.

CELIMENA, *num sorriso*

Quem lhe escreve, primo?

MARQUÊS

Um fidalgo da Província, que está na côrte, e que me pede instantemente para lhe ser apresentado.

CELIMENA, *encarando-o, a rir*

Chama-se D. Beltrão de Figueirôa?

MARQUÊS, *desconcertado*

Como sabe, prima?

CELIMENA

Já aí esteve no pátio, num rico estufim doirado, com Frei André. A apresentação tinha ficado de ser hoje, há bem três quartos de hora. Mas como o primo se esqueceu completamente... Foi pouco gentil...

MARQUÊS

A prima não o recebeu?

CELIMENA, *gravemente*

Oh, primo! E a etiqueta...?

DOROTÉA

Esteve aí, no côche. Mas como o senhor Marquês não veio...

CELIMENA

Agora não há remédio. Tem de mo apresentar.

O CRIADO, *entrando e curvando-se*

O frade espera as ordens do senhor Marquês.

MARQUÊS, *ao* CRIADO

Veio sòzinho, ou está algum côche no pátio?

O CRIADO

Veio só.

MARQUÊS, *para o* CRIADO

Bem. Sua Reverência dirá ao senhor D. Beltrão de Figueirôa que minha prima o recebe daqui a... *(interrogando* CELIMENA *com o olhar)*

CELIMENA, *ao primo, saíndo pela esquerda*

Dez minutos. E' quanto basta para acabar de pôr as minhas jóias.

MARQUÊS, *ao* CRIADO, *que se retira*

Dez minutos.

MARQUÊS

Dorotéa...

DOROTÉA

Senhor Marquês.

MARQUÊS

Celimena não conhece ainda o fidalgo? Nunca o viu?

DOROTÉA

O senhor Marquês não diga à menina que eu lhe disse...

MARQUÊS, *vivamente*

Viu-o, então?

DOROTÉA, *misteriosa*

Uma vez só. Há quatro dias. Numa Igreja.

MARQUÊS

E falou-lhe?

DOROTÉA

Falar, não falou. Mas, quando o viu, deixou caír uma flôr.

MARQUÊS

Ah! Ela deixou caír uma flor? Então, não há dúvida. E' porque gosta dêle!

DOROTÉA

E o fidalgo apanhou a flôr, e beijou-a.

MARQUÊS

Beijou-a? Então, não há dúvida. E' porque gosta dela! E eu vou favorecer ainda êsse amor, apresentando-os! Eu, que adoro Celimena!

DOROTÉA

A menina diz que o senhor Marquês nunca lhe disse nada...

MARQUÊS

Pudera...! Sempre que vou a dizer-lhe alguma coisa, tapa-me a bôca com um confeito... Estou mesmo persuadido de que é para isso que me pede confeitos todos os dias!

DOROTÉA

Eu bem lhe falo no senhor Marquês... Mas o outro, de mais a mais, é poeta... Dêsses muito loiros, muito embonecradinhos, que usam golinha de volta e gibão à castelhana... Se êle fôsse um espadachim, já a menina não deixava caír flores, não... Mas é poeta...

MARQUÊS, *passeando, absorvido*

Pudesse eu torná-lo ridículo e desagradável aos olhos de Celimena!

DOROTÉA

Lembra-se o senhor Marquês de quando mandava à menina êsses livros de cavalarias...? O *D. Quixote,* e outros, que falam de fanfarrões e de gigantes...? Não se lembra? O que ela se zangava! E o senhor Marquês ria, ria muito...

MARQUÊS

Ela sempre aborreceu os espadachins!

O CRIADO, *anunciando*

O senhor D. Beltrão de Figueirôa.

MARQUÊS, *ao ouvir o nome, como quem achou*

Ah! Tenho a minha idéa!

DOROTÉA

E' êle, já!

MARQUÊS, *baixo, a* DOROTÉA

Ouve... Vai para junto de Celimena... Entretem-na o mais que puderes, que eu preciso de falar um instante a sós com o fidalgo.

DOROTÉA, *desconfiada*

Sim, senhor Marquês.

MARQUÊS

E nem uma palavra. Vai, anda.

DOROTÉA, *saíndo, em passos de dança*

Que irá êle fazer?

MARQUÊS, *ao* CRIADO

Mande entrar sua ilustríssima o senhor D. Beltrão de Figueirôa.

D. BELTRÃO, *entrando, precedido do* CRIADO, *que faz uma mesura, e sai*

Oh! senhor Marquês!

MARQUÊS

Senhor D. Beltrão... Eu peço-lhe mil desculpas. Demorei-me um pouco. Estive no Paço, com Sua Majestade... Um pequeno concêrto...

D. BELTRÃO, *sentando-se, a um gesto do* MARQUÊS

A sua muita gentileza, Marquês, é que deve perdoar a minha impertinência. Eu não sei se o uso das apresentações tem nesta côrte outro estilo diferente... Sou um simples fidalgo da Província... Viajei muito, é certo, por Flandres e por Itália, onde é vulgar esta moda entre fidalgos. Mas, com franqueza, não sei se aqui...

MARQUÊS

Pois não... Perfeitamente.

D. BELTRÃO

A primeira vez que vi sua prima foi de longe, no côche da senhora Marquesa de Marialva. Instintivamente, curvei o joelho, como se qualquer coisa de religioso tivesse passado... Depois, tive a felicidade de a vêr numa Igreja...

MARQUÊS, *sublinhando, vivamente*

Onde Celimena deixou caír uma flôr, que D. Beltrão levantou...

D. BELTRÃO

E' certo. *(Notando a ligeira perturbação do* MARQUÊS) Não será do estilo da côrte, levantar uma flôr?

MARQUÊS

Oh! Pois não... Perfeitamente.

D. BELTRÃO

Perguntei quem era essa adorável criatura que os meus olhos tinham visto, e disseram-me ser uma linda preciosa de nome Celimena, orfã, prima do senhor Marquês, e muito erudita e versada em língua grega e latina... Compreende, Marquês, a minha curiosidade... Daí, o pedido que tive a honra de lhe fazer e que a sua fidalga gentileza perdoará decerto.

MARQUÊS

Esta vizita só poderá honrar, e muito, mi-

nha prima. Entretanto, desde já previno D. Beltrão de que não vai encontrar em Celimena positivamente o que sonha...

D. BELTRÃO

Oh! Não... Eu sei!

MARQUÊS

Sabe?

D. BELTRÃO

Vou encontrar muito mais do que sonhei... Porque nem todo o meu sonho teria o poder de criar uma tão grande formosura!

MARQUÊS

Não calcula quanto me é doloroso dizer-lhe que vai ter uma desilusão.

D. BELTRÃO

Esperava uma preciosa de Molière... Vou talvez encontrar Santa Cecília... Alguma doce criaturinha tocada duma graça espiritual, com quem é preciso que sejamos transparentes de subtileza, imateriais como um perfume...

MARQUÊS, *imperturbável*

Engana-se inteiramente. E o que mais me pesa dizer-lhe, é que por essa fórma, com tamanha gentileza e fidalguia de maneiras, D. Beltrão vai desagradar absolutamente a minha prima.

D. BELTRÃO, *caíndo das nuvens*

Como assim?

MARQUÊS

Por mais estranho que se lhe afigure, assim é. Celimena, apesar de linda como uma figurinha de pano de Arrás, e delicada na aparência como um soneto de Voiture, tem uma predilecção inexplicável pelas criaturas grosseiras... Sôbre tudo, pelos espadachins de ofício...

D. BELTRÃO, *horrorizado*

Celimena?

MARQUÊS

Não pode calcular. E' verdadeiramente extraordinário.

D. BELTRÃO

Devéras...? Celimena? Mas Frei André, que foi mestre dela, afirmou-me...

MARQUÊS

Frei André não a conhece bem. Sim... Porque ela pode afectar umas certas maneiras... Mas, no fundo...

D. BELTRÃO

Só fanfarrões? — E eu, que a sonhava...!

MARQUÊS

Tem por conseguinte D. Beltrão dois caminhos a seguir. Ou querer agradar-lhe, ou querer desagradar-lhe. Dirá qual prefere.

D. BELTRÃO

Mas, sem dúvida... Agradar-lhe! Apesar de tudo... Agradar-lhe o mais possível... Porque eu confesso-lhe, Marquês, com tôda a minha alma... Estou apaixonado por Celimena... Amo-a...

MARQUÊS, *vendo de repente o saquinho de sêda sôbre um tamborete, e interrompendo*

Não quererá um confeito, D. Beltrão?

D. BELTRÃO, *servindo-se de confeitos, com certa estranheza*

Muito obrigado.—Será contra o estilo da côrte, dizer isto a um primo?

MARQUÊS

Oh! Não... Perfeitamente!

D. BELTRÃO

Mas que deverei eu fazer então, para agradar-lhe?

MARQUÊS

E' simples. Ela adora os espadachins. Apresente-se D. Beltrão como um espadachim emérito, brigão e desafiador de meio-mundo, transforme os seus gestos, as suas maneiras, seja excessivo, castelhano, quási grosseiro como um fanfarrão de Calderon de La Barca... E vê-la há, imediatamente, rendida e apaixonada aos seus pés.

D. BELTRÃO, *contrariado*

Mas para isso há apenas uma pequenina dificuldade.

MARQUÊS

Não sei qual seja.

D. BELTRÃO

A minha educação andou sempre tão longe de duelos e de arruaças... Não é nada o meu feitio... Se fôsse preciso, bater-me ia hoje, àmanhã, mas batia-me serenamente, gentilmente, como quem vai para um baile. Fingir de espadachim é uma coisa difícil. Não sei se saberei...

MARQUÊS, *sorrindo*

Não há nada mais fácil!

D. BELTRÃO

Eu, mesmo, não convivo muito com essa gente... Não sei. Não estou habituado.

MARQUÊS

Facílimo. Não tem nada que saber. Um pouco de fantasia... Frase sonora, redonda... Gesto em curva, largo, dum exagêro à Cervantes... A cabeça levantada... Olhar desdenhosamente, como um grande de Espanha olha para um rei... Torcer muito o bigode... *(Seguindo os movimentos de* D. BELTRÃO, *que vai realizando cada uma das suas indicações)* Isso! Magnífico... A mão na espada. Bater com os pés... Excelente!

D. BELTRÃO, *passeando, numa atitude pomposa, dum lado para o outro*

Deve ser isto, pouco mais ou menos. *(Parando a meio, desconfiado)* Mas eu assim não ficarei muito ridículo?

MARQUÊS

Oh! Quem pensa nisso? Ridículo...? Está soberbo! O que é preciso é não se desmanchar... Quando perder a linha, se me dá licença, eu...

D. BELTRÃO

O Marquês toque-me na manga do gibão.

MARQUÊS

Combinado.

DOROTÉA, *aparecendo à porta*

Senhor Marquês...

MARQUÊS, *baixo, a* D. BELTRÃO

Ah! Aí vem Celimena.

MARQUÊS, *em seguida às duas mesuras graciosíssimas que* CELIMENA *e* D. BELTRÃO *trocam de longe*

Prima Celimena... O senhor D. Beltrão de Figueirôa, da melhor nobreza dêstes reinos, em cujo brazão de família há as três faixas de azul contraveiradas de ouro, ilustre duelista e aventureiro, discípulo em esgrima de Pantaleão de Rua e Tomás Luís rei de Armas, homem temido por tôda a gente e célebre em Flandres e Itália pelas mortes que tem feito, suplica da sua graça a honra de lhe beijar a mão.

DOROTÉA, *olhando o* MARQUÊS *e* D. BELTRÃO, *muito espantada*

Ah!

D. BELTRÃO, *beijando a mão de* CELIMENA

Minha senhora.

CELIMENA

Eu diria que estou sonhando... Pois o senhor D. Beltrão de Figueirôa é... tudo isso que diz meu primo?

D. BELTRÃO, *um pouco desconfiado, olhando o* MARQUÊS

Efectivamente, minha senhora, também me pareceu demais... Um poucochinho demais... Eu estava longe, mesmo, de esperar tanto da graciosidade de sua excelência o senhor Marquês. E' o manifesto desejo de me tornar grande aos seus olhos, Celimena... Entretanto, devo confessar que dali à verdade... *(O* MARQUÊS *puxa-lhe a manga do gibão)* Quer dizer... Não que a pintura que sua excelência fêz das minhas qualidades não seja quási verdadeira... *(Novo puxão de manga)* Pode mesmo afirmar-se que é verda-

deira... *(Tomando calor)* Eu não sei, minha senhora, o que se passa em mim nêste momento. Mas, realmente, depois de ter beijado a sua mão, começo a sentir-me capaz de todos os duelos, de tôdas as bravuras e até de tôdas as mortes que me atribuem,—como se êsse beijo misterioso tivesse acendido um raio de sol na ponta da minha espada!

CELIMENA, *num tom quási desdenhoso*

Oh! Mas eu não desejo que faça morte alguma por minha causa...

MARQUÊS

Seria apenas—mais uma! E que importa mais uma ou duas mortes a D. Beltrão de Figueirôa? E' uma gôta de água no oceano! O rol das suas mortes em duelo já sobe a...? Cento e quarenta e...?

D. BELTRÃO, *espavorido*

Oh! Marquês! *(A um puxão de manga)* Aproximadamente... Cento e quarenta e... *(Suspendendo, aflito)* O Marquês é que sabe! O Marquês deve saber muito melhor do que eu!

MARQUÊS

Incalculável... Verdadeiramente incalculável! — Uma vez, numa viela de Toledo, de noite, à luz dum nicho de azulejos — sabe, prima, a misteriosa Toledo? — bateu-se contra uns poucos de espadachins, e não deixou um só vivo!

D. BELTRÃO, *numa grande atitude*

E' verdade! Nem um só vivo!

CELIMENA

Ah! E não tem remorsos de tão feias acções, senhor D. Beltrão de Figueirôa? Só Deus tem o direito de matar. Eu não desejaria que se abusasse tanto do privilégio de trazer uma espada!

D. BELTRÃO, *ao* MARQUÊS, *estranhando*

Parece que não fêz efeito!

MARQUÊS, *baixo, a* D. BELTRÃO

Ora se fêz! Magnífico!

CELIMENA

E' uma barbaridade... E' mesmo um crime!

D. BELTRÃO, *desconcertado*

Um crime? Mas... Minha senhora... A verdade é que eu não matei pessôa alguma!

CELIMENA

Como assim? Não acabou de dizer que tinha morto uns poucos de brigões em Toledo?

D. BELTRÃO, *vivamente instigado pelo* MARQUÊS

Ah, sim! Matei! Matei! Mas... *(tomando uma atitude grandiosa)* O mêdo que lhes causou a minha bravura foi de tal ordem, que, para poderem ainda fugir de mim, ressuscitaram todos imediatamente!

MARQUÊS, *baixo, a* D. BELTRÃO

Bravo! *(A* CELIMENA) Ora, como a prima vê, o senhor D. Beltrão de Figueirôa tem aventuras deveras extraordinárias!

D. BELTRÃO, *baixo, ao* MARQUÊS

Esta é que me parece que fêz efeito!

MARQUÊS, *a* D. BELTRÃO, *radiante*

Um efeitarrão!

CELIMENA

Eu não posso esconder a surprêsa que o senhor D. Beltrão de Figueirôa produziu em mim...

D. BELTRÃO, *sem compreender*

Surprêsa?

MARQUÊS, *vivamente*

Oh! Não sei porquê!

CELIMENA

Frei André tinha-me dito que era poeta... Uma pessôa delicada...

MARQUÊS, *interrompendo*

Frei André! Frei André é um frade filósofo, que não sabe o que diz... Fala, fala, fala, fala... Mete-se na consciência alheia e nos côches alheios...

D. BELTRÃO, *sem se importar já com os sinais do* MARQUÊS

O douto frade tinha-lhe dito que eu era poeta, Celimena?

MARQUÊS, *atalhando, rápido*

Não é! Está visto que não é!

DOROTÉA, *sentenciosa*

Pois já se vê que não é.

CELIMENA

E, entretanto, era poeta que eu o tinha sonhado...

D. BELTRÃO

Não sou...? Não sou poeta? *(Perdendo a cabeça)* Mas eu desde já desafio, na pre-

sença de Celimena, tôda a Academia dos Singulares, todos os poetas, o próprio Gôngora...

CELIMENA, *aterrada*

Para um duelo?

D. BELTRÃO

Não! Para um concurso! — Não sou poeta? Mas quem pode convencer-me disso? Então eu faço ajoelhar corações na minha passagem, eu encho de jóias as minhas frases... como os seus dedos, Celimena... E não sou poeta? Á minha voz o amor germina na terra, e cresce, e rebenta em flôres... Eu ensino a humanidade a amar... E não sou poeta? Então eu sonho, eu rio em cada verso, ponho umas asas de oiro ao pensamento, sei encurtar numa palavra a distância que nos separa do céu... E não sou poeta?

MARQUES, *puxando a manga de* D. BELTRÃO, *desesperadamente*

Mas D. Beltrão, está a perder a linha!

D. BELTRÃO

Eu consinto em ser um fanfarrão para lhe

agradar, Celimena... Mas como hei-de deixar de ser poeta, emquanto tiver o coração comigo?

MARQUÊS

Mas, D. Beltrão, está estragando tudo!

CELIMENA, *já encantada*

Não sei que transfiguração se operou em si, senhor D. Beltrão de Figueirôa, que bastaram agora duas palavras suas para que eu o visse um instante como o sonhei...

D. BELTRÃO

Como me sonhou?

MARQUÊS, *aflitíssimo, a* D. BELTRÃO

Não se desmanche... Não perca a linha... Puxe o bigode...!

D. BELTRÃO

Mas, Celimena... (*Baixo, ao* MARQUÊS) Não me parece a melhor ocasião para puxar o bigode... (*De novo, a* CELIMENA) Se com efeito me sonhou diferente do que eu era, eu

confesso-lhe também que a sua paixão pelos espadachins a fêz baixar um pouco do alto sonho a que a minha alma a erguera...

CELIMENA, *sem compreender*

A minha paixão pelos espadachins?

MARQUÊS

Bem! Está tudo perdido.

CELIMENA

Mas eu nunca tive paixão alguma por semelhante gente!

D. BELTRÃO, *olhando o* MARQUÊS *e* CELIMENA

Nunca?—Oh!—Nunca?

CELIMENA

Se os aborreço!

D. BELTRÃO

Mas também eu! Também eu os detesto!

CELIMENA, *numa alegria infantil*

Deveras...? Então o senhor D. Beltrão de Figueirôa não é um espadachim a valer?

D. BELTRÃO

Nunca o fui, Celimena... Era apenas para lhe agradar...

CELIMENA

Mas quem teceu esta pequena intriga? *(Vendo o* MARQUÊS *de olhos baixos, enleado)* O primo está tão calado...

MARQUÊS

Celimena... Vou confessar o meu delito e remir a minha culpa... Fui eu que convenci D. Beltrão de Figueirôa da sua falsa paixão por duelos e bravuras...

CELIMENA, *repreensiva*

Primo! — Oh! Primo!

D. BELTRÃO, *olhando o* MARQUÊS

Oh!

MARQUÊS

Foi um ardil ingénuo... Um ardil com que tentei afastar de si um fidalgo espirituoso e galante, que a ama como eu a amo... (CELIMENA *faz menção de dar-lhe outro confeito; o* MARQUÊS *esquiva-se, sorrindo)* Mas o meu castigo não pode ser maior, prima... E' órfã... A sua única família sou eu... Sou eu, por conseguinte, que vou ter a honra de conceder a sua mão ao ilustre fidalgo D. Beltrão de Figueirôa, da melhor nobreza dêstes reinos, em cujo brazão de família há as três faixas de azul contraveiradas de oiro, grande erudito e poeta... e que, afinal de contas, não fêz morte alguma por Flandres nem por Itália...

D. BELTRÃO, *radiante, beijando a mão de* CELIMENA

Celimena!

CELIMENA, *ao* MARQUÊS

Êste beijo foi o seu perdão, primo...

MARQUÊS, *a* D. BELTRÃO

E agora, senhor D. Beltrão de Figueirôa,

trará todos os dias a minha prima um saquinho de confeitos como êste... Mas, quando lhe quiser dizer que a ama, tome cuidado, afaste o saquinho para bem longe de Celimena...

CELIMENA

Descanse, primo... A êle, nunca lhe taparei a bôca...

DOROTÉA

Diz que não há boda sem dança. A menina ensinou-me hoje os passos da pavana... Se o senhor Marquês quisesse dançar comigo um bocadinho...

D. BELTRÃO

A pavana? Oh! Dançâmo-la os quatro! Uma pavana real!

CELIMENA

Mas quem há-de tocar?

DOROTÉA, *pegando numa rabeca*

A rabeca já aqui está.

MARQUÊS

Falta o rabequista.

D. BELTRÃO

Não falta. Trouxe Frei André comigo.

DOROTÉA, *chamando, ao fundo*

Frei André! Frei André! — Uma pavana, para a gente dançar!

FREI ANDRÉ, *entrando e pegando na rabeca, emquanto os quatro se dispõem para dançar*

Uma pavana? Pois não! — Sou um frade de côrte... Sou um frade artista!

Cai o pano sôbre os primeiros passos da pavana real.

FIM

PORTUGAL-BRASIL L.DA

SOCIEDADE EDITORA

58, Rua Garrett, 60 — LISBOA

ALBERTO DE OLIVEIRA
Na Outra Banda de Portugal 1$00
ALBERTO TELLES
Camilo na Cadeia da Relação do Porto..... 1$50
ANTONIO CABRAL
Eça de Queirós..... 3$00
ANTONIO GRANJO
A Grande Aventura..... 1$50
CARLOS MALHEIRO DIAS
A verdade Nua, (2.ª ed.)..... 2$00
A Esperança e a Morte..... 1$50
CELSO VIEIRA
O Semeador..... 1$00
COELHO DE CARVALHO
A Eneida de Virgilio..... 3$00
CONDE D'ARNOSO
Azulejos, nova ed..... 2$50
CONDE DE SABUGOSA
Gente de Algo..... 3$00
EDUARDO DE AGUILAR
Tragedias de Roma..... 1$50
EDUARDO SCHWALBACH
A Historia da Carochinha.. $80
EGAS MONIZ
A Vida Sexual, enc..... 6$00
Um ano de politica..... 2$00
EMMANUEL LASSERRE
Os Delinquentes Passionaes e o Criminalista Impallomeni 1$50
H. LOPES DE MENDONÇA
Sangue Português (2.ª ed.)... 2$00
JOÃO DE CASTRO
Jornadas pelo Minho..... 2$50
A Comedia de Lisboa..... 2$00
JOÃO DO RIO
A Mulher e os Espelhos, (2.ª ed.) 1$50
Correspondencia de uma estação de cura (2.ª ed.)..... 1$50
JULIO DANTAS
Como elas amam (2.ª ed.).... 2$00
Espadas e Rosas, (3.ª ed.)..... 2$00
Mulheres, (4.ª ed.)..... 3$00
Sonetos (3.ª ed.)..... $80
Abelhas doiradas..... 2$00
JULIO DE CASTILHO
Fastos Portuguezes..... 1$50
L. XAVIER BARBOSA
Cem Cartas de Camillo..... 2$50
MANUEL DA SILVA GAIO
De Roma e suas conquistas.. 1$50
MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO
Paginas escolhidas..... 1$50
MAYER GARÇÃO
Os Cem Sonetos (prefacio).... 2$00
OSCAR LOPES
Seres e sombras..... 1$50
PAULO DE GARDENIA
Lecticia..... 1$00
SAMUEL MAIA
Sexo Forte..... 2$00
Entre a vida e a morte..... 2$50
SOUSA COSTA
Paginas de Sangue..... 1$20
Fructo Prohibido..... 3$00
STUART TORRIE
Secretario Comercial da Língua Inglesa, cart..... 2$50
URBANO RODRIGUES
A Duqueza da Baêta..... 1$50
Coração..... $70

Theatro:

H. LOPES DE MENDONÇA
Nó Cégo, 3 actos..... $80
JULIO DANTAS
D. João Tenorio, 6 actos..... 2$00
Rosas de todo o ano..... $40
1023, episodio em verso..... $40
Carlota Joaquina, 1 acto..... $60
Um serão nas Larangeiras... 2$00
A Castro..... 1$00
Sóror Mariana..... $60
D. Beltrão de Figueirôa..... $70
MARCELINO MESQUITA
Almas doentes, 2 actos..... $80
URBANO RODRIGUES
A Posse — Ultima Aventura— Maria da Graça..... $80
VASCO MENDONÇA ALVES
Promessa, 4 actos..... 1$00
VICENTE ARNOSO
O Ultimo Senhor de S. Geão 1$00

No Prélo:

CARLOS BABO
A sombra de D. Miguel.
JOSÉ JOAQUIM NUNES
Chrestomatia archaica.
JOÃO DO RIO
Rosario da Ilusão.
JOÃO VERDADES
Panno acima!...
MARIA A. VAZ DE CARVALHO
Uma pagina de historia.

JULIO DANTAS

ROSAS de TODO o ANO

PORTUGAL-BRASIL LDA.

SOCIEDADE EDITORA

Lisboa

Rosas de todo o ano

Comédia em 1 acto, representada no antigo *Teatro D. Amélia*, de Lisboa (1907),
no *Court Theatre*, de Londres (1912),
no *Teatro Argentina*, de Roma (1913), no *Teatro Poliorama*,
de Barcelona (1913), etc.

OBRAS DE JÚLIO DANTAS

POESIA

Nada (1896) — 3.ª edição, no prelo.
Sonetos (1916) — 4.ª edição.

PROSA

Outros tempos, inquéritos médicos às genealogias reais portuguesas, etc. (1909) — 2.ª edição, ampliada.
Figuras de ontem e de hoje (1914) — 2.ª edição.
Pátria Portuguesa (1914) — 4.ª edição, no prelo.
Ao ouvido de M.me X (1915) — 4.ª edição.
O amor em Portugal no século XVIII (1915) — 2.ª edição.
Mulheres (1916) — 4.ª edição.
Êles e Elas (1918) — 3.ª edição.
Espadas e Rosas (1919) — 4.ª edição.
Como elas amam (1920) — 2.ª edição.
Abelhas doiradas (1920).
Os galos de Apollo (1921).
As Grandes Batalhas — No prelo.

TEATRO

O que morreu de amor (1899) — 4.ª edição.
Viriato Trágico (1900) — 2.ª edição.
A Severa (1901) — 4.ª edição.
Crucificados (1902) — 2.ª edição.
A Ceia dos Cardeais (1902) — 24.ª edição.
D. Beltrão de Figueirôa (1902) — 4.ª edição.
Paço de Veiros (1903) — 3.ª edição.
Um serão nas Larangeiras (1904) — 4.ª edição, no prelo.
Rei Lear (1906) — 2.ª edição, no prelo.
Rosas de todo o ano (1907) — 9.ª edição.
Mater Dolorosa (1908) — 5.ª edição.
Auto de El-Rei Seleuco (1908) — 2.ª edição.
Santa Inquisição (1910) — 2.ª edição.
O Primeiro Beijo (1911) — 4.ª edição.
D. Ramon de Capichuela (1912) — 2.ª edição.
O Reposteiro Verde (1912) — 2.ª edição.
1023 (1914) — 2.ª edição.
Sóror Mariana (1915) — 3.ª edição.
Carlota Joaquina (1919) — 3.ª edição.
D. João Tenório (1920).
A Castro (1920).

A data indicada par cada obra é a da sua primeira edição.

JÚLIO DANTAS
Sócio efectivo da Academia das Sciências de Lisboa
Da Academia Brasileira de Letras

Rosas de todo o ano

COMÉDIA EM UM ACTO, EM PROSA

NONA EDIÇÃO

LISBOA
PORTUGAL-BRASIL LIMITADA
SOCIEDADE EDITORA
58 — RUA GARRETT — 60

Reservados todos os direitos de reprodução em Portugal, conforme preceituam as disposições do *Código Civil Português;* no Brasil, nos termos do convénio de 9 de Setembro de 1889 e lei n.º 2.577, de 17 de Janeiro de 1912 ; nos países convencionados, em harmonia com a convenção de Berne, a que Portugal aderiu por decreto de 18 de Março de 1911. A propriedade desta obra pertence à Sociedade Editora Portugal-Brasil L.da.

Imprensa PORTUGAL-BRASIL – Rua da Alegria, 100, Lisboa

Nota da 9.ª edição

A peça do sr. dr. Júlio Dantas, Rosas de todo o ano, *que conta nove edições portuguesas, foi representada pela primeira vez no salão nobre do Conservatório de Lisboa, em 21 de outubro de 1907, e expressamente escrita, a pedido dêste estabelecimento de ensino, para servir de prova de exame e concurso a prémio de Maria Matos, hoje actriz muito ilustre, e de Dalila Motili, que não seguiu a carreira teatral. Pouco tempo depois (18 de novembro de 1907), a peça subiu à scena, com grande êxito, no antigo teatro D. Amélia, desempenhando Lucília Simões o papel de* Susana *e Maria Falcão o de* Sóror Inês. *Daí por diante, a delicada comédia tem sido incessantemente representada em Portugal e no estrangeiro.*

A primeira representação das Rosas de todo o ano *em Londres realizou-se a 7 de março de 1912, no* Court Theatre, *acompanhando a peça de Miss Sylvia Bristwe,* A School for life. *Foi sua tradutora Mrs. Edward Lewis, e suas intérpretes Miss Gwladys Mawer, medalha de oiro do Conservatório de Londres* (Sóror Inês) *e Miss Arddyn Hansard* (Susana). *A primeira representação das* Rosas de todo o ano *em Paris, na versão do sr. conde de Varin d'Ainvelle, teve logar na* Salle de la Concorde, *em 9 de janeiro de 1922* (Suzana, *M.elle Sandzevith;* Sóror Inês, *M.elle Irene de Vasconcelos). A primeira representação das* Rosas de todo o ano *em Espanha efectuou-se no* Teatro Poliorama, *de Barcelona, em* 27 *de fevereiro de 1913, na tradução castelhana de D. Ezequiel Endériz, intitulada* Hay rosas todo el año, *tendo-se encarregado do papel de* Sóror Inês *a actriz Carmen Illescas, e do*

papel de Susana *a actriz Pura Mareca. Quando a grande artista espanhola Rosário Piño veio em* tournée *a Portugal, em 1914, trouxe no seu repertório as* Rosas de todo o ano, *onde tem, na parte de* Sóror Inês, *uma das suas mais notáveis criações dramáticas. A primeira representação realizou-se no antigo teatro D. Amélia, em 23 de maio de 1914, interpretando o papel de* Susana *a graciosa actriz Concepcion Robles.*

Existem as seguintes traduções das Rosas de todo o ano: *catalã, de Ribera y Rovira* (Biblioteca Juventud Teatral); *castelhana, de Ezequiel Endériz; inglesa, de Mrs. Edward Lewis e do sr. Ferreira d'Almeida; italiana, de Giulio di Medici, com ilustrações de Luigi Bompard* (Il Secolo XX, *de Milão, ano* XIII, *n.º 3, março de 1913); francesa, do Conde de Varin d'Ainvelle* (Paris-Notícias, *n.º 36, 9 de janeiro de 1922).*

Esta peça foi convertida em drama lírico pelo ilustre maestro Augusto Machado, e cantada em português, no teatro de S. Luís, de Lisboa, na noite de 4 de junho de 1920, pelas actrizes-cantoras Maria Abranches (Sóror Inês) *e Alice Pancada* (Susana). *Também dela extraíu uma ópera o maestro Rui Coelho.*

Portugal-Brasil, L.da

FIGURAS

Susana..... LUCÍLIA SIMÕES
Sóror Inês..... ..... MARIA FALCÃO

SÉCULO XVIII

ROSAS DE TODO O ANO

A cela dum convento de franciscanas ricas. — Catre, arquibanco, estante. — Á cabeceira do catre, um crucifixo. — Sôbre um cravo, ou espineta fradesca do século XVIII, papéis de música e uma faiança espanhola com rosas frescas.

SÓROR INÊS, *sentada ao cravo, toca Pergolese. — É uma freira de vinte anos, triste e pálida; traz cruz peitoral de prata sôbre o escapulário negro de S. Francisco. — Manhã de sol. — Passados momentos, uma religiosa leiga aparece à porta do fundo, curva-se e dá passagem a* SUSANA. — *uma pequenina sécia de quinze anos, muito risonha, empoada à francesa.*

SUSANA, *tímidamente, da porta*

Reverenda madre...

INÊS, *sem se voltar, os dedos sôbre o têclado da espineta, numa voz triste*

Entre, irmã.

SUSANA, *insistindo, num passo tímido*

Reverenda madre...

INÊS, *voltando-se, vendo* SUSANA, *erguendo-se do cravo e correndo para ela, emquanto a irmã leiga, ao fundo, se curva e desaparece*

Susana! – Tu aqui!

SUSANA, *caíndo-lhe nos braços*

Inês! Minha querida Inês!

INÊS, *beijando-a com ternura*

Minha Susana! – Há tanto tempo! *(afastando-a para a olhar)* Deixa-me ver-te bem... Estás crescida... Estás linda!

SUSANA, *rindo*

Quinze anos... Estou uma velha!

INÊS

Os olhos mais azuis... *(conduzindo-a até ao banco)* Senta-te ao pé de mim. – Então, deixaram-te vir ver-me? – Como eu estava longe, meu Deus! – Quem te trouxe? Com quem vieste?

SUSANA, *tomando entre os dedos as anquinhas de sêda, numa mesura*

Com o senhor meu pai. – Ficou no côche, e eu subi. – Êle pode falar-te à grade, pois não pode? *(olhando* INÊS) Mas como tu estás bonita!

INÊS

Estou muito zangada contigo. – Então porque não me escrevias? – Desde outubro... Nem uma palavra! *(com tristeza)* Esqueceste-te da tua pobre amiga...

SUSANA, *balbuciando*

Ah! Não... – Eu...

INÊS, *num sorriso indulgente, pondo-lhe a mão sôbre a bôca*

Não mintas... Tu ias mentir... *(com doçura)* Esqueceste-me... *(dolorosamente)* Se eu mesma já me esqueci de mim!

SUSANA, *infantil*

Não, não... Se soubesses! – Chorei tanto, quando tu partiste! Não sejas ingrata!

INÊS, *num sorriso triste*

Eu é que sou...

SUSANA

Lembrava-me muito... Todos os dias, a tôdas as horas... – Ás vezes estava muito contente, a rir, a brincar... De repente lembrava-me... – A prima Inês! Que fará a esta hora a prima Inês? – Via-te no côro, com o teu véu branco, muito bonita, ao pé duma abadessa muito feia... E tinha pena... Muita pena de ti... *(transição, olhando*

em volta) É que eu não julgava que isto fôsse tão bonito, sabes? *(levantando-se)* Isto é bonito!

INÊS

Muito bonito. *(levando-a à janela)* Olha... Queres ver o claustro?

SUSANA, *debruçada*

Ah! – É um jardim!

INÊS

Há rosas todo o ano.

SUSANA, *com estranheza*

Todo o ano?

INÊS

Ali, naqueles canteiros. – Ao pé do banco de azulejos... – E na cêrca. *(com simplicidade)* Sou eu a jardineira. Gosto muito.

SUSANA, *reflexiva*

Pois há nalguma parte rosas todo o ano?

INÊS

Então não ha! *(rindo)* Criança!

SUSANA

É esquisito. – Não sabia que havia rosas todo o ano... *(mudando de tom, rápidamente)* E então és tu que tratas

do jardim? Tu sòzinha? És tu que regas, que mexes na terra, que...

INÊS

Sou.

SUSANA

Não faças isso. – Olha que estragas as mãos.

INÊS

Não estrago.

SUSANA

Tu tinhas umas mãos tão bonitas, tão brancas! *(toma-lhe as mãos)* E ainda tens... Com umas veias muito azuis... *(comparando as mãos de* SÓROR INÊS *com as suas)* As minhas são feias, sapudas... – Eu sou muito feia!

INÊS, *beijando-a*

Tu és um encanto!

SUSANA, *de repente, olhando lhe as mãos*

Ah!

INÊS

Que é?

SUSANA

Perdeste o anel... – Aquele da esmeralda...

INÊS, *com tristeza*

Não perdi.

SUSANA

Deixa ver a outra mão... *(percorrendo-lhe os dedos)* Aquele anel tão bonito, que te tinha dado o tio Marquês de Alegrete...

INÊS

Não perdi. – Eu não posso usar jóias, meu amor. Sou freira.

SUSANA

Ah! – É verdade... – Não me lembrava... Perdoa... *(comovendo-se, pouco a pouco)* Também, o anel não era muito bonito... *(querendo-a consolar)* E o hábito fica-te tão bem! Tão bem!... *(com as lágrimas nos olhos, encarando* INÊS) Pobre Inês... Coitadinha!

INÊS, *a quem* SUSANA *abraça, a chorar*

Susana... Eu sou feliz... Não chores... *(enxugando-lhe as lágrimas com a manga do hábito)* Sou muito feliz... *(dolorosamente)* Muito!

SUSANA, *depois de um silêncio, erguendo a cabeça que inclinara sôbre o seio de* INÊS

Há quantos anos já?

INÊS

Quási três anos.

SUSANA, *olhando-a com respeito*

E já és a reverenda madre vigária... Só com mais cinco

anos do que eu! – E àmanhã, abadessa... E depois... Sei lá o que serás depois! – Quando fôres abadessa, nem já te lembras de mim... *(transição, rindo)* Se eu fôsse abadessa era muito telhuda!

INÊS, *dolorosamente*

Eu pedirei a Deus que nunca o sejas, meu amor.

SUSANA

Há já três anos! E parece que ainda foi ontem! *(recordando)* Um dia, tu não apareceste... Chorei, perguntei por ti... – A prima Inês? Onde está a prima Inês? – Ninguém me respondia... Mudavam de conversa... Mandavam-me calar... – Até que, um dia, disseram-me... – Foi teu pai... – Deixou caír a sua grande luneta de punho de oiro, franziu as sobrancelhas... *(imitando uma voz de homem)* «A prima Inês está num convento, ao pé de Braga. Não torne a perguntar por ela diante de gente». *(com tristeza)* E eu nunca mais perguntei. – Tão perto, e nem me deixavam vir dar-te um beijo! *(a mêdo, baixando a voz)* Soube depois que tinha sido por causa daqueles tiros... Lembras-te? Aqueles tiros que se ouviram uma noite no pátio da nossa casa...

INÊS, *perturbada, tomando as mãos de* SUSANA *e olhando-a fixamente*

Ah! – Disseram-te...?

SUSANA

E eu fiquei a pensar... Como são injustos! – Que culpa

teve ela, coitadinha, metida no seu quarto, de que um criado pegasse num arcabuz e começasse a atirar aos lobos?

INÊS

Disseram-te que tinha sido aos lobos?

SUSANA

Pois não foi?

INÊS, *numa profunda expressão de dor*

Aos lobos!

SUSANA, *vendo os olhos de* INÊS *cheios de lágrimas*

Mas eu fiz-te mal...? Tu choras...— Inês! Minha querida Inês! *(beijando-lhe as mãos)* Olha para mim...— Eu não sabia que te fazia mal...

INÊS, *passando as mãos pelos olhos, como a afugentar um mau pensamento*

Olha...— Falemos de ti, meu amor... De ti só. — Eu morri quando me vestiram êste hábito.

SUSANA

Perdoa...

INÊS

Falemos de ti... Olha... *(mudando febrilmente de conversa, num sorriso contrafeito)* Dize-me uma coisa... E as

tuas bonecas? – Que saudades! – A Doña Boba...? – Quantas vezes nós brincámos com ela!

SUSANA, *com muita naturalidade*

A Doña Boba está boa, obrigada. – Agora tenho outra, que me deu o tio D. Prior. É uma preta.

INÊS

Uma preta?

SUSANA, *baixando os olhos*

Mas estou muito triste. – Daqui a pouco, já não posso brincar com bonecas...

INÊS

Não podes brincar com bonecas? Porquê?

SUSANA

Porque... *(hesitando)* Porque não posso. *(muito comprometida, os olhos baixos, còrando)* Era mesmo para te dizer isso que eu cá vinha. – Eu vinha dizer-te uma coisa...

INÊS, *notando o embaraço de* SUSANA

Vamos, vamos... Não é preciso còrar...

SUSANA

Vinha dizer-te isso, exactamente.

INÊS, *rindo*

Mas eu ainda não sei o que é...

SUSANA

Sabes, sabes. *(vendo-a rir)* É isso mesmo.

INÊS, *depois de um silêncio em que a olha*

Pois já...?

SUSANA

Já.

INÊS

Aos quinze anos! Tão novinha ainda! *(passado um momento)* É teu pai que quer?

SUSANA, *erguendo-se, numa mesura*

O senhor meu pai aprova.

INÊS, *depois de uma pausa*

E, ao menos... êle é bonito?

SUSANA

É.

INÊS

Novo?

SUSANA, *infantil, brincando com o leque*

Não. Isso não. — É já muito velho.

INÊS

Muito velho?

SUSANA

Tem vinte e quatro anos.

INÊS, *rindo*

Vinte e quatro anos? E chamas-lhe velho?

SUSANA

Então não é? – Com mais oito anos do que eu, podia ser meu pai.

INÊS

Com certeza.

SUSANA

Tu deves conhecê-lo.

INÊS

Eu?

SUSANA

Êle diz que ainda é nosso primo.

INÊS

Êles são tantos!

SUSANA

Vê lá se adivinhas.

INÊS

Não sei.

SUSANA

Vê lá.

INÊS, *lembrando-se*

O D. José de Bourbon?

SUSANA, *vivamente*

Não. Êsse é feio.

INÊS

O Morgado de Borba?

SUSANA

Não. Êsse é parvo.

INÊS

O D. Rui de Melo?

SUSANA

Não. Êsse é torto.

INÊS

Ah! Já sei... Não escolheste bem, meu amor. — É o do Paço da Prebenda?

SUSANA, *rindo muito*

O D. Jacinto? — Ai credo, filha! *(levantando-se num*

movimento cómico, e imitando a fala ceceosa e a atitude de um peralta do tempo, mão no espadim, pé de dança) Êsse fala assim: — "Senhora prima, vossa mercê porque não usa os sinaizinhos à francesa?„ — *(com enjôo)* Coitadinho, êsse não.

INÊS

Então, não sei.

SUSANA, *sentando-se ao cravo*

Adivinha.

INÊS

Sei lá! — *(depois de um momento)* E quando casas?

SUSANA

Quando caso? *(hesitando)* Tu agora vais-te rir, porque é uma tolice...

INÊS

Dize.

SUSANA

Caso quando se acabarem as rosas no meu jardim.

INÊS

Quando se acabarem as rosas no teu jardim?

SUSANA

Sim. – Foi por isso que eu estranhei, ainda agora, quando me disseste que havia no convento rosas todo o ano.

INÊS, *rindo*

Que tolice!

SUSANA, *muito séria*

Foi um juramento.

INÊS

Um juramento?

SUSANA

Foi. Um dia, estava sentada ao cravo, tocando. Como tu, ainda agora, quando eu entrei. – Sôbre o cravo havia uma jarra com rosas... *(reparando nas flores que estão sôbre o cravo de* SÓROR INÊS) Olha... Tal qual como aqui... E como estas são bonitas! Tal qual. – Eu tocava um motête de Jomelli... – Êle veio por detrás de mim, pé ante pé, curvou-se sôbre o meu ombro e disse, baixinho: – "Sim?" – Eu continuei a tocar, muito còrada, com muita vergonha, e, sem voltar a cabeça, disse: – "Sim." – E êle tornou: – "Quando?" *(com naturalidade, mudando de tom)* O quando era o casamento, sabes? – Quando! Eu sabia lá quando! – Continuei a tocar, tinha as rosas diante de mim, e respondi ao acaso: – "Quando esta jarra não tiver ro-

sas...„ – "Jura?„ – Jurei... – Já lá vão dois mezes, e as rosas do meu jardim estão quási acabadas...

INÊS

Dizes isso com tanta pena! – Então não cases.

SUSANA, *grave, dedilhando o tèclado*

Oh! – E o juramento?

INÊS

Há no convento rosas todo o ano... Mandavas buscar todos os dias, e estava pronto.

SUSANA, *vivamente*

E tu davas-me?

INÊS

Dava. Tôdas as rosas que tu quisesses.

SUSANA, *reflectindo*

Não quero. – Eu caso.

INÊS

Mas tu gostas dele ou não gostas?

SUSANA

Êle diz que gosta muito de mim.

INÊS

E tu?

SUSANA

Eu não sei se gosto, se não. – É uma coisa esquisita... – Era tudo isto que eu te vinha dizer, sabes? *(tomando-lhe as mãos, com ternura)* Vinha abrir-te a minha alma... – Não te rias de mim... Ninguém nos ensina estas coisas... *(hesitando)* Eu queria que tu me explicasses... Olha, dize-me... – O que é isto da gente gostar de um homem?

INÊS, *baixando os olhos*

Eu sou uma pobre freira, minha filha... Como te hei-de eu dizer?

SUSANA

Êle fala-me tanta vez em amor... *(com tristeza)* E eu não sei o que é!

INÊS, *mãos nas mangas do hábito, olhos baixos, retomando a sua gravidade de freira*

Só posso dizer-te o que é o amor de Deus, minha irmã.

SUSANA

Eu sinto uma coisa esquisita... Mas será isto amor? Não me enganarei eu? – Quando êle não está ao pé de mim, não sei o que tenho... Estou inquieta... Parece que

me falta alguma coisa... Mas quando êle chega, fico tôda còrada, dá-me vontade de fugir, de deitar a correr, muito depressa... Ora, se eu fujo, é porque não gosto dele, pois não é verdade? Bem sei que às vezes, se o vejo falar com outra, como há dias, no caramanchão de azulejos do jardim, choro, choro, choro... Chorei três dias e três noites... Mas, também, eu tenho chorado tantas vezes por outras coisas tão diferentes! É por isso que eu não sei se gosto dele, se não. – Quando lá esteve em casa o senhor Arcebispo *(mesura)*, e houve serão, e se acenderam duzentas velas de cera, e se dançou o minuete como em França, vi muitos rapazes, muitos, loiros, trigueiros, gordos, magros, e nenhum me pareceu tão bonito como êle... – Mas, também, êles eram todos tão feios! *(lembrando-se)* Ah! Espera... Olha... *(tristemente)* Não gosto dêle, não. – Eu já uma vez lhe bati!

INÊS

Tu?

SUSANA

Bati. – Estávamos dançando... Êle pegou-me na mão, demos o primeiro passo, e numa volta, surrateiramente, beijou-me as pontas dos dedos... Senti uma impressão tão grande, tão grande, que lhe tive raiva, não pude conter-me, e zás! – bati-lhe... – Ora, se eu lhe bati, é porque não gosto dele. – Mas, ao mesmo tempo, quando tu me beijas... Beija-me, anda... (INÊS *beija-a)* Olha, vês? – Não sinto impressão nenhuma! – *(tomando lhe as mãos, quási a cho-*

rar) Pelo amor de Deus... Dize-me, Inês... Dize-me... – Eu gosto dele ou não gosto?

INÊS

Minha pobre filha!

SUSANA

Isto é ou não é amor?

INÊS, *depois de um silêncio*

Ainda não.

SUSANA

Então, para ser amor, o que falta?

INÊS

O sofrimento.

SUSANA

Quando se ama, sofre-se?

INÊS

Muito.

SUSANA

Só no dia em que eu sofrer muito, é que amo?

INÊS

E não virá tarde êsse dia... — Quantas lágrimas eu enxugarei ainda nestes lindos olhos! *(com sentimento)* Pobre Susana! Tu sabes lá como se sofre!

SUSANA, *num vago receio*

Êle será capaz de me fazer mal?

INÊS

És tu que hás-de fazer mal a ti própria.

SUSANA, *infantil*

Jurou-me que havia de ser bom para mim, que nunca me faria chorar...

INÊS

Ouve, Susana. — Eu sou uma pobre freira. Amortalharam-me neste hábito... O mundo morreu para mim. — Mas eu quero-te muito, minha filha, para te deixar partir sem um conselho, sem uma palavra, entregue à tua inocência e à tua pureza... — Ouve, minha Susana. Não sei que homem é êsse, mas sei que é um homem. É preciso não acreditar em promessas que mentem e em beijos que envenenam. Tem cuidado. Na tua idade, a nossa candura não sabe defender-se, ignora tudo, — nada mais fácil do que desfalecer e sucumbir... *(dolorosamente)* Eu sei-o por mim... Nunca o tivera sabido, meu Deus! meu Deus!

SUSANA

Inês! Minha Inês!

INÊS

Nunca te disseram porque eu tinha entrado neste convento. Esconderam-no sempre de ti. Pois vou eu dizer-to agora, minha filha... *(numa voz dolorosa, as mãos nas mãos de* SUSANA) Eu sou freira, vivo nas quatro paredes desta prisão, tenho esta mortalha negra sôbre mim, – porque um dia acreditei nos juramentos de um homem...

SUSANA

Inês!

INÊS

Porque era inocente como tu... Porque ninguém teve a caridade de me dizer o que era a vida...

SUSANA, *olhando-a, com surprêsa*

Pois tu também amaste?

INÊS

E perdi-me! Perdi-me! – *(depois de um silêncio)* Tu eras uma criança... Não tinhas ainda doze anos quando isto foi. Eu tinha pouco mais do que a tua idade. Nada soubeste. Na tua memória infantil ficou apenas a vaga lembrança dêsses tiros, ouvidos uma noite no pátio da nossa casa. – E que horrível noite foi essa! – Nada mais. – Entretanto, eu que te acompanhava brincando com as tuas bonecas, que ria contigo, que era uma criança como tu, – eu amava, amava com tôda a minha alma, com tôda a minha candura, com tôda a minha inocência. E a quem! A quem, meu Deus, se mo não merecia! Se me pagou com o aban-

dôno e com a desonra, se fugiu como um cobarde! *(surdamente)* Como um cobarde!

SUSANA

Fugiu?

INÊS

Dei-lhe tudo quânto uma mulher pode dar de ternura... Dei-lhe tanto da minha alma e de mim mesmo, tanto, tanto, – que tenho vergonha de o recordar! – E enganou-me... E mentiu...

SUSANA, *com horror, repetindo*

Mentiu!

INÊS

Uma noite, minha mãe – minha pobre mãe! – ouviu dos meus lábios trémulos a confissão da minha própria desgraça. Quantas lágrimas eu lhe fiz chorar! – Quis arrancar-me o nome dêsse homem, mandá-lo chicotear pelos criados, arcabuzá-lo como um ladrão... E eu calei. Torturaram-me... Calei. Perseguiram-me... Calei. Ameaçaram-me com a clausura e com o hábito... Calei. – Nessa noite, bateram bouças e caminhos em redor dos nossos paços, emboscaram-se por detrás do portão, esperaram de arcabuz em punho, como quem espera um lôbo... Eu rezava, ajoelhada aos pés de um crucifixo, e soluçava, e pedia a Deus que me matasse, – quando ouvi o primeiro tiro... Depois, o segundo... Em seguida, o silêncio. *(Escondendo a face com as mãos)* Que horror! Que horror! – No dia seguinte, já com o sol nascido, quando me mete-

ram na sege a caminho do mosteiro, as pedras estavam ainda tintas de sangue... — Soube depois que tinham morto um pobre rapaz inocente, que se acercara dos muros por acaso, — e que o verdadeiro culpado, o culpado de que só eu sabia o nome, recebido em casa de meus pais com honras de fidalgo e de parente, era o primeiro a apregoar a minha desonra — *(soluçando)* oh! Susana! Susana! — como se essa desonra não fôsse a sua própria obra!

SUSANA

Inês! — Como tu deves odiar êsse homem!

INÊS, *numa expressão súbitamente iluminada*

Deus de piedade, — e como eu o adoro ainda!

SUSANA, *com espanto*

Tu?

INÊS

Com todo o meu sangue, com tôda a minha alma!

SUSANA

Um homem que te mentiu, que te abandonou, que te matou...

INÊS

Como eu o adoro ainda! — Se tu levantares êste escapulário negro, não é a imagem de Deus que tu vês, minha Susana, não é um pano do meu cilício que tu encontras, — *(abaixando os olhos)* é o retrato dele...

SUSANA

O retrato dele?

INÊS

Sempre comigo, a tôda a hora, no côro, no capítulo, na igreja, queimando-me a carne como uma blasfêmia, — o retrato dele, a imagem dele, tudo quanto me resta dele... e de mim! *(depois de um momento, afastando o escapulário)* Juras guardar segrêdo? Um segrêdo inviolável e absoluto... *(tomando-lhe as mãos e olhando-a, fixamente)* Por alma de tua mãe?

SUSANA, *com simplicidade*

Juro, minha Inês.

INÊS, *tirando do seio um medalhão de esmalte com o retrato de um homem*

Vê.

SUSANA, *num grito*

João! *(vacilando e encostando-se ao cravo, para não caír)* Ah! meu Deus!

INÊS

Susana! Susana! *(numa suprema expressão de dor)* Êle! Pois era êle! — *(indo caír aos pés do catre, num soluço, diante do crucifixo)* Salva esta criança, meu Deus, pela tua infinita misericórdia!

SUSANA

Inês, minha Inês! *(vendo-a prostrada e imóvel, recúa, tem uma idéa rápida, tira de sôbre o cravo tôdas as rosas, lentamente, envolve-as na écharpe de sêda e aproxima-se de novo de* INÊS, *numa voz cheia de doçura e de tristeza)* Não faz mal. Há rosas todo o ano... Eu volto àmanhã.

CAI O PANO

PORTUGAL-BRASIL L.DA

SOCIEDADE EDITORA

38, Rua Garrett, 60 — LISBOA

ALBERTO D'OLIVEIRA
Na Outra Banda de Portugal 1$50
ALBERTO TELLES
Camilo na Cadeia da Relação do Porto..... 1$50
ALFREDO APELL
Contos Populares Russos.... 3$00
ALMACHIO DINIZ
A Perpetua Metropole..... 3$50
ANTONIO CABRAL
Camilo Desconhecido, broc... 4$00
Eça de Queirós..... 4$00
ANTONIO GRANJO
A Grande Aventura..... 1$50
AUGUSTO DE CASTRO
Conversar..... 2$00
BAZILIO TELLES
A Sciência e o atomismo.... 3$00
CARLOS BABO
A Sombra de D. Miguel..... 3$00
CARLOS MALHEIRO DIAS
A verdade Nua, (2.ª ed.)..... 2$00
A Esperança e a Morte..... 2$00
COELHO DE CARVALHO
A Eneida de Virgilio..... 5$00
CONDE D'ARNOSO
Azulejos, nova ed..... 2$50
CONDE DE SABUGOSA
Gente de Algo (2.ª ed.)..... 3$00
Donas de tempos idos, (3.ª ed.) 3$00
EDUARDO DE AGUILAR
Tragedias de Roma..... 4$00
EDUARDO SCHWALBACH
A Historia da Carochinha 1$00
EGAS MONIZ
A Vida Sexual, enc..... 6$00
Um ano de politica..... 2$00
EMILIA DE SOUSA COSTA
Estes sim, venceram..... 2$00
EMMANUEL LASSERRE
Os Delinquentes Passionaes e o Criminalista Impallomeni 1$50
H. LOPES DE MENDONÇA
Sangue Português (2.ª ed.)... 2$50
Gente Namorada..... 2$50
Lanças n'Africa..... 2$50
Capa e espada..... 2$50
JOÃO DE CASTRO
Jornadas no Minho..... 3$00
A Comedia de Lisboa..... 3$00
JOÃO DO RIO
Rosario da Ilusão..... 2$50
A Mulher e os Espelhos, ... 2$00
Correspondencia de uma estação de cura (2.ª ed.)..... 1$50
JULIO DANTAS
Como elas amam (2.ª ed.).... 2$00
Espadas e Rosas, (4.ª ed.)..... 2$50
Mulheres, (4.ª ed.)..... 3$00
Sonetos (4.ª ed.)..... 1$50
Abelhas doiradas..... 2$50
Ao ouvido de M me X (4.ª ed.) 3$00
Os galos de Apollo..... 3$00
Êles e Elas (3.ª ed.)..... 3$00
L. XAVIER BARBOSA
Cem Cartas de Camillo..... 3$00
MANUEL DA SILVA GAIO
De Roma e suas conquistas.. 1$50
MARIA A. VAZ DE CARVALHO
Paginas escolhidas..... 2$00
Scenas do seculo XVIII em Portugal..... 2$50
MAYER GARÇÃO
Os Cem Sonetos (prefacio) 2.ª ed. 3$00
OSCAR LOPES
Seres e sombras..... 1$50
PAULO DE GARDENIA
Lecticia..... 1$00
RAUL BRANDÃO
A Farça..... 2$00
SAMUEL MAIA
Sexo Forte..... 3$00
Entre a vida e a morte..... 2$50
SOUSA COSTA
Paginas de Sangue..... 2$00
Fructo Prohibido (2.ª ed.)... 3$00
Milagres de Portugal..... 2$50
Ressurreição dos mortos (2.ª 3$50
STUART TORRIE
Secretario Comercial da Língua Inglesa, cart..... 2$50

Theatro:

H. LOPES DE MENDONÇA
Nó Cégo, 3 actos..... $80
JULIO DANTAS
A Severa..... 2$50
D. João Tenorio, 6 actos..... 3$00
Rosas de todo o ano..... $40
1023, episodio em verso..... $40
Carlota Joaquina, 1 acto..... $70
Um serão nas Larangeiras... 3$00
A Castro..... 1$00
Sóror Mariana..... $70
D. Beltrão de Figueirôa..... $70
Primeiro beijo..... $50
MARCELINO MESQUITA
Almas doentes, 2 actos..... 1$00
SOUSA COSTA
Frei Satanaz..... 1$50

JÚLIO DANTAS

O Primeiro Beijo

PORTUGAL BRASIL L.DA
SOCIEDADE EDITORA
LISBOA

O PRIMEIRO BEIJO

Peça em um acto, em prosa, do repertório permanente do Teatro Nacional Almeida Garrett.

OBRAS DE JÚLIO DANTAS

POESIA

Nada (1896) — 2.ª edição.
Sonetos (1916) — 3.ª edição.

PROSA

Outros tempos, inquéritos médicos às genealogias reais portuguesas, etc. (1909) — 2.ª edição ampliada.
Figuras de ontem e de hoje (1914) — 2.ª edição.
Pátria Portuguesa (1914) — 4.ª edição, no prelo.
Ao ouvido de M.me X (1915) — 4.ª edição.
O amor em Portugal no século XVIII (1915) — 2.ª edição.
Mulheres (1916) — 4.ª edição.
Eles e Elas (1918) — 2.ª edição.
Espadas e Rosas (1919) — 4.ª edição, no prelo.
Como elas amam (1920) — 2.ª edição.
Abelhas doiradas (1920).
As Grandes Batalhas — no prelo.

TEATRO

O que morreu de amor (1899) — 4.ª edição.
Viriato Trágico (1900) — 2.ª edição.
A Severa (1901) — 4.ª edição, no prelo.
Crucificados (1902) — 3.ª edição, no prelo.
A Ceia dos Cardeais (1902) — 23.ª edição.
D. Beltrão de Figueirôa (1902) — 4.ª edição.
Paço de Veiros (1903) — 3.ª edição.
Um serão nas Laranjeiras (1904) — 3.ª edição.
Rei Lear (1906).
Rosas de todo o ano (1907) — 8.ª edição.
Mater Dolorosa (1908) — 4.ª edição.
Santa Inquisição (1910) — 2.ª edição.
O Primeiro Beijo (1911) — 4.ª edição.
D. Ramon de Capichuela (1912) — 2.ª edição.
O Reposteiro Verde (1912) — 2.ª edição.
1023 (1914) — 2.ª edição.
Sóror Mariana (1915) — 3.ª edição.
Carlota Joaquina (1919) — 2.ª edição.
D. João Tenório (1920).
A Castro (1920).

A data indicada para cada obra é a da sua primeira edição

JÚLIO DANTAS
Sócio efectivo da Academia das Sciências de Lisboa
Da Academia Brasileira de Letras

O Primeiro Beijo

QUARTA EDIÇÃO

LISBOA
PORTUGAL-BRASIL LIMITADA
SOCIEDADE EDITORA
58 — RUA GARRETT — 60

RIO DE JANEIRO
COMPANHIA EDITORA AMERICANA
LIVRARIA FRANCISCO ALVES

Reservados todos os direitos de reprodução : em Portugal, conforme preceituam as disposições do *Código Civil Português;* no Brasil, nos termos do convénio de 9 de setembro de 1889 e lei n.º 2.577 de 17 de janeiro de 1912 ; nos países convencionados, em harmonia com a Convenção de Berne, a que Portugal aderiu por decreto de 18 de março de 1911. A propriedade desta obra pertence à Sociedade Editora Portugal-Brasil L.DA.

Imprensa PORTUGAL-BRASIL — Rua da Alegria, 100 — Lisboa

Á EX.MA SENHORA

DONA MARIA INÁCIA DE FARIA ROBY

FIGURAS (*)

A Morgada da Rosa..... MARIA PIA
O Morgado de Amarais..... CARLOS SANTOS
O Guardião de S. Francisco..... ANTÓNIO PINHEIRO

Dois frades franciscanos. — Dois criados de cadeirinha.

ENTRE DOURO E MINHO. — SÉCULO XVIII.

(*) Esta peça foi representada pela primeira vez, em 13 de abril de 1909, no Teatro de S. Geraldo, de Braga, com a seguinte distribuição: *Morgada da Rosa*, Ex.ma Sr.a D. Maria Inácia de Faria Roby; *Morgado de Amarais*, dr. Ernesto de Magalhães; *Guardião de S. Francisco*, Barão de S. Lázaro. Representou-se pela segunda vez no Teatro de S. Carlos, de Lisboa, em 10 de abril de 1911, encarregando-se do desempenho dos papéis os seguintes artistas: Lucinda Simões, *Morgada da Rosa;* Cristiano de Sousa, *Morgado de Amarais;* Cesar de Lima, *Guardião de S. Francisco*. Incluída no repertório permanente do Teatro Nacional Almeida Garrett, teve a distribuição descrita acima. Representada, em 18 de novembro de 1920, no Teatro Català-Romea, de Barcelona, foram seus intérpretes: Maria Morera, *Morgada;* Enrique Giménez, *Morgado;* Ramon Viñas, *Guardião*.

O PRIMEIRO BEIJO

Parte do claustro de um convento de S. Francisco.—À direita baixa, uma capela de azulejos resguardada por uma grade de ferro forjado, aberta. Na capela, a meio, uma arca tumular sôbre cachorros, com as armas dos Malafaias e dos Albuquerques. Sôbre o túmulo, rosas ainda frescas. Perto, um banco de rezar forrado de damasco carmesim. Pendente e acesa, uma lâmpada de cobre. — Ao fundo, o jardim do claustro, com o seu poço. — Dia de sol.

Entram pelo F. o MORGADO DE AMARAIS *e o* GUARDIÃO *do convento. Seguem-nos dois frades. Vêem-se passar as quatro figuras por detrás das arcadas do claustro. — O* MORGADO, *velho de sessenta anos, veste de sêda negra, redingote, calção, véstia, sapatos de grande fivela de prata, chapéu holandês, grilhão de oiro, bastão de punho de Limoges. Face rapada. Antigo regime.*

GUARDIÃO, *indicando o caminho*

Por aqui, senhor morgado.

MORGADO

Não se moleste mais vossa Paternidade. Beijo-lhe as mãos por tudo quanto lhe devo. O

meu coração me ensinará onde repousa o meu filho.

GUARDIÃO

Se a minha presença não pesa a vossa senhoria, consinta-me que eu mesmo o guie à sepultura onde êle dorme. — Perdôe vossa senhoria a um pobre velho, que muito amou a casa dos senhores morgados — e não menos a dos senhores padroeiros —, êste preito de ternura prestado à memória de duas crianças. Não quis Deus que eu os unisse em vida; mas ainda me foi dado, antes de ser cinza e terra, uni-los na morte. *(Parando junto do túmulo, com dolorosa gravidade)* Senhor morgado de Amarais, é esta a sepultura do seu filho.

MORGADO, *tirando o chapéu, profundamente comovido, e querendo beijar a mão do frade, depois de um silêncio de recolhimento e de oração*

Obrigado. *(Num soluço, amparando-se ao ombro do* GUARDIÃO) Meu pobre filho! Meu querido filho!

GUARDIÃO

Dizer que já pelo S. Silvestre faz três anos! — Há já três anos, senhor morgado!

MORGADO

Na flor da vida! — Tão môço, tão valente, tão cheio de nobreza d'alma, frei Estevam! — Eu não tinha outro filho... Êle era a minha alegria, a minha mocidade, a minha glória... *(com veemência)* Ah, frade, frade! — Que Deus faça caír tantas maldições sôbre aqueles que o assassinaram, como lágrimas de sangue eu tenho chorado sôbre a sua memória!

GUARDIÃO

Deus cobre da sua infinita misericórdia aqueles que sabem perdoar. *(Mostrando o túmulo)* Como vossa senhoria vê, é uma sepultura humilde. Nem outra poderia ser, dentro desta claustra de S. Francisco. Apenas uma laje, com o nome dêle e o nome dela. — Padre Nosso, Ave Maria. — Dois cachorros tumulares e as pedras d'armas das duas casas. — Quem me diria, senhor morgado, que se haviam de juntar ainda, na mesma sepultura, a ása vermelha dos Albuquerques e o castelo de prata dos Malafaias! *(Depois de um silêncio, em que o* MORGADO DE AMARAIS *parece orar, gravemente)* Não aguardou esta comunidade a presença de vossa senhoria e a dos senhores padroeiros, pais da pobre menina, — porque os meus oitenta anos,

senhor morgado, já não me deixavam esperar muito tempo. Depois da desgraça que feriu ambas as casas, tanto vossa senhoria como os senhores morgados da Rosa, nossos padroeiros, cerraram os seus Paços e abalaram daqui. Os senhores morgados, para a côrte. Vossa senhoria, para fóra dêstes Reinos. Cuidámos que não voltavam mais. Não foi pequeno trabalho e canseira, para o senhor Provincial e para o senhor Arcebispo, colherem de vossa senhoria e dos senhores padroeiros licença para unir numa só as duas sepulturas. Durante um ano, senhor morgado, foi êste o sonho da minha velhice. *(Com ternura, enxugando uma lágrima na manga do hábito)* Aqui os tenho agora, juntos na mesma mortalha, os meus queridos meninos que eu baptisei e que Deus não tinha feito para êste mundo. — Ficaram de mãos dadas, num sorriso, como se estivessem dormindo.

MORGADO

No seio de Deus, as suas almas hão de abençoar vossa Paternidade, por ter-lhes dado na morte o que o ódio dos pais lhes negou na vida. *(Depois de um silêncio)* Quanto a mim, é quási tenção formada, frei Estevam. Pede-me a alma a consolação dêsse hábito.

GUARDIÃO

Deus o ilumine da sua graça, meu irmão.

MORGADO

Gostava de acabar aqui os meus dias. — Tive um filho: assassinaram-mo. Ficou-me a mulher: matou-a a dor e a saudade em terra estranha. — Que me resta, senão uns côvados de burel e esta sepultura? — Adeus. Faça-me vossa Paternidade a esmola de me deixar só com o meu filho. Quero dar-lhe o último beijo da mãe.— Deus lhe pague, frei Estevam. Foi sempre um grande amigo da nossa casa. Obrigado. *(Comovido, a voz abafada por um soluço)* Sabe o que eu lhe agradeço, mais do que tudo? São estas flores. — Êle gostava tanto de rosas! — Vossa Paternidade não se esqueceu.

GUARDIÃO

As flores, senhor morgado, não são do convento.

MORGADO

Mas foi vossa Paternidade que as depôs sôbre êste túmulo.

GUARDIÃO

Não fui eu.

MORGADO

Ou algum dos seus bons frades. Agradeça-lhes por mim, frei Estevam. — Serão em breve meus irmãos.

GUARDIÃO

Também não foi nenhum frade dêste convento.

MORGADO

Quem foi então, — se meu filho não tem mais ninguêm no mundo?

GUARDIÃO

Vossa senhoria esquece que não é apenas seu filho que repousa nesta sepultura.

MORGADO, *compreendendo, num sobressalto*

Ah!

GUARDIÃO

A pobre menina tem quem a chore também.

MORGADO, *bruscamente*

Voltaram? Essa gente voltou? Diga-mo vossa Paternidade. Diga-mo, por misericórdia! Mandarei aparelhar a minha liteira! Fugirei outra vez para cem léguas daqui!

GUARDIÃO, *com simplicidade*

Mas não voltaram ambos. — O senhor morgado da Rosa chamou-o Deus à sua presença. Voltou apenas a senhora morgada padroeira, nas mortificações da saudade e da viuvez.

MORGADO

Viúva? *(Depois de um silêncio)* E vem aqui rezar sôbre êste túmulo?

GUARDIÃO

Com o mesmo direito de vossa senhoria.

MORGADO

Todos os dias?

GUARDIÃO

Todos os dias.

MORGADO, *quási com ternura*

Foi ela, então, quem trouxe estas flores? *(Carregando novamente a expressão)* Mas trouxe-as para a filha.

GUARDIÃO

Quem o afirma a vossa senhoria?

MORGADO

Ela era lá capaz de se lembrar do meu filho, — senão com ódio!

GUARDIÃO, *apontando o túmulo*

É porventura com ódio que vossa senhoria se lembra daquela pobre menina?

MORGADO

Mas eu sou pai!

GUARDIÃO

E ela é mãe, senhor morgado. — Vou jurar que, quando eu saír daqui, as orações de vossa senhoria e a sua saudade irão tanto para seu

filho, como para a inocente menina a quem êle amou.

MORGADO

Quem o disse a vossa Paternidade?

GUARDIÃO

O que eu conheço do coração humano. — Muitas vezes o ódio, senhor morgado, não é senão orgulho. Quem trouxe estas flores, trouxe ametade para o seu filho. *(Ouve-se um sino chamando para o côro)* Estão tangendo vésperas. É a hora do côro. — Perdôe-me vossa senhoria.

O GUARDIÃO, *seguido dos dois frades, sái pelo fundo.*

MORGADO, *só*

Viúva! Ela está viúva! *(Ajoelhando junto da sepultura, numa profunda comoção)* Ó memórias da minha mocidade, desfolhai-vos sôbre êste túmulo!

O sino continúa tocando a vésperas.—O MORGADO *reza silenciosamente, apoiado ao banco de damasco carmesim. —Ao fundo do claustro, pára uma cadeirinha doirada com as armas dos Malafaias nas portas. Apeia-se uma senhora de cêrca de cincoenta anos, extremamente distinta, cabelos brancos dos polvilhos de França, tôda envolvida num amplo luto de veludo rôxo, Luís* XVI. *Traz um grande ramo de rosas frescas na mão.*

A MORGADA, *para o criado, que a ajuda a descer*

Traga a almofada. *(Vendo que alguêm reza junto do túmulo)* Ah!

MORGADO, *levantando-se ao ouvir-lhe a voz, e encontrando-se frente a frente com a* MORGADA

Ah!

A MORGADA, *reconhecendo-o, vacilando, e deixando cair as rosas quási aos pés do* MORGADO

Perdão...

MORGADO, *levantando o ramo, a mêdo, e indo entregar-lho*

Perdão. (A MORGADA *recebe as flores, corteja sêcamente, e faz menção de se retirar)* Não é vossa senhoria que deve afastar-se. Sou eu.

A MORGADA

Como quiser.

MORGADO, *cortejando e encaminhando-se para o fundo*

Minha senhora...

A MORGADA

Perdôe-me, se perturbei com a minha presença a sua oração. — Não teria vindo aqui, se pudesse adivinhar que encontraria alguêm.

MORGADO

Encontrou apenas uma sombra do seu passado, minha senhora. As sombras esvaem-se e desaparecem. *(Voltando-se para a capela)* Permita-me que diga o último adeus à sepultura do meu filho. *(Envia de longe um beijo ao túmulo, num gesto lento e grave)* De hoje em diante, pode vossa senhoria entrar sem receio neste claustro. Nenhum mau encontro a afrontará.

A MORGADA, *ao* MORGADO, *que vai a sair pelo fundo e se esqueceu do bastão sôbre o banco dè rezar*

É de vossa senhoria êste bastão?

MORGADO, *tomando o bastão e encaminhando-se de novo para o fundo do claustro*

Beijo as suas mãos.

A MORGADA, *depois de um instante de íntima luta*

Fique.

MORGADO

É uma ordem?

A MORGADA

É um pedido.

MORGADO

Vejo que vossa senhoria não me reconheceu.

A MORGADA

Porque o diz?

MORGADO

Porque os pedidos só se fazem entre pessoas que se estimam.

A MORGADA

Nós conhecemo-nos ambos muito bem.

MORGADO, *olhando-a, frente a frente*

Muito bem. — Somos os representantes de duas famílias que se odeiam.

A MORGADA, *docemente*

Somos, apenas, os pais de duas crianças que se amaram. — Eu não sei odiar, senhor morgado. Nunca soube, em tôda a minha vida, senão sofrer. — Perdôe-me se o molestei pedindo-lhe que ficasse. Nós temos ambos o direito de chorar sôbre êste túmulo. — Se Deus quis que se unissem as duas sepulturas, porque não hão de unir-se as duas orações?

MORGADO

A minha saudade nada tem de comum com o seu remorso.

A MORGADA

A minha consciência está tranqüila. — Fiz pela vida da minha filha, até ao último instan-

te, tudo quanto pode fazer a ternura de uma mãe. — Deus bem o sabe.

MORGADO

E pela vida do meu filho, que fez vossa senhoria?

A MORGADA

Se pudesse, tê-lo-hia defendido com as minhas lágrimas.

MORGADO

Para o mandar depois assassinar pelas costas? — Não valia a pena.

A MORGADA, *levantando-se, numa atitude de dignidade e de dor*

Senhor morgado de Amarais!

MORGADO, *numa excitação crescente*

O assassino não é só aquele que mata; é também aquele que deixa matar. *(Dominando-a, num grande gesto)* Senhora morgada padroeira! As suas mãos estão tintas de sangue! Não as levante a Deus nesta capela!

A MORGADA, *deixando-se cair de novo sôbre o banco de rezar, num soluço*

Pode continuar a insultar-me. — Eu estou sòzinha.

MORGADO, *caíndo em si*

Esqueci-me.—Perdão.—*(Depois de um curto silêncio)* Era a seu marido que eu devia ter pedido contas. Era êle que devia pagar-me, gota a gota, o sangue do meu filho. — Mas já está respondendo pelo seu crime diante de Deus.

A MORGADA

Não, senhor morgado. — Se os meus sentimentos de mãe e de cristã podem merecer algum respeito, juro-lhe sôbre esta sepultura, juro-lhe pela alma desta pobre criança, pelas lágrimas que tenho chorado, por tôda a minha vida de sofrimentos... Nem eu nem meu marido fomos culpados da morte do seu querido filho. Se pudéssemos, com o sacrifício da nossa vida, restituir-lhe a dêle, — tê-lo-hiamos feito. Bem sabe como as coisas se passaram. Meu sobrinho foi desafiado por seu filho. Era noite escura. Viu luzir uma espada diante dos olhos. Defendeu-se. E, para não morrer, matou. — Se tivesse sido êle a vítima, ninguêm no Paço da

Rosa — afirmo-lho, senhor morgado! — levantaria a voz para tratar de assassino vossa senhoria.

MORGADO

Não era de crer que o morto fôsse seu sobrinho. — Os covardes sabem fazer-se acompanhar.

A MORGADA, *num protesto veemente*

Mentiram-lhe, senhor morgado!

MORGADO

Então, como explica a existência de duas espadas no lugar onde meu filho caíu?

A MORGADA

Eram dois a bater-se. Era natural que as espadas fôssem duas.

MORGADO

Em nenhuma delas havia sinais de sangue. Meu filho estava ferido mortalmente. Foi, portanto, uma terceira que o feriu. — Não há saír daqui.

A MORGADA

E quem lhe diz — tudo se passou junto ao arco do seu palácio... — que uma dessas espadas não era de algum criado seu?

MORGADO

A arma dos meus criados é a clavina. É com ela que êles dão caça aos lobos. — Dessa vez, não a aperraram a tempo.

A MORGADA, *numa angústia*

Como saber-se! Como provar-se! — Seu filho era nobre e digno. Se êle pudesse falar! Se ao menos, antes de morrer, tivesse dito uma palavra só... *(Chorando)* Veria que nós estávamos inocentes!

MORGADO

Disse.

A MORGADA

Uma palavra de denúncia?

MORGADO

Não. Uma palavra de amor. — Ah, senhora

morgada! Mil vezes tôda a sua dor de mãe, não iguala o que eu sofri nessa noite. Nessa horrível noite! Embranqueceram-me os cabelos. Envelheci vinte anos. *(Depois de um silêncio)* Meu filho tinha estado ao pé de nós, muito alegre, a falar nos potros que andava ensinando. A mãe — Deus a tenha em glória! — tocava no cravo da sala a cavatina de Jomelli. Tínhamos acendido mais luzes. O senhor capitão-mor vinha jogar o gamão. Lembro-me como se fôsse hoje. — De repente, demos pela falta do Rui. Onde está, onde não está — bacorejava-me o coração desgraça! — corremos a casa tôda. Foi a mãe dar com êle no oratório, de joelhos, rezando. Perguntei-lhe o que tinha.— "Nada, senhor pai„. — Sorriu para mim, com os seus grandes olhos azúis muito tranqùilos — êle nunca mentia! — e pediu-me a bênção. Que ia fóra, à cavalariça, ver se estavam bem amantados os potros. Foi, e eu fiquei ao gamão. *(Silêncio curto, em que se lhe transforma a fisionomia)* Não se passou meia hora. — Os gritos atroaram o pátio, os criados subiam a escada de tropel: — "Mataram o morgadinho! Mataram o morgadinho!„ — E eu vi entrar — ó senhora morgada! — vi entrar pela sala, amparado a um eguariço, desfalecido, pálido como a cera, a camisa aberta e empapada de sangue, — o meu filho, o meu único filho, o meu que-

rido filho... — Chamei-o, falei-lhe, apertei-o nos braços, beijei-lhe a ferida, praguejei, uivei, chorei... Abriu ainda os olhos, sorriu, e disse-me: — "Morro sem a ter beijado. Dê-lhe um beijo meu, pai..." — Pronunciou um nome — o nome da sua filha — e, numa golfada de sangue, morreu-me nos braços. *(Dolorosamente)* Não pude cumprir a sua última vontade.

A MORGADA, *que tem ouvido, com profunda comoção, resvala, de joelhos, do banco de rezar para o lajedo da capela, numa súplica*

Ó meu Deus! Aconchega bem no teu seio as almas destas crianças, — e se a minha mortificação é precisa à sua glória, mortifica-me ainda mais, pela tua misericórdia infinita!

MORGADO

Não eram dêste mundo. Por isso os chamou Deus para si.

A MORGADA

Êle amava-a, morreu sem a ter beijado, — mas esperou pouco tempo por ela... — Dobravam os sinos do convento para o entêrro do seu filho, e ela ouvia-os sorrindo, num enlêvo, como quem diz: "Até já, meu amor". —

Parece-me ainda que estou a vê-la, no seu leito de morte, abraçada a um crucifixo, a repetir baixinho: — "Rui, meu Rui...„ — E o pai, na sala ao lado, gritando: — "Um convento! Levem-na para um convento! Maldita! Maldita!„ — Era a ruína de todo o seu sonho. Meu sobrinho homiziado por morte de homem; desfeito o casamento; a filha sem poder partir para a Inglaterra... — Já ela estava morta, muito branca, no seu leito estreitinho, sôbre um travesseiro de flores, ainda a mesma voz se ouvia ao lado: — "Maldita! Maldita!„

MORGADO

Foi o ódio dêle que os matou a ambos!

A MORGADA

Se fôsse só por nós, — como êles seriam felizes agora!

MORGADO

Casados, num ninho muito tranqüilo, muito cheio de sol...

A MORGADA

Já éramos avós...

MORGADO, *num sorriso de enlêvo*

Um neto! — A brincar-me nos joelhos... — Um neto!

A MORGADA

Devia ser parecido com êle.

MORGADO

Com ela. — Ela era tão linda!

A MORGADA, *com ternura*

E êle! — Tão novo, tão gentil, tão alegre! — Quantas vezes eu o via passar no seu cavalo, muito firme nas estribeiras de prata, galopando ao sol, numa nuvem de poeira... E pensava comigo: — Como deve ser bom ter um filho assim!

MORGADO

Quem não havia de gostar dela! — Um domingo, vi-a descer da liteira, na portaria do convento, à hora da missa. Estava um dia de inverno, muito triste. Pois quando ela saíu do seu ninho doirado, a brincar, num sorriso, como uma nuvem côr-de-rosa, — pareceu-me tudo

primavera... — Foi aí que o meu filho a viu pela primeira vez.

A MORGADA

Numas férias de Coimbra.

MORGADO

Aos quinze anos!

A MORGADA, *sorrindo*

Crianças!

MORGADO, *que a olha, há um momento, enlevado*

Como ela se parecia comsigo!

A MORGADA

Ainda se lembra de mim?

MORGADO

Se me lembro! — Uma daquelas figuras que dansam nos quadros franceses, ao som de flautas de marfim. — A mesma frescura, a mesma graça...

A MORGADA

E êle! Êle era o seu retrato. Muito loiro, muito esbelto, os olhos muito azúis... E então, a cavalo! Era tal qual... Tal qual como quando eu o esperava — lembra-se? — no mirante verde do Paço da Rosa...

MORGADO

Há trinta anos!

A MORGADA, *emendando*

Trinta e dois...

MORGADO

Como não haviam êles de se amar...

A MORGADA, *indo para tapar-lhe a bôca*

Oh! Cale-se...

MORGADO, *tomando-lhe as mãos*

Se nós nos tínhamos amado tanto!

A MORGADA

Pelo amor de Deus... Não diga...

MORGADO

Se foi o nosso amor que cantou e floriu na alma dos nossos filhos! — Não. Não foram êles, Maria. Fomos ainda nós que nos amámos através das suas lindas almas. A mocidade era dêles, — mas a ternura era a nossa. Naquele jardim, foram êles as flores, — nós o perfume eterno... — E dizer que se amaram sempre de longe!

A MORGADA, *num murmúrio*

Como nós...

MORGADO

Que não conheceram, sequer, a comunhão dulcíssima de um beijo...

A MORGADA

Como nós!

MORGADO

Dizer que as nossas almas tiveram para, se

beijar, a frescura das suas bôcas, — e que a deixaram crestar-se num túmulo!

A MORGADA

Separou-nos, a nós, o mesmo ódio que os matou a êles...

MORGADO

Quem nos diria que ainda havíamos de estar tão juntos diante de Deus! — Quando meu filho me morreu nos braços, deixou-me o primeiro beijo para a sua noiva... Nunca lho pude dar. Nunca pude cumprir a sua última vontade. — *(Aproximando-se da* MORGADA, *numa expressão de imensa ternura)* Antes que êste túmulo se abra também para nós, antes que tudo quanto resta do nosso amor de crianças desapareça para sempre no gêlo da morte, — deixa-me sonhar um pouco... Repousa a tua cabeça sôbre o meu ombro... Ninguêm nos perturbará na paz desta capela... *(A* MORGADA, *como num sonho, repousa a cabeça sôbre o ombro do* MORGADO) Maria! Minha pobre amiga... Minha doce amiga... — Compreendes-me? Não é verdade? Tu compreendes-me...

A MORGADA, *num murmúrio*

António... *(O* MORGADO *beija-a longamente na fronte; ela, como que acordando, num movimento brusco)* Meu Deus!

MORGADO

Os nossos filhos deram agora o seu primeiro beijo!

O GUARDIÃO *entra pelo fundo. — A* MORGADA, *ainda confusa, beija-lhe a mão*

GUARDIÃO

Senhora morgada padroeira... — Senhor morgado. — Resolveu a comunidade que se escrevesse ao senhor frei Provincial, participando o desejo de vossa senhoria de tomar hábito neste convento. — Posso desde já escrever essa carta?

MORGADO, *depois de um momento, à* MORGADA

Peço à senhora morgada que responda por mim a frei Estevam.

A MORGADA, *graciosamente, a* FREI ESTEVAM, *junto da porta doirada da cadeirinha onde o* MORGADO *a conduz pela mão*

Por ora, — não escreva vossa Paternidade ao frei Provincial.

Cái o pano.

PORTUGAL-BRASIL L.DA

SOCIEDADE EDITORA

58, Rua Garrett, 60 — LISBOA

ALBERTO DE OLIVEIRA
Na Outra Banda de Portugal 1$50
ALBERTO TELLES
Camilo na Cadeia da Relação do Porto 1$50
ANTONIO CABRAL
Camilo Desconhecido, broc... 3$00
Enc. 5$00
Eça de Queirós 3$00
ANTONIO GRANJO
A Grande Aventura 1$50
CARLOS MALHEIRO DIAS
A verdade Nua, (2.ª ed.) 2$00
A Esperança e a Morte 1$50
COELHO DE CARVALHO
A Eneida de Virgilio 3$00
CONDE D'ARNOSO
Azulejos, nova ed 2$50
CONDE DE SABUGOSA
Gente de Algo (2.ª ed.) 3$00
EDUARDO DE AGUILAR
Tragedias de Roma 2$00
EDUARDO SCHWALBACH
A Historia da Carochinha.. 1$00
EGAS MONIZ
A Vida Sexual, enc. 6$00
Um ano de politica 2$00
EMMANUEL LASSERRE
Os Delinquentes Passionaes e o Criminalista Impallomeni 1$50
H. LOPES DE MENDONÇA
Sangue Português (2.ª ed.)... 2$50
Gente Namorada 2$50
JOÃO DE CASTRO
Jornadas pelo Minho 3$00
A Comedia de Lisboa 3$00
JOÃO DO RIO
Rosario da Ilusão 2$50
A Mulher e os Espelhos, (2.ª ed.) 1$50
Correspondencia de uma estação de cura (2.ª ed.) 1$50
JULIO DANTAS
Como elas amam (2.ª ed.).... 2$00
Espadas e Rosas, (4.ª ed.)..... 2$50
Mulheres, (4.ª ed.)..... 3$00
Sonetos (3.ª ed.)..... $80
Abelhas doiradas 2$50
JULIO DE CASTILHO
Fastos Portuguezes 1$50
L. XAVIER BARBOSA
Cem Cartas de Camillo 3$00
MANUEL DA SILVA GAIO
De Roma e suas conquistas.. 1$50
MARIA A. VAZ DE CARVALHO
Paginas escolhidas 1$50
Scenas do seculo XVIII em Portugal. 2$50
MAYER GARÇÃO
Os Cem Sonetos (prefacio) (1.ª ed.) 3$00
OSCAR LOPES
Seres e sombras 1$50
PAULO DE GARDENIA
Lecticia 1$00
SAMUEL MAIA
Sexo Forte..... 3$00
Entre a vida e a morte..... 2$50
SOUSA COSTA
Paginas de Sangue 1$20
Fructo Prohibido. 3$00
STUART TORRIE
Secretario Comercial da Língua Inglesa, cart 2$50
URBANO RODRIGUES
A Duqueza da Baêta 1$50
Coração $70

Theatro:

H. LOPES DE MENDONÇA
Nó Cégo, 3 actos $80
JULIO DANTAS
D. João Tenorio, 6 actos..... 2$00
Rosas de todo o ano $40
1023, episodio em verso..... $40
Carlota Joaquina, 1 acto $70
Um serão nas Larangeiras... 3$00
A Castro 1$00
Sóror Mariana $70
D. Beltrão de Figueirôa $70
MARCELINO MESQUITA
Almas doentes, 2 actos..... 1$00
URBANO RODRIGUES
A Posse — Ultima Aventura— Maria da Graça..... $80
VASCO MENDONÇA ALVES
Promessa, 4 actos..... 1$00
VICENTE ARNOSO
O Ultimo Senhor de S. Geão 1$00

No Prélo:

BASILIO TELLES
A Sciencia e o Atonismo.
CARLOS BABO
A sombra de D. Miguel.
JOSÉ JOAQUIM NUNES
Chrestomatia archaica.
JOÃO VERDADES
Panno acima!...
SOUSA COSTA
Milagres de Portugal.

JÚLIO DANTAS

SÓROR MARIANA

Peça em I acto.

PORTUGAL-BRASIL L.DA
SOCIEDADE EDITORA
LISBOA

SÓROR MARIANA

Peça em 1 acto, representada pela primeira vez, com grande sucesso, em Lisbôa no teatro do Gimnásio Dramático, na noite de 21 de Outubro de 1915, e em Barcelona no teatro Roméa, na noite de 26 de abril de 1920.

OBRAS DE JÚLIO DANTAS

POESIA

Nada (1896) — 2.ª edição.
Sonetos (1916) — 3.ª edição.

PROSA

Outros tempos, inquéritos médicos às genealogias reais portuguesas, etc. (1909) — 2.ª edição augmentada.
Figuras de ontem e de hoje (1914) — 2.ª edição.
Pátria Portuguesa (1914) — 4.ª edição, no prelo.
Ao ouvido de M.me X (1915) — 4.ª edição.
O amor em Portugal no século XVIII (1915) — 2.ª edição.
Mulheres (1916) — 4.ª edição.
Eles e Elas (1918) — 2.ª edição.
Espadas e Rosas (1919) — 4.ª edição, no prelo.
Como elas amam (1920) — 2.ª edição.
Abelhas doiradas (1920).
As Grandes Batalhas — no prelo.

TEATRO

O que morreu de amor (1899) — 4.ª edição.
Viriato Trágico (1900) — 2.ª edição.
A Severa (1901) — 4.ª edição, no prelo.
Crucificados (1902) — 3.ª edição, no prelo.
A Ceia dos Cardeais (1902) — 23.ª edição.
D. Beltrão de Figueiróa (1902) — 4.ª edição.
Paço de Veiros (1903) — 3.ª edição.
Um serão nas Laranjeiras (1904) — 3.ª edição.
Rei Lear (1906).
Rosas de todo o ano (1907) — 8.ª edição.
Mater Dolorosa (1908) — 4.ª edição.
Santa Inquisição (1910) — 2.ª edição.
O Primeiro Beijo (1911) — 4.ª edição.
D. Ramon de Capichuela (1912) — 2.ª edição.
O Reposteiro Verde (1912) — 2.ª edição.
1023 (1914) — 2.ª edição.
Sóror Mariana (1915) — 3.ª edição.
Carlota Joaquina (1919) — 2.ª edição.
D. João Tenório (1920).
A Castro (1920).

A data indicada para cada obra é a da sua primeira edição

JÚLIO DANTAS
Sócio efectivo da Academia das Sciências de Lisboa
Da Academia Brasileira de Letras

SÓROR MARIANA

TERCEIRA EDIÇÃO

LISBOA
PORTUGAL-BRASIL LIMITADA
SOCIEDADE EDITORA
58 — RUA GARRETT — 60

RIO DE JANEIRO
COMPANHIA EDITORA AMERICANA
LIVRARIA FRANCISCO ALVES

Reservados todos os direitos de reprodução: em Portugal, conforme preceituam as disposições do *Código Civil Português;* no Brasil, nos termos do convénio de 9 de setembro de 1889 e lei n.º 2.577 de 17 de janeiro de 1912; nos países convencionados, em harmonia com a Convenção de Berne, a que Portugal aderiu por decreto de 18 de março de 1911. A propriedade desta obra pertence à Sociedade Editora Portugal-Brasil L.da

Imprensa PORTUGAL-BRASIL — Rua da Alegria, 100 — Lisboa

AO ILUSTRE JORNALISTA

AVELINO DE ALMEIDA

Há oito dias, na primeira representação da *Sóror Mariana*, quando todos os olhos estavam razos de lágrimas e a dolorosa freira de Beja, perante a murça branca de Frei Francisco de S. Diogo, proclamava, num soluço, o seu amor criminoso por Chamilly, — uma senhora titular, três vezes ilustre pelo nascimento, pela inteligência e pela educação, levantou-se pálida no seu camarote, e a tremer, numa expressão veemente de indignação e de protesto, gritou para a plateia:

— É mentira! É mentira!

Soube hoje que essa ilustre titular era v. ex.ª. Permita-me, minha senhora, que beije, com o maior respeito, os aneis dessas pequeninas mãos que não quiseram aplaudir-me, e que procure acalmar, tanto quanto em mim caiba fazê-lo, a sua evidente e inexplicável perturbação. Eu não sei ainda que factos ou que palavras mereceram a v. ex.ª uma condenação tão precipitada e tão pouco generosa. É mentira que as *Cartas de amor* foram escritas por uma portuguesa ao senhor de Chamilly? Talvez. Disse-o Beauvois. Disse-o Camilo. É mentira que essa portuguesa fôsse uma freira e que essa freira se chamasse Mariana Alcoforado, — dos fidalgos Alcoforados de Beja, blasonando do escudo enxequetado de prata e azul de seis peças, com a águia dos Aguiares por timbre, revoante e armada de prata? Quem o sabe! Mentiu Chamilly, mentiu Lavergne de Guilleragues, mentiu o livreiro Claude Barbin, «*au Palais, sur le second perron de la Sainte Chapelle*», mentiu Duclos, mentiu o Duque de Saint Simon, — menti eu? Nada mais fácil, minha senhora. De positivo, conhecem-se apenas três factos: a existência de Sóror Mariana; a existência de Chamilly; a existência das *Cartas*. Quem as escreveu? Quem as recebeu? Simples con-

jecturas. O que é a história, o que é a própria vida, — senão uma conjectura formidável? O que foi sempre o Amor, — senão a mais dolorosa, a mais voluptuosa das mentiras? Ignoro se na ascendência remota de v. ex.ª, minha senhora, se entroncaria, num veio de oiro, algum rebento ilustre dos Alcoforados. Se assim é, falou v. ex.ª em nome de respeitabilíssimos preconceitos de estirpe, pedindo o silêncio, mais do que a verdade, para a memória da freira clarista de Beja, cuja pobre sepultura franciscana há dois séculos se fechou. Mas, minha senhora, — Sóror Mariana já não pertence hoje nem a uma religião, nem a uma família: pertence à Vida, — pertence à Dôr humana. As mulheres verdadeiramente nobres, não são apenas aquelas que vivem e morrem no silêncio das grandes virtudes; não são apenas aquelas de quem, na frase feliz de Maria Leczinska, «não se falou durante a vida, nem se fala depois da morte»; são também as que ascendem, as que se levantam, as que se exaltam superiores à própria natureza humana, aquelas em cuja alma imortal latejam e fremem, refervem e tumultuam o génio supremo do sentimento, a glória maravilhosa do heroísmo, a tempestade confrangedora da paixão. Impudor? Sacrilégio? Sensualidade? Ignomínia? Que importa, — se de todo êsse lôdo se fez um clarão! Se Sóror Mariana é sua longínqua parenta, minha senhora, ela não pode, com todo o seu desvario, com tôda a sua loucura, — senão dignificá-la e enobrecê-la. Uma palavra só das *Cartas*, repassada de génio e de dôr, de beijos e de lágrimas, vale bem todos os metais, todos os esmaltes heráldicos do escudo dos Alcoforados, todo o tombo de nobreza da casa da rua do Touro, tudo quanto em pedras de armas resta espalhado pelos cunhais solarengos do Alentejo! Não, minha senhora; — Sóror Mariana não a de-

sonra. Sóror Mariana nem sequer ultraja a mais do que problemática virtude da vida monástica portuguesa do século XVII. Tenho pena de não poder mostrar-lhe os documentos inéditos cuja cópia aqui está, diante de mim. Se soubesse, minha senhora, o que foram durante dois séculos os conventos de freiras de Portugal, — v. ex.ª repetiria, decerto, a frase amarga do Duque de Saint Simon a respeito duma casa de capuchas da Bretanha: «religiosa que de lá sái, é por que quer ser uma mulher honesta». Mentir, — para quê? Sossegue. Tranqüilise o seu espírito, minha senhora. Houve, evidentemente, um facto de amor, desconhecido e vago, de que as cinco *Cartas* foram a conseqüência literária. A minha peça é apenas a dramatização conjectural dêsse facto. Nada se sabe ao certo. Tudo pode ser verdade. Tudo pode ser mentira. Em volta do *fait divers* de Sóror Mariana, precisamente por que se ignora tudo, são legítimas tôdas as tentativas lógicas de interpretação. A minha é má? Dê-me a sua. Prometo-lhe remodelar a peça, — e fazê-la representar outra vez. Já agora, minha ilustre inimiga, confesso-lhe que me move uma ambição: quero que as suas pequeninas mãos me aplaudam, para que eu possa ter, minha senhora, a honra de lhas beijar — menos literàriamente.

28 de outubro de 1915.

JÚLIO DANTAS

FIGURAS (*)

A Abadessa.....	D. Maria Matos
Sóror Mariana.....	D. Luísa Lopes
Sóror Inês.....	D. Celeste Leitão
Sóror Simôa.....	D. Berta de Albuquerque
Sóror Agostinha	D. Hermínia Silva
D. Frei Francisco de S. Diogo, Bispo de Beja.....	Francisco Mendonça de Carvalho
Noël Bouton, Conde de Chamilly.....	Mário Duarte

Freiras de véu preto. — No convento da Conceição de Beja. — Século XVII.

(*) *No teatro Roméa, de Barcelona, onde foi representada em língua catalã, esta peça teve a seguinte distribuição:* ABADESSA, *Maria Morera;* SÓROR MARIANA, *Emilia Baró;* SÓROR INÊS, *Josefina Fornés;* SÓROR SIMÔA, *Maria Pujó;* SÓROR AGOSTINHA, *Enriqueta Guarte;* O BISPO, *Enric Giménez;* CONDE DE CHAMILLY, *Martí.*

SÓROR MARIANA

Casa do capítulo no mosteiro da Conceição de Beja. Ao F., centro, grande janela de rótulas, em arco ogivo, com poiais. Silhares de azulejos do século XVI. Chão de tijolo. Portas à E. alta e baixa, e à D. alta e baixa: a primeira, para onde se sobe por uma escaleira de pedra de dez degraus, dá caminho para o corredor das celas; a segunda, para a portaria de dentro; a terceira, para o côro de cima; a quarta, para um eirado. Bancos capitulares em volta. Cadeira abacial à D., entre as portas, sôbre um tapete de Arraiolos. Dois tamboretes de sola, do século XVII, com ferragens. Um tocheiro de ferro, da altura de um homem.

Quando se levanta o pano, a escuridão é completa. Momentos depois, na E. alta, ao tôpo da escada, vê-se bruxolear uma luz: é

SÓROR MARIANA ALCOFORADO *que desce, a mêdo, uma candeia acêsa na mão. Hábito e manto das terceiras claristas, de estamenha côr de cinza, sem roda; touca branca de beatilha chã, descendo até aos peitos; véu preto; cordão de linho cânhamo; uma volta de rosário ao pesçoço. A seguir, desce um homem môço, tipo de capitão de cavalos; bigode loiro, pequeno, Richelieu; chapéu holandês; coura de anta; balona branca, derrubada; calças vermelhas de berri de França; espada enorme; cachimbo na bôca; capa no braço: é* NOEL BOUTON, CONDE DE CHAMILLY E DE SAINT-LEGER. *Por último, outra freire surge, também com uma candeia acêsa na mão: é* SÓROR INÊS DE JESUS. *Emquanto as duas primeiras figuras descem, encaminhando-se para a D. baixa,* SÓROR INÊS *fica vigiando no tôpo da escada.* CHAMILLY, *em tôdas as frases que se seguem, é sacudido, sêco, indiferente;* SÓROR MARIANA, *que atravessa a scena amparada ao braço do oficial francês, numa atitude de ternura, de fadiga e de abandôno, tem em tôdas as suas palavras, em todos os seus gestos, a expressão exaltada e ardente das grandes paixões.*

CHAMILLY

Adeus.

SÓROR MARIANA

Espera. Um instante mais. Deixa-me beijar a tua bôca, Noel.

CHAMILLY

É madrugada.

SÓROR MARIANA

Aperta-me bem nos teus braços. Faze-me doer, Noel. Sinto-te no meu sangue, na minha alma.

CHAMILLY, *afastando-se:*

Adeus.

SÓROR MARIANA, *pousando a candeia de ferro sôbre a cadeira abacial, e voltando a* CHAMILLY:

Porque me deixas tu? Porque não ficas tu em Beja, comigo? Porque não me levas tu para França? Porque me deixas neste mosteiro, nesta solidão, — neste inferno?

CHAMILLY, *num movimento para a D. baixa:*

Mandam-me partir. É a lei da guerra.

SÓROR MARIANA, *retendo-o nos braços:*

Tu vais bater-te outra vez? Mas tu não me disseste nada! Tu vais bater-te outra vez, Noel?

SÓROR INÊS, *do alto da escada, apagando a candeia:*

Mariana! — Apaga a luz. — Vem gente.

SÓROR MARIANA *desprende-se dos braços de* CHAMILLY *e corre a apagar a candeia.— A scena recái na escuridão. Apenas, pelas rótulas da janela do F., se adivinha a madrugada, num vago estremecimento luminoso.*

SÓROR MARIANA, *num murmúrio:*

Noel!

CHAMILLY

Larga-me.

SÓROR MARIANA

E se te matam, Noel!

CHAMILLY

As balas fogem de mim. Adeus.

SÓROR MARIANA

Tu voltas? Dize... Voltas?

SÓROR INÊS, *do alto da escada, impondo silêncio:*

É a sacristã-menor, que vai tanger o sino para o côro...

Sente-se o ferrolhar das chaves, pelos corredores.

SÓROR MARIANA, *passado um momento:*

Um beijo! Mais um beijo só!

CHAMILLY

Deixa-me. É madrugada.

SÓROR MARIANA

Só um beijo!

Durante alguns segundos, sente-se apenas, na escuridão, um murmúrio de beijos. O sino do mosteiro toca para o côro.

SÓROR INÊS

Hora de prima...— Desça depressa, senhor de Chamilly!

SÓROR MARIANA

Quando o teu esquadrão passar pelo convento, manda tocar os clarins!

CHAMILLY

Sim.

SÓROR MARIANA

Bem alto. Todos os clarins! Para eu sentir a tua alma que passa, Noel!

CHAMILLY

Sim.

SÓROR MARIANA, *num grito, quando* CHAMILLY *lhe foge dos braços:*

Noel!

CHAMILLY

Adeus.

SÓROR MARIANA, *que tropeça num tamborete, na escuridão, ao querer reter* CHAMILLY:

Noel!

SÓROR INÊS, *depois dum silêncio, aproximando-se:*

Desceu?

SÓROR MARIANA, *cuja voz se ouve já fóra, no eirado:*

Noel!

SÓROR INÊS, *aproximando-se mais, depois dum novo silêncio:*

Desceu?

SÓROR MARIANA, *num soluço:*

Desceu.

SÓROR INÊS, *vindo ao encontro de* SÓROR MARIANA:

Mariana! Eu tenho mêdo! Eu tenho mêdo de ti! Pela nossa madre Santa Clara, pelas lágrimas que chorámos juntas na nossa profissão,— não recebas mais êsse homem, que te perdes!

SÓROR MARIANA

Perdida já eu estou!

SÓROR INÊS

Se um dia nos surpreendem, que há-de ser

de nós! — Suplico-te, minha irmã! Fala-lhe da grade. Eu acompanho-te na grade sempre que tu quiseres. Mas não recebas mais êsse homem, de noite, no mosteiro. É um homem capaz de tudo. É um capitão de cavalos, um aventureiro que vem correr os acasos da guerra...

SÓROR MARIANA

Pertence à melhor nobreza de França.

SÓROR INÊS

Há-de ser o primeiro a apregoar a tua desonra!

SÓROR MARIANA

E eu cubro-o de beijos!

SÓROR INÊS

Há-de mentir-te, escarnecer-te, abandonar-te.

SÓROR MARIANA

E eu adoro-o ainda mais.

SÓROR INÊS

Mas tu não vês que esta paixão é um sacrilégio?

SÓROR MARIANA

Nunca amei tanto a Deus!

SÓROR INÊS

Lembra-te da mortalha do teu hábito!

SÓROR MARIANA

Nunca me senti tão viva!

SÓROR INÊS

Lembra-te, ao menos, da desonra do teu nome!

SÓROR MARIANA

Nunca me senti tão pura!

SÓROR INÊS, *chorando:*

Mariana! Mariana!

SÓROR MARIANA, *cuja figura começa a adivinhar-se como uma sombra, na luz azul da madrugada:*

Porque choras?

SÓROR INÊS

Peço a Deus que te salve, minha irmã.

Torna a ouvir-se o sino. A comunidade passa para o côro. As freiras descem silenciosamente a escada e atravessam a scena dirigindo-se para a D. alta. Cada uma delas traz na mão a sua candeia de ferro de um lume, acêsa. À frente vem a ABADESSA, *velha, rugosa, apoiada a uma bengala, grande cruz peitoral, óculos redondos de coiro, enormes. Ao lado da* ABADESSA, *segue* SÓROR AGOSTINHA, *freira de véu branco. Depois, as jerarquias. É uma procissão lenta de luzes e de sombras.*

A ABADESSA, *distinguindo na D. baixa os vultos das duas freiras, levanta a candeia, entesta a mão sôbre os olhos para vêr melhor, destaca-se e desce, emquanto a comunidade continúa a desfilar em silêncio:*

Quem está aí?

SÓROR INÊS, *subindo:*

Sou eu, senhora Abadessa.

A ABADESSA

Quem?

SÓROR INÊS

Sóror Ignês. — Ia para o côro. Apagou-se a luz da minha candeia.

Ouve-se bater, fóra, a pesada aldraba do portão do mosteiro.

A ABADESSA

E a outra freira, quem é?

SÓROR MARIANA

Sóror Mariana, reverenda Madre.

A ABADESSA, *a* SÓROR MARIANA, *emquanto* SÓROR INÊS *acende a candeia:*

Também a Vossa Caridade se apagou a luz?

SÓROR MARIANA

Foi o vento.

A ABADESSA

Se Vossas Caridades tivessem vindo com a

comunidade, já não se lhes apagavam as candeias. Ovelhas, querem-se com o rebanho. *(As duas freiras seguem com as últimas religiosas de véu preto. Ouve-se, outra vez, bater à aldraba do portão conventual)* Sóror Agostinha. Veja quem bate, a estas horas.

SÓROR SIMÔA, *freira de véu branco, assomando, assoodada, na porta da E. baixa:*

Reverenda madre! É o senhor Bispo.

A ABADESSA

O senhor Bispo? — Depressa, sóror Agostinha! A mitra, o gremial, o báculo! *(Dando a candeia a* SÓROR SIMÔA) Quero receber Sua Ilustríssima na portaria!

O BISPO, *hábito de bernardo, murça, capa, cruz peitoral de oiro, chapéu episcopal, entrando pela E. baixa, numa expressão de preocupação evidente:*

Não se moleste Vossa Reverência. Eu sei o caminho.

A ABADESSA

Deus traga Vossa Senhoria Ilustrísima. A comunidade está no côro. *(A* SÓROR SIMÔA, *que acende o tocheiro de ferro)* Leve a almofada de

damasco, Sóror Simôa. Sua Ilustríssima acompanha-nos nos ofícios divinos.

O BISPO

Não. Espero aqui Vossa Reverência. Os ofícios de prima são curtos. *(Depois dum silêncio, durante o qual a* ABADESSA *torna a receber a candeia das mãos de* SÓROR SIMÔA) Onde fica o eirado donde se vêem as portas de Mértola?

A ABADESSA

Além, senhor Bispo.

O BISPO

Tenha Vossa Reverência a caridade de me dar a sua candeia.

A ABADESSA, *dando a candeia ao* BISPO:

Quer Vossa Ilustríssima que o acompanhe?

O BISPO *desaparecè no eirado da D. baixa. A* ABADESSA, *sem compreender o que se passa, segue-lhe os movimentos.* SÓROR AGOSTINHA *surge na D. alta, com a mitra e o báculo, de cuja cabuta doirada pende um pequeno sudário. Passado um instante, o* BISPO *volta, dando a candeia a* SÓROR SIMÔA.

O BISPO, *à* ABADESSA:

Preciso de falar à puridade com Vossa Reverência.

A ABADESSA, *a* SÓROR AGOSTINHA, *que deixa a mitra e o báculo sôbre a cadeira:*

Diga à reverenda madre-vigária que não vou ao côro. *(Ao* BISPO) Estou aos pés de Vossa Ilustríssima.

SÓROR AGOSTINHA *sái. O* BISPO *assenta-se num dos tamboretes de sola. A* ABADESSA, *no outro. A luz do tocheiro de ferro alonga-lhes as sombras sôbre o chão de tijôlo.* SÓROR SIMÔA *pousa a candeia sôbre um dos poiais da janela. Começa a amanhecer. O* BISPO *tira da manga do hábito um lenço vermelho, alentejano, e uma caixa de rapé, de prata chã. Tabaqueia, solenemente. Depois, oferece à* ABADESSA, *que olha em volta, não a veja alguma freira, e tabaqueia também.*

O BISPO

Há já uma bôa hora andada, foram acordar-me à minha pobre cama franciscana para me entregarem uma carta. Nessa carta diziam-se tão espantosas coisas, que eu só tive o tempo de enfiar o hábito, de mandar meter os urcos ao côche, e de abalar para aqui. *(Mete na man-*

ga o lenço e a caixa do rapé; tira um papel dobrado) Quando cheguei, ainda era noite cerrada. Para não deixar de observar as constituições e a regra, esperei ali defronte, no terreiro da Feira, que apontasse a manhã e tangesse o sino de prima. Foi então que tive, pelos meus próprios olhos, a confirmação do que dizia êste papel. Pela primeira vez, desde que sou bispo e frade, senti a falta de um par de pistolas nos coldres dos meus machos! — Senhora Abadessa, acabo de vêr saír um homem dêste mosteiro.

A ABADESSA

Um homem? — Vossa Ilustríssima viu saír um homem de...

O BISPO, *serenamente:*

Vi.

A ABADESSA

Aí está porque me faltam todos os dias galinhas na capoeira. Os ladrões andam-me em cima da criação, senhor Bispo. É preciso que Vossa Ilustríssima escreva ao senhor governador da praça. Emquanto não levantarem polés por essas ruas de Beja e não apolearem meia

dúzia de ladrões, não me folgam nem os bácoros, que ainda a semana passada me furtaram três duma cria!

O BISPO

Tem razão Vossa Reverência. Trata-se dum ladrão. Mas, desta feita, o ladrão não desceu pela cêrca. Saltou por ali, pelo muro do eirado. — Vinha do convento.

A ABADESSA, *sem perceber:*

Por ali?

O BISPO

Vá Vossa Reverência vêr. Ainda lá está, amarrada à pilastra, a corda por onde êle desceu. Segui-lhe a sombra. Senti retinir-lhe a espada. Passou a-par do meu côche. Conheci-o. Não era um ladrão das suas galinhas, senhora Abadessa. Era um ladrão da honra dêste mosteiro.

A ABADESSA

Mas Vossa Ilustríssima está certo de que viu descer um homem?

O BISPO

Antes fôsse um lobo, — e eu tivesse uma clavina nas mãos!

A ABADESSA, *tremendo, numa aflição:*

Senhora Santa Clara!

O BISPO

Não se perturbe Vossa Reverência. Eu faço inteira justiça ao seu zêlo de prelada. Não esqueço que, durante o Abadessado de Vossa Maternidade, esta casa de Deus e de S. Francisco tem sido espelho de observância. Mas, senhora Abadessa, se houvesse só boas ovelhas, não era virtude ser pastor. — O homem que tem entrado de noite neste mosteiro é um oficial francês. Chama-se Noel Bouton, conde de Chamilly e de Saint-Leger. Há uma freira que o recebe na sua cela. É preciso saber quem essa freira é, — e apartá-la da comunidade.

A ABADESSA, *erguendo-se:*

Sóror Simôa! Mande tanger a capítulo!

O BISPO

Não. Para quê? Não lancemos inútilmente

o alvorôço e o escândalo no mosteiro. — Vamos devagar, senhora Abadessa.

A ABADESSA

Chamam-se as madres discretas! Chamam-se as jerarquias do convento! Mete-se num cárcere a ovelha leprosa, com os pés no olhal do cepo! *(Chamando, trémula de indignação)* Sóror Agostinha!

O BISPO, *com serenidade:*

Também não. — Êsse hábito é grande de mais, para que o respeitemos ainda nas freiras que o desonram!

A ABADESSA

Então, como quer Vossa Reverência que se faça justiça?

O BISPO

Com caridade. *(Muito calmo)* Precisamos, antes de tudo, de saber quem é a freira culpada.

A ABADESSA

Mando esta noite pôr vigias e escutas no mosteiro, — e hei-de apanhá-la!

O BISPO

Inútil. O senhor de Chamilly sai hoje de Beja, a caminho da côrte.

A ABADESSA

Como sabe Vossa Ilustríssima?

O BISPO

Por êle próprio. *(Desdobrando o papel que tem na mão)* Esta carta é dele. Escrita a um amigo, e perdida na explanada do quartel de cavalaria de Briquemont. O senhor de Chamilly parte para França. — Não me atrevo a lêr a Vossa Reverência as palavras com que êle se refere a êste santo mosteiro!

A ABADESSA, *atarantada, com os óculos no nariz:*

Valha-me Deus, que não acho os óculos!

O BISPO

Conta que teve trato amoroso com duas mulheres em Beja. Uma môça solteira da rua do Touro, que cantava bem à viola e que lhe deu

um filho, e uma freira dêste Real Mosteiro da Conceição.

A ABADESSA

Meu rico mosteiro onde eu vivi cincoenta e dois anos! Quem te havia de vêr estalagem de franceses!

O BISPO

Releve-me Vossa Reverência a profanidade destas palavras.

A ABADESSA, *vendo a carta:*

Não diz o nome da freira?

O BISPO

Não diz o nome.— O senhor de Chamilly teve ainda êsse resto de nobreza! — Vossa Reverência não suspeita de nenhuma das religiosas?

A ABADESSA

Não, senhor Bispo.— Umas mais do que as outras, tôdas são virtuosas e reformadas.

O BISPO

Sabe se o senhor de Chamilly tem vizitado alguma freira na grade dêste convento?

A ABADESSA, *chamando:*

Sóror Simôa. *(A donata aproxima-se).* Tem vindo algum oficial francês à roda ou à grade?

SÓROR SIMÔA

Oficial francês? Não dou fé, reverenda Madre.

O BISPO, *a* SÓROR SIMÔA:

É a rodeira?

SÓROR SIMÔA

Mínima serva de Vossa Ilustríssima.

O BISPO

Não se lembra de ter vindo aí um oficial môço, loiro, calções vermelhos de berri de França, um cachimbo na bôca?

SÓROR SIMÔA

Não tenho idêa, senhor Bispo.

O BISPO

Admira que êle não tenha vindo à grade.

A ABADESSA, *recordando-se, súbitamente:*

Sóror Agostinha! (SÓROR AGOSTINHA *desce)* Quem eram as duas freiras que estavam ainda agora aqui, com as candeias apagadas, quando a comunidade passou para o côro?

O BISPO

Aqui?

SÓROR AGOSTINHA

Sóror Inês de Jesus e Sóror Mariana Alcoforado, reverenda Madre.

O BISPO

Estavam aqui duas religiosas quando Vossa Reverência passou para o côro?

A ABADESSA

Naquele canto. É capaz de ser alguma delas.

O BISPO

Ao pé do eirado?

A ABADESSA

De luzes apagadas. — Quando eu vinha andando, alevantaram-se-me duas sombras diante da minha candeia. Quem vive? — perguntei eu. Respondeu uma, depois a outra. Que iam para os ofícios divinos, e que o vento lhes tinha apagado as candeias.

O BISPO, *com estranheza:*

O vento? — Mande Vossa Reverência chamar essas duas freiras.

A ABADESSA, *a* SÓROR AGOSTINHA, *que se curva e sái pela D. alta:*

Sóror Mariana e Sóror Inês que venham à presença do senhor Bispo.

O BISPO

São freiras môças?

A ABADESSA

Muito môças, e ambas de véu preto.

O BISPO

Vossa Reverência não lhes perguntou porque não tinham descido com a comunidade?

A ABADESSA

Não me recordo.

O BISPO

Não notou qualquer perturbação em alguma delas?

A ABADESSA

Vejo pouco.

O BISPO

Dormem ambas na mesma cela?

A ABADESSA

Em celas pegadas.

O BISPO

É preciso recolher já todos os papéis dessas duas religiosas.

A ABADESSA

Sóror Simôa. Vá às celas de Sóror Mariana e de Sóror Inês, e traga todos os papéis que lá achar. — Revolva tudo. Os arquibancos e os catres. *(Baixo, ao* BISPO, *vendo assomar na D. alta* SÓROR MARIANA *e* SÓROR INÊS, *seguidas da leiga* AGOSTINHA) Ali estão elas.

SÓROR SIMÔA, *sái pela E. alta.*

O BISPO, *baixo à* ABADESSA, *olhando as duas freiras, que se curvam de longe numa vénia:*

Sóror Inês de quê?

A ABADESSA

De Jesus.

O BISPO, *chamando:*

Sóror Inês de Jesus. (SÓROR INÊS *desce e cur-*

va-se ligeiramente diante do BISPO). Vossa Reverência é a freira que costuma tocar cravo nas comédias do convento?

SÓROR INÊS

Sou eu, senhor Bispo.

O BISPO, *observando-a, fixamente:*

Estou-a reconhecendo. *(Chamando a outra freira)* Sóror Mariana Alcoforado. (SÓROR MARIANA, *muito pálida, avança até junto de* SÓROR INÊS *e curva-se diante do* BISPO) É da família dos Alcoforados de Beja?

SÓROR MARIANA

Sim, senhor Bispo.

O BISPO

Tenho idéa de que assinei no ano passado uma provisão dispensando-a do refeitório e das disciplinas de comunidade. Vossa Reverência estava, então, doente. — Qual é a doença de Vossa Reverência?

SÓROR MARIANA

Acidentes.

O BISPO, *observando* SÓROR MARIANA:

Acidentes?

SÓROR SIMÔA, *voltando com dois maços de papéis de solfa e breviários, que entrega à* ABADESSA:

De Sóror Inês. — De Sóror Mariana.

O BISPO

Vossas Reverências estavam ambas aqui, ainda agora, quando a comunidade passou para o côro? *(Silêncio das duas freiras)* Estavam aqui, não é verdade?

SÓROR INÊS, *depois de novo silêncio, vendo que* SÓROR MARIANA *não responde:*

Sim, senhor Bispo.

O BISPO

A comunidade costuma descer para os ofícios de prima logo que o sino toca? *(Silêncio)* Não é verdade?

SÓROR INÊS

Sim, senhor Bispo.

O BISPO, *emquanto a* ABADESSA *examina os papéis:*

Por conseguinte, Vossas Reverências já andavam levantadas quando o sino tocou. *(Silêncio)* Evidentemente, — já andavam levantadas. *(Silêncio)* Que tinham Vossas Reverências que fazer pelo mosteiro, quando tôdas as religiosas dormiam?

SÓROR INÊS, *balbuciando:*

Íamos para o côro.

O BISPO

Sòzinhas? — E levavam as candeias, como manda a regra?

SÓROR INÊS, *numa progressiva angústia:*

Sim, senhor Bispo.

O BISPO

Acêsas?

SÓROR INÊS

Acêsas.

O BISPO

Então, por que foi que as apagaram? *(Silêncio)* Porque as apagaram?

SÓROR INÊS

Foi o vento que as apagou.

O BISPO

Foi o vento que apagou ambas as candeias?

SÓROR INÊS

Sim, senhor Bispo.

O BISPO

E porque não apagou o vento as candeias das outras religiosas que passaram depois?

A ABADESSA, *intervindo:*

Sim, porque não apagou o vento as candeias das outras religiosas que passaram depois?

O BISPO

Naturalmente, porque só havia vento no eirado. — Vossas Reverências foram àquele eirado? *(Silêncio)* Foram àquele eirado?

SÓROR INÊS, *hesitante:*

Não, senhor Bispo.

O BISPO

Noto que é Vossa Reverência sempre que me responde. — Porquê?

SÓROR MARIANA

Fui eu que apaguei a luz da minha candeia.

O BISPO

Vossa Reverência? — Então, em que ficamos? — Foi Vossa Reverência ou foi o vento?

SÓROR INÊS, *adivinhando o impulso de* SÓROR MARIANA *para denunciar-se, encobre-a com o corpo, agarra-lhe dissimuladamente a mão num movimento nervoso, suplica-lhe, baixo:*

Mariana! Pelas divinas chagas, não te atraiçoes!

A ABADESSA, *ao* BISPO, *observando-as:*

É uma delas.

O BISPO

É uma delas. Mas qual? Que há nos papéis?

A ABADESSA

Nada. Papéis de solfa e os breviários.

SÓROR INÊS

Que ordena mais Vossa Ilustríssima?

O BISPO

Um momento.— Alguma de Vossas Reverências conhece o oficial francês Conde de Chamilly e de Saint-Leger?

SÓROR INÊS

Não, senhor Bispo.

A ABADESSA, *dirigindo-se a* SÓROR MARIANA, *que* SÓROR INÊS *encobre:*

E Vossa Caridade, tambêm não o conhece?

SÓROR INÊS, *suplicando, a mão crispada no hábito de* SÓROR MARIANA:

Mariana!

SÓROR MARIANA, *numa tortura:*

Também não.

O BISPO

Pois o senhor de Chamilly esteve esta noite no convento à hora a que Vossas Reverências andavam levantadas, e saíu por êste eirado, ao tocar do sino para a hora de prima, precisamente quando Vossas Reverências estavam aqui.— Pesa sôbre a cabeça de ambas mais do que a suspeita: a certeza. Uma de Vossas Reverências desonrou o hábito que veste. Qual das duas foi?

A ABADESSA

Recolhem-se ambas ao cárcere! *(Chamando)* Madre rodeira!

O BISPO

Não. Há aqui uma inocente.

SÓROR INÊS, *baixo, a* SÓROR MARIANA:

Silêncio.

SÓROR MARIANA, *num êxtase doloroso:*

Que delícia, sofrer por êle!

O BISPO

Vossas Reverências não respondem? *(Silêncio)* Qual das duas recebeu esta noite, criminosamente, o senhor de Chamilly? — Êle próprio o diz nesta carta. Há uma freira do mosteiro da Conceição que o recebe de noite na cela!

A ABADESSA, *observando-as, fixamente:*

Leia Vossa Ilustríssima a carta...

O BISPO

Vejam Vossas Reverências por onde anda a honra de um dos mais nobres mosteiros de Portugal! *(Lendo a carta, devagar)* "Sigo esta madrugada para Alvito com a minha companhia de cavalos. Embarco depois para França..."

SÓROR MARIANA, *num murmúrio imperceptível:*

Noel!

O BISPO, *que continúa a lêr e a observá-las:*

"Já sinto a falta de Versailles, do regimento de Mazarin e das mulheres de Paris. As portuguesas enfastiam-me de morte...„

SÓROR MARIANA, *num soluço:*

Noel!

O BISPO

"Deixo aí duas, em Beja. Uma freira do mosteiro da Conceição, que me recebia de noite no convento, e uma mulher da rua do Touro, que me deu há três dias um filho...„

SÓROR MARIANA, *num grito de dôr:*

Noel!

SÓROR INÊS, *querendo detê-la, baixo:*

Mariana, que te perdes!

SÓROR MARIANA, *atirando-se para o* BISPO *e arrancando-lhe a carta das mãos:*

Não! Mentira! Mentira, senhor Bispo!

O BISPO, *erguendo-se, com dignidade:*

Sóror Mariana!

SÓROR MARIANA, *desdobrando a carta nas mãos convulsas:*

Mentira! Isto não está escrito aqui! Não foi a tua mão que escreveu isto, Noel! *(Querendo lêr, os olhos turvos de lágrimas)* Noel! Porque me fugiste tu? Porque me enganaste tu? Porque me mataste tu? *(Soluçando e beijando a carta)* Noel! Noel!

O BISPO, *a* SÓROR MARIANA:

Foi então Vossa Reverência que recebeu na sua cela o senhor de Chamilly?

A ABADESSA

Foi Vossa Caridade?

SÓROR INÊS

Mariana! Pelas cinco chagas!

SÓROR MARIANA

Fui eu! — Gritem a todo o mosteiro que

fui eu! Perdida já eu estou. Perdida de corpo e alma! Perdida porque êle me fugiu! Noel! *(Numa agonia voluptuosa)* Se tu soubesses como é bom sofrer por ti! Faze padecer mais, mais ainda, a tua pobre Mariana! — Noel! — Oh! minha mãe! Minha mãe! Porque não me enjeitaram, antes? Porque não me afogaram? Porque não me estrangularam no berço? Matassem-me, como se faz às crias das cadelas que as mães enjeitam! Mas não me enterrassem viva! Mas não me vestissem esta mortalha, que me sufoca! Mas não me metessem neste inferno! *(Ouvem-se os clarins do esquadrão de* CHAMILLY: MARIANA *atira-se como doida, os braços erguidos, para a janela de rótulas do F.)* Noel! Meu amor! Quebra-me estas grades! Tira-me desta prisão! Leva-me comtigo! Eu quero viver! *(Num grito estridente)* Noel! Noel! *(Cái desamparada no chão de tijolo, braços abertos, hirta)*

SÓROR INÊS, *lançando-se, num grito, sôbre o corpo de* MARIANA:

Mariana!

As donatas, SÓROR SIMOA *e* SÓROR AGOSTINHA *aproximam-se.*

O BISPO

Um acidente.

SÓROR INÊS

Mariana!

A ABADESSA, *ao* BISPO:

Que ordena Vossa Ilustríssima?

O BISPO, *comovido:*

Que a tratem com amor. Deus ouviu-a. E perdoou-lhe.

Ouvem-se mais perto os clarins. A manhã esplende. O pano cái, rápido.

PORTUGAL-BRASIL L.DA

SOCIEDADE EDITORA

58, Rua Garrett, 60 — LISBOA

ALBERTO DE OLIVEIRA
Na Outra Banda de Portugal 1$50
ALBERTO TELLES
Camilo na Cadeia da Relação do Porto ..... 1$50
ANTONIO CABRAL
Eça de Queirós ..... 3$00
ANTONIO GRANJO
A Grande Aventura ..... 1$50
CARLOS MALHEIRO DIAS
A verdade Nua, (2.ª ed.) ..... 2$00
A Esperança e a Morte ..... 1$50
CELSO VIEIRA
O Semeador ..... 1$00
COELHO DE CARVALHO
A Eneida de Virgilio ..... 3$00
CONDE D'ARNOSO
Azulejos, nova ed ..... 2$50
CONDE DE SABUGOSA
Gente de Algo ..... 3$00
EDUARDO DE AGUILAR
Tragedias de Roma ..... 1$50
EDUARDO SCHWALBACH
A Historia da Carochinha .. $80
EGAS MONIZ
A Vida Sexual, enc ..... 6$00
Um ano de politica ..... 2$00
EMMANUEL LASSERRE
Os Delinquentes Passionaes e o Criminalista Impallomeni 1$50
H. LOPES DE MENDONÇA
Sangue Português (2.ª ed.) ... 2$00
JOÃO DE CASTRO
Jornadas pelo Minho ..... 2$50
A Comedia de Lisboa ..... 2$00
JOÃO DO RIO
A Mulher e os Espelhos, (2.ª ed.) 1$50
Correspondencia de uma estação de cura (2.ª ed.) ..... 1$50
JULIO DANTAS
Como elas amam (2.ª ed.) .... 2$00
Espadas e Rosas, (3.ª ed.) ..... 2$00
Mulheres, (4.ª ed.) ..... 3$00
Sonetos (3.ª ed.) $80
Abelhas doiradas ..... 2$00
JULIO DE CASTILHO
Fastos Portuguezes ..... 1$50
L. XAVIER BARBOSA
Cem Cartas de Camillo ..... 2$50
MANUEL DA SILVA GAIO
De Roma e suas conquistas .. 1$50
MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO
Paginas escolhidas ..... 1$50
MAYER GARÇÃO
Os Cem Sonetos (prefacio) .... 2$00
OSCAR LOPES
Seres e sombras ..... 1$50
PAULO DE GARDENIA
Lecticia ..... 1$00
SAMUEL MAIA
Sexo Forte ..... 2$00
Entre a vida e a morte ..... 2$50
SOUSA COSTA
Paginas de Sangue ..... 1$20
Fructo Prohibido ..... 3$00
STUART TORRIE
Secretario Comercial da Língua Inglesa, cart ..... 2$50
URBANO RODRIGUES
A Duqueza da Baêta ..... 1$50
Coração $70

Theatro:

H. LOPES DE MENDONÇA
Nó Cégo, 3 actos $80
JULIO DANTAS
D. João Tenorio, 6 actos ..... 2$00
Rosas de todo o ano $40
1023, episodio em verso $40
Carlota Joaquina, 1 acto $60
Um serão nas Larangeiras ... 2$00
A Castro ..... 1$00
Sóror Mariana $60
D. Beltrão de Figueirôa $70
MARCELINO MESQUITA
Almas doentes, 2 actos $80
URBANO RODRIGUES
A Posse — Ultima Aventura — Maria da Graça $80
VASCO MENDONÇA ALVES
Promessa, 4 actos ..... 1$00
VICENTE ARNOSO
O Ultimo Senhor de S. Geão 1$00

No Prélo:

CARLOS BABO
A sombra de D. Miguel.
JOSÉ JOAQUIM NUNES
Chrestomatia archaica.
JOÃO DO RIO
Rosario da Ilusão.
JOÃO VERDADES
Panno acima!...
MARIA A. VAZ DE CARVALHO
Uma pagina de historia.

JULIO DANTAS

1023

PORTUGAL BRASIL L.DA
SOCIEDADE EDITORA
Lisboa

1023

Episódio em verso, representado pela primeira vez no Teatro da República, de Lisboa, em março de 1914.

Teatro de Júlio Dantas

O que morreu de amor (1899) — 4.ª edição.
Viriato Trágico (1900) — 2.ª edição.
A Severa (1901) — 4.ª edição, no prelo.
Crucificados (1902) — 3.ª edição.
Ceia dos Cardeais (1902) — 23.ª edição.
D. Beltrão de Figueirôa (1902) — 4.ª edição.
Paço de Veiros (1903) — 2.ª edição.
Um serão nas Laranjeiras (1904) — 3.ª edição.
Rei Lear (1906) — 2.ª edição, no prelo.
Rosas de todo o ano (1907) — 7.ª edição.
Mater Dolorosa (1908) — 4.ª edição.
Santa Inquisição (1910) — 2.ª edição.
Primeiro Beijo (1911) — 4.ª edição.
D. Ramon de Capichuela (1912) — 2.ª edição.
O Reposteiro Verde (1912) — 2.ª edição.
1023 (1914) — 2.ª edição.
Sóror Mariana (1915) — 2.ª edição, no prelo.
Carlota Joaquina (1919) — 2.ª edição.
D. João Tenório (1920).

JÚLIO DANTAS
Sócio efectivo da Academia das Sciências de Lisboa
Da Academia Brasileira de Letras

1023

1 ACTO EM VERSO

LISBOA
PORTUGAL-BRASIL LIMITADA
SOCIEDADE EDITORA
58 — RUA GARRETT — 60

RIO DE JANEIRO
COMPANHIA EDITORA AMERICANA
LIVRARIA FRANCISCO ALVES

Reservados todos os direitos de reprodução: em Portugal, conforme preceituam as disposições do *Código Civil Português;* no Brasil, nos termos do convénio de 9 de setembro de 1889 e lei n.º 2.577 de 17 de janeiro de 1912; nos países convencionados, em harmonia com a Convenção de Berne, a que Portugal aderiu por decreto de 18 de março de 1911. A propriedade desta obra pertence à Sociedade Editora Portugal-Brasil L.DA.

Imprensa PORTUGAL-BRASIL, Rua da Alegria, 100 — Lisboa

A Antero de Figueiredo

FIGURAS

Um cauteleiro.....	Chaby Pinheiro
Um carteiro.....	Pinto Costa
Um sujeito que lê.....	Manuel Pina
Uma *bonne*.....	Ana Espinoza
Uma criança.....	N. N.

Lisboa — Actualidade.

1023

Jardim público, em Lisboa. Um banco à E. B.; perto, um marco do correio. Outro banco à D. F., no alinhamento do primeiro. Tarde de sol. Passa pouca gente. No banco da E. B., uma «bonne», loira, de avental branco, brinca com uma criança. No banco da D. F., um burguez velho, sêco, de suissas, fraque preto, lê um jornal. ROMÃO, *carteiro, palidez de cardíaco, casacão de mescla, mala de coiro, entra pelo F. D., abre a caixa do correio, tira as cartas, mete-as na mala; depois assenta-se no banco da E. B., ao pé da «bonne», pousa a mala, tira o boné, limpa o suor com o seu grande lenço de Alcobaça.*

A BONNE, *levantando-se, mal o carteiro se assenta, e chamando a pequena, que brinca em volta do banco:*

Ande, venha, Mimi.

O CAUTELEIRO, *entrando pelo F., a apregoar a lista, calça de belbute, boina, lenço de pintas azúis ao pescoço:*

Quer a lista geral!

Ao sujeito que lê:

Quer a lista?

O SUJEITO, *furioso:*

Não vê que estou lendo o jornal?

Malcriado!

O CAUTELEIRO, *afastando-se:*

Está bom. Basta.

O SUJEITO, *continuando a lêr:*

Praga maldita!

O CAUTELEIRO, *à* BONNE, *que passa junto dele com a criança pela mão:*

O que vale é assim uma cara bonita,
De vez em quando.

A BONNE, *saíndo pelo F.:*

Tolo!

O CAUTELEIRO, *vendo o* CARTEIRO *e aproximando-se:*

A lista, ó camarada.

ROMÃO *não responde; o* CAUTELEIRO *insiste:*

Vêr a lista geral?

O CARTEIRO, *sem o olhar:*

Não.

O CAUTELEIRO

Não tem jôgo?

O CARTEIRO

Nada.

O CAUTELEIRO

Quê? Então não jogou esta semana?

O CARTEIRO

Não.

Olhando-o, com estranheza:

Como sabe você que eu jógo?

O CAUTELEIRO, *rindo:*

Seu Romão!
Olha! Não me conhece! – O 15... O Zé Canelas!

O CARTEIRO

Então vocemecê anda a vender cautelas,
Homem?

O CAUTELEIRO

Ando.

O CARTEIRO

Você já não está ao serviço?

O CAUTELEIRO

Já lá vai o boné.

O CARTEIRO

Castigo, ou que foi isso?

O CAUTELEIRO

Qual castigo! Ninguêm me castigou.

O CARTEIRO

Hom'essa!

O CAUTELEIRO

Uma coisa qualquer que me deu na cabeça
E vai daí, — adeus. Pedi a demissão.

O CARTEIRO

Falta de juizo, é que é.

O CAUTELEIRO, *assentando-se nas costas do banco:*

Falta de vocação.
Inda não é quem quer que pode ser carteiro.
Tem mais futuro, sim, ganha-se mais dinheiro,
É uma posição mais decente, é verdade...
Mas isto, meu amigo, é outra liberdade!

O CARTEIRO

E isso da venda, deixa alguma coisa?

O CAUTELEIRO

Pouco.

Por causa do pregão andei três mezes rouco.
Outro mez no hospital... – Emfim, Deus nos ajude.

Depois dum silêncio, mudando de tom:

Por lá, vocemecê, como vai a saúde?

O CARTEIRO

Cançado. Incham-me os pés. Depois, não durmo nada...
Dizem que é coração.

O CAUTELEIRO

Sobe-se tanta escada

Pausa:

E a petiza?

O CARTEIRO, *a rir, com bonomia:*

A petiza? A minha neta? Bem.
Coitadinha, – morreu-lhe há seis mezes a mãe.
Tem o avô de a deitar, de a vestir, de entretê-la...
Se eu morro para aí, que há-de ser feito dela!

O CAUTELEIRO

Não pense nisso.

O CARTEIRO

Penso. E penso muita vez.

Mudando de tom, como afastando um mau pensamento:

O número da sorte?

O CAUTELEIRO, *mostrando-lhe a lista:*

É o mil e vinte e três.
Não tem jôgo?

O CARTEIRO

Comprei qualquer coisa, há dois dias.
Costumei-me a jogar todas as loterias
Num vigéssimo. Três tostões.

Tirando a carteira do bolso:

Está aqui.

O CAUTELEIRO

Que número?

O CARTEIRO

Não sei.

O CAUTELEIRO

Inda não viu?

O CARTEIRO, *metendo a carteira no bolso:*

Não vi.
Há seis anos que jógo, — e de sorte, nem raça.

O CAUTELEIRO

Dê-mo cá, ti' Romão, que eu vejo-lho de graça.

O CARTEIRO

Não quero. É da pequena. — Está uma mulher.
Comprei-o para ela, — ela é que o há-de vêr.
Abrí-lo, a rir, e lêr o número ao avô.
Faz os sete anos hoje. É a prenda que eu lhe dou.

O CAUTELEIRO

Deixe vêr sempre.

O CARTEIRO

Não. Vai ela vê-lo ao estanco.

Com tristeza, tirando o tabaco:

E depois, para quê? Isto sái sempre branco!

Oferecendo:

Um cigarro?

O CAUTELEIRO, *tirando um cigarro*

Pois vai.

Vendo o ROMÃO *acender a isca:*

Tome tento com isso.

O CARTEIRO

Mas você, porque foi que deixou o serviço?
Que diabo! Isto já foi peor do que é agora.
Deitar oito tostões pela janela fóra!
O pão certo, — e depois, o amparo da velhice...
Ou eu me engano muito, ou você fez tolice.

O CAUTELEIRO

Sim, talvez.

O CARTEIRO

Só se alguêm o ofendeu...

O CAUTELEIRO

Não. Ninguêm.
O serviço era pouco e tratavam-me bem.

O CARTEIRO

Nenhum castigo, nem...

O CAUTELEIRO, *com orgulho*:

Nem uma repreensão!

O CARTEIRO

Mas houve uma razão...

O CAUTELEIRO

Sim, houve uma razão.
Que diabo! Um passo assim não se dá sem motivo.

O CARTEIRO

Nomearam outro supra?

O CAUTELEIRO

Eu já era efectivo.
Não. A coisa foi outra. Olhe: quer que lhe diga?
A minha demissão deu-ma uma rapariga.
Não devia ir-me embora; êle as razões são boas;
Mas isto, a gente cria afeição às pessoas,
E depois custa muito... A vida é uma cadela!
Isto, ter coração...

Mudando de tom e escondendo a comoção:

Venha lá a cautela.
Deixe vêr isso. Fica a história p'ra outra vez.

Cantarolando, pensativo:

O número da sorte é o mil e vinte e três...

O CARTEIRO, *depois dum silêncio:*

Foi uma rapariga então, que... que...

O CAUTELEIRO

Coitada!

O CARTEIRO

Mas que demónio foi que ela lhe fez ?

O CAUTELEIRO

Hum... Nada.

Recordando, vagamente:

Há sete mezes... Tinha entrado a primavera...

O CARTEIRO, *a mêdo*:

Companheira ?

O CAUTELEIRO

Não, não.

O CARTEIRO

Irmã ?

O CAUTELEIRO

Também não era.

O CARTEIRO

Noiva?

A um movimento do outro:

Pode dizer, homem. Sou seu amigo.

O CAUTELEIRO, *com tristeza:*

Sim, ela ia casar, – mas não era comigo.

O CARTEIRO

Nem companheira, nem irmã, nem namorada...
Que se importa você, se ela não lhe era nada?
E que fôsse! As paixões – inda as que mais consomem! –
Não valem o futuro e a carreira dum homem.

O CAUTELEIRO

Eu lhe conto.

Depois dum silêncio:

Há um ano, ano e meio talvez,
Tive a distribuição...

O CARTEIRO

Da zona 2?

O CAUTELEIRO

Da 3.
Nesse tempo — envelhece a gente a recordar! —
Na rua da Barroca, oitenta, quarto andar,
Morava uma pequena, olhos grandes, airosa,
Que engomava p'ra fóra e se chamava Rosa.
Nunca vi uma côr de péle tão bonita!
Sustentava um irmão pequeno, coitadita,
Mas sempre tão alegre e sempre tão contente,
Que só o vê-la rir dava alegria à gente!

O CARTEIRO, *querendo recordar-se*:

Rosa...

Vivamente:

Uma russa?

O CAUTELEIRO

Não. Trigueira. Há mais Marias.

Pausa:

Eu ia-lhe levar todos os oito dias
Uma carta do *Rio*. Amores, com certeza.
Não falhava: em chegando a Mala Real Inglesa,
Lá vinha para a Rosa a carta do Brazil.
Comecei com a zona aí por fins de abril:
Pois durante o ano todo — o que o destino engana! —
A carta não falhou uma única semana.
Quarta-feira, era certo: esperava-me à janela.
E em me vendo chegar, — ai, a alegria dela!
Ria, batia as mãos, par'cia uma criança!
Dava logo a notícia a toda a vizinhança,
Ia a correr à porta, — e eu não via mais nada,
Subia de galgão oito lanços de escada:
— «Adeus, menina Rosa, então como passou?»
Uma escada tão alta, — e nunca me cançou!

Pausa, recordando-se:

Uma vez — é verdade! — uma vez, tardei mais.
Muita correspondência, uns poucos de jornais...
Não me esperava já. Quis experimentá-la.
Entrei, peguei na carta, escondi-a na mala,
Subi a escada a rir, toquei à campainha...
— «A respeito de carta era uma vez, Rosinha!
Hoje não veio!» — «Não?» — Poz-se branca, pasmada...
Se não lhe deito a mão, caía estatelada.
— «Tome lá! Aqui tem! Veja, menina Rosa!»

Fincou as mãos na carta, e ficou tão nervosa,
Tão tonta, tão contente, – inda a sinto, inda a vejo ! –
Que riu, chorou, dançou, e no fim deu-me um beijo.
Quando alguêm se quer bem, – veja lá, veja lá:
Um nada de papel a alegria que dá!

Pausa:

Era o meu pensamento uma semana inteira:
Ir levar a alegria à Rosa engomadeira.
Emquanto não chegava a carta, eu não vivia.
– «Que diabo hei-de fazer se ela falhar um dia?» –
Pensava. E ia sempre a tremer p'ra o correio...
'Té que um dia chegou em que a carta não veio.
Poz-se-me um nó, aqui, a apertar-me a garganta.
Tinha entrado o paquete, – e tanta carta, tanta!
Que remédio... Lá fui para a distribuição.
Havia de dizer-lhe a verdade? Isso não.
Caía para aí doente, – pobre Rosa!
A mentira é melhor porque é mais caridosa.
– «Que o *Avon* não chegou... Acontecia, às vezes..
Uma pouca vergonha, os paquetes ingleses!
Que talvez no outro dia, ou no outro...» Pobre dela
Passei na rua, olhei, não a vi à janela.
– «Ao menos não a vejo. Antes assim.» – A gente...
Isto, olhar que não vê, coração que não sente!
Ficava p'rá semana. Era coisa arrumada.
Oito dias depois, outro paquete, – e nada.
Indaguei, procurei... Aquilo, pensei eu,
Ou o homem a deixou – o canalha! – ou morreu...

O CARTEIRO, *reflexivo, escutando*

Quando gostam dalguêm são umas desgraçadas!

O CAUTELEIRO

Lá fui; passei na rua: as janelas fechadas.
Inda me lembro: as mãos puzeram-se-me frias.
Havia coisa, olá. Sem carta há quinze dias,
A pequena, e não vinha esperar-me à janela?
Entrei na sôbre-loja e perguntei à adela,
Uma alta, bexigosa: — «Olhe lá, ó vizinha.
Que é da menina Rosa?» — «Está doente.» — «A Rosinha?»
— «Tem estado muito mal. Já lá foi o doutor...»
Quis ir vê-la, subir, — mas sem carta era peor.
Ia afligí-la mais. Era pena perdida...
Deitei a mão à mala e lá me fui à vida.
Passou-se uma semana, outra semana inteira,
Dois paquetes, — até que numa quarta-feira,
Fui a vêr, — vinha carta! A carta, finalmente!
Ai, você sabe lá como eu fiquei contente!
Vêr a Rosa! Poder, p'la minha própria mão,
Ir levar-lhe a saúde, a vida, a salvação!
Que alegria p'ra ela, — e p'ra mim, que alegria!
Uma carta, um papel, um nada, — e o que valia!
Não o dava a ninguêm por todo o oiro do mundo!
Entregaram-me a mala e abalei, num segundo.
Subi a rua. Não vi gente. Não vi nada.

Já me caía em baga o suor. Galguei a escada,
Bati à porta: não responderam. Bati
Mais: ninguêm. Inda mais: mas – que diabo! – era ali,
Não me tinha enganado... E ninguêm respondeu.
Desço ao andar de baixo: – «A Rosinha?» – «Morreu.
Enterrou-se ontem mesmo. Estava doente há um mez».
Nesse dia, chorei pela primeira vez.
Porque foi que a não vi? Que a não quis vêr? Covarde!
Ai, as cartas d'amor porque chegam tão tarde?
E porque condição, porque triste segrêdo,
É que as rosas, Senhor, se desfolham tão cedo?

O CARTEIRO, *depois dum silêncio de comoção:*

Para que cemitério a levaram?

O CAUTELEIRO

Prazeres.
As vizinhas de baixo, umas pobres mulheres,
Informaram-me então: – «Não sabe o que a matou?
A carta que o senhor lhe trouxe há um mez. Entrou
A adoecer... Coitada! Há muita gente vil!
Mandaram lá dizer ao noivo p'ra o Brazil
Que ela tinha por cá um homem em Lisboa...
Falsidade maior! E êle, é claro, deixou-a...»
A carta de há um mez, a carta que lhe dei,
Que ela aceitou a rir, – e com que eu a matei!

E a carta que talvez a viesse salvar,—
Era tarde demais para eu lh'a poder dar!
Mas embora,—que diabo! O meu dever, primeiro:
Tinha ali uma carta. Era eu, ou não, carteiro?
Pois bem! Ia fazer—coragem, coração!—
Pela última vez uma distribuição.
E fui ao cemitério. Era um horto, um jardim:
Coval dois mil e seis, uma cruz lá no fim...
Muito sol, muita flôr, a terra inda molhada...
Levei-lhe a última carta à última morada.
Ela já não a lia, a não ser lá do céu;
Mas havia de ouvir-me. Abri-a, e li-lha eu:

Recitando a carta, de cór:

—«Minha querida Rosa. Eu torno-te a escrever
P'ra te pedir perdão do que te fiz sofrer.
Sei já que me enganei (Deus lhes dê o castigo!)
Vou breve a Portugal para casar comtigo...»

Numa lágrima:

Foi preciso morrer p'ra ser feliz... Tão nova!
Lá lhe deixei a carta entre as flôres da cova,
Escondida na terra, ao pé do coração...
Duas horas depois, pedi a demissão.

O CARTEIRO, *reflexivo:*

Desgraças! É a vida,—é o que é. É a vida.
O futuro cortado, a carreira perdida...

O CAUTELEIRO

Foi asneira, talvez. Mas que diabo, – inda bem!
Já não torno a levar a desgraça a ninguêm.

O CARTEIRO

Ora! Quem sabe lá! Isto, a vida ou a morte...

O CAUTELEIRO

Meti-me a cauteleiro, – e agora vendo a sorte.

O CARTEIRO

E eu compro-a.

O CAUTELEIRO

Mas tenho, ou má estrela, ou não sei:
Há seis mezes que a vendo, – e ainda não a dei.

O CARTEIRO

Há seis anos que a compro, – e é sempre por um triz!

O CAUTELEIRO

Deve ser muito bom fazer alguêm feliz!

O CARTEIRO, *tristemente:*

A minha matação é a petiza, coitada...
Era o dote p'ra ela, — e ficava arrumada.

O CAUTELEIRO

Deixe lá, ti' Romão. Uma vez é a primeira.
Quem sabe se aí traz a sorte na algibeira!

O CARTEIRO

Qual história!

Tirando a carteira do bolso:

E depois...

Hesitando:

Isto, assim como assim...

Resolvendo-se e tirando o vigéssimo da carteira:

Veja lá sempre o meu vigéssimo.

O CAUTELEIRO, *recebendo o bilhete dobrado:*

Pois sim.

Abre, olha, a expressão ilumina-se-lhe:

É o mil e vinte e três! É a sorte, Romão!
São seiscentos mil réis!

O CARTEIRO, *mortalmente pálido, vacilando e levando a mão ao peito:*

Ah!

O CARTEIRO

Que é lá isso? Então!

Amparando-o, aflicto:

Compadre!

O CARTEIRO, *numa voz sumida e estrangulada:*

A minha neta... Um irmão meu, no Porto...

O CAUTELEIRO

Então... Ó camarada! – Um copo d'água...

Vendo-o resvalar de bruços, na terra:

Morto!

Gritando:

Valha-me Deus!

O SUJEITO, *aproximando-se*:

Que foi?

O CAUTELEIRO

Um camarada meu ...
Tinha jôgo, quis vêr ... Dei-lhe a sorte, – e morreu.

O SUJEITO, *a um guarda do jardim, que se chega:*

Morto.

Junta-se gente: garotos, uma varina, etc.

O GUARDA, *ao garoto:*

Á esquadra. Uma maca. O chefe que ma mande ...

O CAUTELEIRO, *ao sujeito, olhando tristemente o vigéssimo e o cadáver:*

E é a primeira vez que eu dou a sorte grande!

CAI O PANO

PORTUGAL-BRASIL L.DA

SOCIEDADE EDITORA

58, Rua Garrett, 60—LISBOA

ALBERTO DE OLIVEIRA
Na Outra Banda de Portugal..... 1$50
ALBERTO TELLES
Camilo na Cadeia da Relação do Porto ..... 1$20
ANTONIO GRANJO
A Grande Aventura..... 1$50
AUGUSTO DE CASTRO
Conversar... (Sobre Amores, Ironias, Viagens).. 1$20
CARLOS MALHEIRO DIAS
A verdade Nua, (2.ª ed.) 2$00
A Esperança e a Morte . 1$00
CELSO VIEIRA
O Semeador ..... 1$00
COELHO DE CARVALHO
A Eneida de Virgilio.... 2$00
CONDE DE SABUGOSA
Gente de Algo ..... 3$00
Embrechados, cart. ..... 1$50
EDUARDO DE AGUILAR
Tragedias de Roma .... 1$50
EDUARDO SCHWALBACH
A Historia da Carochinha..... $60
EGAS MONIZ
A Vida Sexual, enc..... 5$00
Um ano de politica ..... 2$00
EMMANUEL LASSERRE
Os Delinquentes Passionaes e o Criminalista Impallomeni ..... 1$20
H. LOPES DE MENDONÇA
Sangue Português (2.ª ed.) ..... 2$00
IRACEMA
Cartas de mulher..... 1$00
JOÃO DE CASTRO
Jornadas pelo Minho.... 1$00
A Comedia de Lisboa ... 2$00
JOÃO DO RIO
A Mulher e os Espelhos, (2.ª edição) ..... 1$50
Correspondencia de uma estação de cura (2.ª ed.) 1$50
JULIO DANTAS
Como elas amam (2.ª ed.) 2$00
Espadas e Rosas, (3.ª ed.) 2$00
Mulheres, (4.ª ed.)... ... 2$00
Sonetos (3.ª ed.)..... $80
JULIO DE CASTILHO
Fastos Portuguezes..... 1$00
L. XAVIER BARBOSA
Cem Cartas de Camillo. 2$50
MANUEL DA SILVA GAIO
De Roma e suas conquistas ..... 1$00
MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO
Paginas escolhidas..... 1$50
MAYER GARÇÃO
Os Cem Sonetos (prefacio) 2$00
OSCAR LOPES
Seres e sombras..... 1$50
PAULO DE GARDENIA
Lecticia..... 1$00
SAMUEL MAIA
Sexo Forte ..... 1$50
SOUSA COSTA
Paginas de Sangue ..... 1$20
Fructo Prohibido. ..... 2$00
STUART TORRIE
Secretario Comercial da Língua Inglêsa, cart.... 2$00
URBANO RODRIGUES
A Duqueza da Baêta ... 1$50
Coração..... $70

Theatro:

H. LOPES DE MENDONÇA
Nó Cégo, 3 actos $80
JULIO DANTAS
D. João Tenorio, 6 actos 2$00
Rosas de todo o ano $40
1023, episodio em verso . $40
Carlota Joaquina, 1 acto. $60
Um serão nas Larangeiras 2$00
MARCELINO MESQUITA
Almas doentes, 2 actos .. $60
URBANO RODRIGUES
A Posse — Ultima Aventura—Maria da Graça $80
VASCO MENDONÇA ALVES
Promessa, 4 actos $60
VICENTE ARNOSO
O Ultimo Senhor de S. Geão..... 1$00

No Prélo:

ALFREDO APELL
Contos Populares Russos. — Tradições do povo portugues e brasileiro comparadas com o folclore estrangeiro.
ANTONIO CABRAL
Eça de Queirós.
JOÃO DO RIO
Rosario da Ilusão.

8-7
1922